UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS

JULIVAL NOVAES DOS SANTOS

HETEROGENEIDADE DE USOS LINGUÍSTICOS NA ESCOLA: A GÍRIA COMUM NO VERNÁCULO DE ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL II

VITÓRIA DA CONQUISTA – BA
2018

JULIVAL NOVAES DOS SANTOS

HETEROGENEIDADE DE USOS LINGUÍSTICOS NA ESCOLA: A GÍRIA COMUM NO VERNÁCULO DE ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL II

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS –, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, como requisito obrigatório para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de Concentração: Linguagens e Letramentos

Orientador: Prof. Dr. Jorge Augusto Alves da Silva

VITÓRIA DA CONQUISTA / BA
2018

S236h

Santos, Julival Novaes dos.

Heterogeneidade de usos linguísticos na escola: a gíria comum no vernáculo de alunos do ensino fundamental II. / Julival Novaes dos Santos, 2018.

142f. il.

Orientador (a): Dr. Jorge Augusto Alves da Silva.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Mestrado
Profissional em Letras – PROFLETRAS, Vitória da Conquista, 2018.
Inclui referência F. 115 – 121.

1. Gíria – Contexto social e escolar. 2. Léxico – Língua - Ensino. 3. Variação linguística. 4. Gíria comum. I. Silva, Jorge Augusto Alves da. II. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS III. T.

CDD 417.2

*Catalogação na fonte**: Juliana Teixeira de Assunção – CRB 5/1890***

UESB – Campus Vitória da Conquista – BA

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA – UESB
Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS

ATA REFERENTE AO EXAME DE DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DO MESTRANDO **JULIVAL NOVAES DOS SANTOS** DO PROGRAMA MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS, DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA – UESB.

Aos trinta e um dias do mês de agosto do ano de 2018, às 14h, na sala 01, localizada no Centro de Aperfeiçoamento Profissional - CAP, *campus* de Vitória da Conquista, **Julival Novaes dos Santos**, regularmente matriculado sob o registro acadêmico nº FEV200023, defendeu a Dissertação "**A GÍRIA COMUM NA ESCOLA: AMPLIAÇÃO DO REPERTÓRIO LINGUÍSTICO DOS ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL II**", perante a Banca Examinadora composta pelos professores doutores: Jorge Augusto Alves da Silva (UESB) – ***Presidente***, Halysson Frankleynyelly Dias Santos (UESB) e Nirvana Ferraz Sampaio (UESB) - **Membros Titulares**, e obteve APROVAÇÃO. Entretanto, o efeito legal desta ata, para o fim específico de emissão de diploma de Mestre Profissional em Letras, está condicionado à entrega da versão definitiva da dissertação no prazo máximo de 60 (sessenta) dias decorridos da data de defesa, qual seja, 31 de outubro de 2018, no Colegiado do Mestrado Profissional em Letras – ProfLetras, na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB, *Campus* Vitória da Conquista, com alterações e/ou correções sugeridas pelos membros da banca, conforme preconiza o artigo 65, capítulo XIII do Regimento Interno do Mestrado Profissional em Letras. Nada mais havendo a ser tratado, eu, Prof. Dr. Jorge Augusto Alves da Silva, encerro a sessão pública de defesa, da qual lavrei a presente ata que, após leitura, será assinada por mim, pelos demais membros da banca e pelo candidato ao título de mestre.

Vitória da Conquista – Bahia, 31 de agosto de 2018.

Prof. Dr. Jorge Augusto Alves da Silva (UESB)
Orientador

Prof. Dr. Halysson Frankleynyelly Dias Santos (UESB)
Examinador

Prof.ª Dr.ª Nirvana Ferraz Sampaio (UESB)
Examinadora

Julival Novaes dos Santos
Mestrando

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, que me agraciou com sabedoria, força, discernimento e perseverança para que eu conseguisse concluir este trabalho.

À minha família, pelo apoio incondicional em todos os momentos que precisei, especialmente aos meus pais, Maria Raimunda e João de Zeca, meus irmãos Juracy, Jonival e Juciele por todo carinho e pelas orações enquanto estive ausente.

À minha avó Maria, por compreender que minha ausência durante as viagens era por uma boa causa. E também à minha cunhada Edicleia, por ter cuidado tão bem dela quando eu não estava perto.

Às minhas tias, tios, primos, primas, sobrinhos e afilhados por estarem sempre em sintonia comigo e torcendo juntos pela realização desse sonho.

Ao meu amigo conterrâneo, Edelvito Almeida do Nascimento, pelo incentivo em ingressar no curso de mestrado. Se não fosse você, meu caro, eu não estaria realizando esse sonho. Gratidão é a palavra de ordem.

Ao meu orientador, professor Dr. Jorge Augusto Alves da Silva, pela compreensão e por todos os ensinamentos. Serie sempre grato, mestre.

Aos componentes da banca de qualificação, professora Drª. Valéria Viana e professora Drª. Nirvana Sampaio pelas valiosas observações e também por aceitarem participar da banca de defesa. De igual forma estendo este agradecimento ao professor Dr. Halysson Frankleynyelly, por ter integrado minha a banca de defesa desta dissertação.

Aos meus colegas de turma pelo companheirismo, especialmente àqueles que se fizeram mais presentes durante a caminhada: Danilo, Celianai, Gina, Maiara e Silene. Vocês são anjos disfarçados de amigos.

A todos os alunos que aceitaram participar da pesquisa, assistindo às aulas, produzindo textos e respondendo atividades. Sem vocês, esta pesquisa não faria sentido algum.

Aos meus colegas de trabalho do Colégio Normal Municipal de Maracás pelo apoio e compreensão durante as minhas ausências.

À CAPES pelo indispensável apoio financeiro, à Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia e ao Programa de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS.

Aos meus pais...

Meus maiores (e melhores) exemplos de humildade, dignidade e honestidade.
Vocês são minha fonte inesgotável de inspiração.

A Palavra
Carlos Drumond de Andrade

Já não quero dicionários
consultados em vão.
Quero só a palavra
que nunca estará neles
nem se pode inventar.
Que resumiria o mundo
e o substituiria.
Mais sol do que o sol
dentro da qual vivêssemos
todos em comunhão,
mudos,
saboreando-a.

RESUMO

Neste trabalho, apresentamos uma descrição e análise do uso da gíria comum pelos alunos do 8º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública do município de Maracás – BA. Por se tratar de uma variedade linguística estigmatizada, que foge do registro padrão da língua, a gíria raramente figura entre as discussões linguísticas nas aulas de Língua Portuguesa. No intuito de viabilizar essas discussões sobre a gíria comum na escola, desenvolvemos uma atividade diagnóstica (em forma de oficina) na qual os discentes tiveram a oportunidade de identificar diversos vocábulos gírios em canções da Música Popular Brasileira e posteriormente refletir quanto ao uso e/ou não uso de tais vocábulos. A partir de então, uma proposta de intervenção pedagógica foi desenvolvida com o objetivo de analisar o uso da gíria comum nos discursos dos alunos do 8º ano do Ensino Fundamental, discutindo-lhe a funcionalidade e sua inclusão como recurso discursivo. Há, portanto, neste trabalho, dois compromissos em evidência: analisar os possíveis sentidos que a gíria comum pode assumir dentro do sistema linguístico e ampliar a competência linguística dos alunos envolvidos na pesquisa. Para fundamentar nossos estudos, realizamos uma revisão teórica acerca do léxico, da variação linguística (especificamente da variação diafásica) e das orientações dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) do Ensino Fundamental de Língua Portuguesa. Dentre os estudiosos que embasaram nossos estudos destacamos: Labov (1972), Vilela (1979), Dubois et. al. (1993), Preti (1984, 2004, 2006), Biderman (1996), Krieger (2006), Patriota (2009), Antunes (2012), Silva; Aguilera (2014) e Bagno (2017). Por fim, constatamos que a realização das atividades de intervenção possibilitou ao aluno refletir sobre o uso da gíria comum levando em consideração as circunstâncias comunicativas, de modo crítico e consciente.

Palavras-chave. Léxico. Variação linguística. Gíria comum. Ensino.

ABSTRACT

In this work, we present a description and analysis of use of common slang by the 8th grade students of a public school from the city of Maracás - BA. Because it is a stigmatized linguistic variety, which escapes from the standard language register, slang rarely appears among the linguistic discussions in Portuguese language classes. In order to enable such discussions about the common slang in school, we developed a diagnostic activity (in the form of a workshop) in which students had the opportunity to identify several gibberish vocabularies in Brazilian popular musics and after reflect on their use and / or I do not use such words. Since then, a proposal for pedagogical intervention was developed with the objective of analyzing the use of common slang in the discourses of the 8th grade elementary students, discussing the functionality and its inclusion as a discursive resource. There are, therefore, two compromises in evidence: to analyze the possible meanings that common jargon can assume within the linguistic system and to extend the linguistic competence of the students involved in the research. In order to base our studies, we carried out a theoretical revision about the lexicon, the linguistic variation (specifically the diaphasic variation) and the National Curriculum Parameters (NCP) orientations of the Basic Language Teaching. Among the scholars who supported our studies, we highlight: Labov (1972), Vilela (1979), Dubois et. al. (1993), Preti (1984, 2004, 2006), Biderman (1996), Krieger (2006), Patriot (2009), Antunes (2012), Silva; Aguilera (2014) and Bagno (2017). Finally, we verified that the intervention activities enabled the student to reflect on the use of common slang taking into account the communicative circumstances, in a critical and conscious way.

Key words. Lexicon. Linguistic variation. Common slang. Teaching.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1:	O espaço simbólico da gíria comum.	29
Figura 2:	Tirinha de livro didático.....	38
Figura 3:	Colégio Normal Municipal de Maracás – Maracás – BA	62
Figura 4:	Propaganda original – Elma Chips	86
Figura 5:	Propaganda adaptada – Elma Chips	86
Figura 6:	Postagem feita por Glória Kalil em sua conta pessoal no *Instagram*.....	88
Figura 7:	Tirinha 1.....	91
Figura 8:	Tirinha 2.....	92
Figura 9:	Tirinha 3.....	93
Figura 10:	Tirinha 4.....	96
Figura 11:	Texto produzido pelo aluno A	98
Figura 12:	Texto produzido pelo aluno B	98
Figura 13:	Texto produzido pelo aluno C	99
Figura 14:	Texto produzido pelo aluno D	99
Figura 15:	Texto produzido pelo aluno E	100
Figura 16:	Anúncio produzido pelo aluno F	101
Figura 17	Anúncio produzido pelo aluno G	101
Figura 18	Anúncio produzido pelo aluno H	102
Figura 19	Anúncio adaptado pelo aluno I	103
Figura 20	Anúncio adaptado pelo aluno J	104
Figura 21	Texto produzido pelo aluno K	104
Figura 22	Texto produzido pelo aluno L	104
Figura 23	Texto produzido pelo aluno M	104
Figura 24	Texto produzido pelo aluno N	105
Figura 25	Texto produzido pelo aluno O	105
Figura 26	Texto produzido pelo aluno P	106
Figura 27	Texto produzido pelo aluno Q	106
Figura 28	Texto produzido pelo aluno R	107
Figura 29	Texto produzido pelo aluno S	107
Figura 30	Texto produzido pelo aluno T	107
Figura 31	Simulação de postagem em rede social	108
Figura 32	Simulação de postagem em rede social	108
Figura 33	Textos produzidos durante a aula	111
Figura 34	Relação uso da gíria x contexto - Aluno A	112
Figura 35	Relação uso da gíria x contexto - Aluno B	112
Figura 36	Texto produzido pelo aluno U	113
Figura 37	Texto produzido pelo aluno V	113

LISTA DE MAPAS

Mapa 1: Mapa de localização de Maracás no Estado da Bahia 58

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Informantes da pesquisa com inicial do nome, idade, sexo e localização de moradia 62

Tabela 2: Vocábulos gírios utilizados para designar dinheiro 103

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Gírias encontradas nas músicas 64

Quadro 2: Significados atribuídos à palavra *cara* 67

Quadro 3: Categorização das gírias comuns por campos semânticos 69

Quadro 4: Segmentação das lexias 71

Quadro 5: Comparação de significados das gírias 79

Quadro 6: Significados atribuídos pelos alunos 80

Quadro 7: Gírias encontradas na tirinha 109

Quadro 8: Avaliação dos vocábulos gírios 109

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Ocorrência da palavra *cara* 66

Gráfico 2: Ocorrência da expressão *tá ligado?* 66

Gráfico 3: Avaliação da gíria *cara* 67

Gráfico 4: Avaliação da gíria *tá ligado?*..... 68

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais

PNLD – Programa Nacional do Livro Didático

UF – Unidade fraseológica

PB – Português Brasileiro

Bras. – Brasileirismo

Gír. – Gíria

Pop. – Popular

Irôn. – Irônico

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	15
1.	**LÉXICO, LÍNGUA E ENSINO: A GÍRIA NO CONTEXTO SOCIAL E ESCOLAR**	21
	1.1 Léxico e língua	21
	1.1.1 PCN e o ensino do léxico: orientações gerais	24
	1.1.2 Gíria: uma abordagem histórico-social	26
	1.1.3 Gíria de grupo e gíria comum: breve análise distintiva	28
	1.2 A gíria em diferentes perspectivas: gramatical, linguística e didática	30
	1.2.1 Tradição gramatical	30
	1.2.2 Perspectiva linguística	33
	1.2.3 Perspectiva didática	37
	1.3 Variação linguística: dando prioridade à variação diafásica	39
	1.3.1 Sociolinguística e léxico: Labov e o AAVE	40
	1.3.2 Sociolinguística: variação diafásica	44
	1.3.3 Sociolinguística: atitude, crença e identidade	47
	1.3.4 Gíria comum: neologismo semântico	53
2.	**MÉTODOS E PROCEDIMENTOS**	57
	2.1 Campo da pesquisa	57
	2.2 A unidade escolar	61
	2.3 Participantes da pesquisa	62
	2.4 Oficina diagnóstica: descrição dos procedimentos	63
	2.4.1 Análise dos dados	64
	2.4.2 Categorização das gírias por campo semântico	68
	2.4.3 Análise dos vocábulos gírios a partir dos critérios morfológicos, semânticos e sintáticos	70
	2.5 Lexias que apresentam apenas a designação de gíria / brasileirismo	72
	2.5.1 Baranga	72
	2.5.2 Grana	72
	2.5.3 Mané	73
	2.5.4 Lombrado	73
	2.5.5 Vacilão	73
	2.6 Lexias que apresentam a designação de gíria em acepções posteriores à primeira	74
	2.6.1 Cara	74
	2.6.2 Tá ligado	75
	2.6.3 Parceiro	76
	2.6.4 Tirando onda	77
	2.6.5 Deu bode	77

2.6.6 Mina 78

2.7 Lexias que não apresentam designação de gíria/brasileirismo em nenhuma acepção 80
2.8 Lexias que não correspondem a nenhuma entrada no dicionário 80

3. PROPOSTA DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA 82
3.1 Oficina 1: Na onda da *Indian* 82
3.2 Oficina 2: Como chama o seu dinheiro? 84
3.3 Oficina 3: Variação da "Etiqueta Linguística" nos textos de Glória Kalil 87
3.4 Oficina 4: Entendeu o que disse? 90
3.5 Oficina 5: Cada um no seu quadrado! 94

4. RESULTADOS, ANÁLISE E DISCUSSÃO 98
4.1 Oficina 1: Na onda da *Indian* 98
4.2 Oficina 2: Como chama o seu dinheiro? 102
4.3 Oficina 3: Variação da "Etiqueta Linguística" nos textos de Glória Kalil 105
4.4 Oficina 4: Entendeu o que disse? 108
4.5 Oficina 5: Cada um no seu quadrado! 112

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS 114

REFERÊNCIAS 116
ANEXOS 123
ANEXO 01 – Oficina Diagnóstica 124
ANEXO 02 – Paródias produzidas pelos alunos 135
ANEXO 03 – Termo de Consentimento T.C.L.E. 140
ANEXO 04 – Termo de Assentimento T.C.L.E. 142

Introdução

A escola é essencialmente um lugar social cuja responsabilidade é a formação intelectual do aluno. Nesse sentido, é importante ressaltar que essa formação é resultado de um processo (sistemático) de escolarização focado, geralmente, na transmissão institucionalizada de conhecimentos. Um dos pilares dessa formação é, sem dúvida, o ensino da língua materna, e, assim, compreendemos que a competência comunicativa dos educandos deva ser o resultado de um ensino que ultrapasse os muros do registro padrão da língua. Perguntamo-nos, então: a escola tem cedido espaço para a heterogeneidade de usos da língua?

Frente a esse questionamento, o nosso estudo fará uma abordagem acerca da presença de gírias nos discursos dos alunos do Ensino Fundamental. Nessa abordagem, serão analisados os usos dessas gírias bem como os sentidos a elas atribuídos tanto pelas obras lexicográficas quanto pelos alunos, no uso real da língua. Manifestação típica da linguagem oral dos jovens, a gíria é um dos fenômenos linguísticos que fogem do registro padrão da língua em virtude, provavelmente, da sua origem marginal. No âmbito da Sociolinguística, a gíria pode ser estudada sob duas perspectivas: a gíria de grupo e a gíria comum. A primeira abrange um vocabulário comumente usado por grupos sociais fechados, e a segunda diz respeito às lexias já existentes na língua, mas que passaram por um processo de vulgarização e são usadas pela comunidade em geral (ou pela maioria dela) assumindo outros sentidos possíveis dentro do sistema linguístico. Nesse contexto, o nosso estudo se pautará numa análise de um *continuum* linguístico lexical pondo em contraste o registro formal/erudito e o registro informal/popular da língua.

O uso da gíria comum pelos adolescentes na atualidade é totalmente perceptível. Na escola, percebemos que esse uso não tem se restringido apenas à oralidade, visto que, em muitos registros escritos, os alunos têm recorrido a essa variedade da língua com o propósito de uma maior expressabilidade, focando, sobretudo, o contexto de uso. Diante dessas evidências, consideramos relevante discutir acerca desses usos, já que tradicionalmente a escola os repudia em virtude da disseminação de uma concepção purista da língua. As nossas hipóteses são: a gíria comum amplia o acervo lexical dos alunos, na medida em que ela é concebida como recurso discursivo; a gíria comum não é abordada em sala de aula em virtude da valorização de uma concepção purista de língua já arraigada nas escolas; os livros didáticos não trazem uma abordagem da gíria comum, como forma de orientar o trabalho

docente. Analisar esses usos significa, sobretudo, explorar a riqueza expressiva de uma variedade da língua tão usada, mas pouco reconhecida e valorizada dentro e fora da comunidade escolar.

Sendo assim, esse trabalho traz como objetivo geral desenvolver uma intervenção pedagógica com os alunos do 8º ano do Ensino Fundamental no intuito fazer com que esses discentes reflitam sobre o uso da **gíria comum** enquanto recurso discursivo extremamente importante na interação linguística/social. Nossos objetivos específicos consistem em:

- ✓ Discutir os usos da **gíria comum** pelos alunos do Ensino Fundamental;
- ✓ Analisar vocábulos gírios a partir de critérios morfológicos, semânticos e sintáticos;
- ✓ Descrever o *continuum* das lexias situando a gíria comum entre a linguagem formal escrita e a linguagem popular;
- ✓ Avaliar os níveis de atitudes linguísticas dos alunos em face do uso e/ou não uso de vocábulos gírios;
- ✓ Comparar os valores atribuídos aos vocábulos gírios em contextos distintos;
- ✓ Analisar a descrição de vocábulos gírios em dicionários gerais e escolares.

Por se tratar de um trabalho de cunho sociolinguístico aliado a conceitos e estudos da lexicologia, nossas discussões perpassam pelos estudos de diversos pesquisadores da linguagem, tais como: Bluteau (1728), Jucá filho (1968), Bernstein (1971, 1973) , Labov (1972), Gillon et. Al. (1972), Gallino (1978), Vilela (1979), Barbosa (1981) , Preti (1984, 2004, 2006), Cunha e Cintra (1985, 2008), Cegalla (1985), Michaelis (1998), Capinussu (1988), Souto Maior (1992), Boudon; Bourricaud (1993), Dubois et. Al. (1993), Biderman (1996), Bourdieu (1996 [1930]), André (1997 [1981]), Trask (1997; 2004), Johnson (1997[1995]), Burke; Porter (1997[1995]), Roth (1998), Wheeler (1999), Pessoa (2000), Vip; Libi (2000), Rocha Lima (2000), Trudgill (2000 [1974]), Houaiss; Vilar (2001), Neves (2002 [1997]), Louw; Nida (2003[1989]), Remenche (2003), Scheibein (2006), Ilari; Basso (2006), Silva (2008), Patriota (2009), Cardoso (2010), Saconi (2010), Burke (2010), Antunes (2012), Bortoni-Ricardo (2014), Silva; Aguilera (2014), Faraco (2016), Lucchesi (2016), Bagno (2017).

De modo particular, podemos dizer que Sociolinguística é o ramo da Linguística que estuda as relações entre língua e sociedade. Numa abordagem mais abrangente, é possível

afirmar que língua e sociedade são realidades que se inter-relacionam e, além disso, são interdependentes. Sendo assim, todo processo inerente à variação e à mudança linguística que ocorre em virtude das interações e práticas socioculturais, correlacionando variáveis linguísticas (estruturais) e variáveis extralinguísticas (sociais) é objeto de estudo da Sociolinguística.

Nessa perspectiva, Bagno (2007) adverte que

> O objetivo central da Sociolinguística, como disciplina científica, é precisamente relacionar a heterogeneidade linguística com a heterogeneidade social. Língua e sociedade estão indissoluvelmente entrelaçadas, entremeadas, uma influenciando a outra. Para o sociolinguista, é impossível estudar a língua sem estudar, ao mesmo tempo, a sociedade em que essa língua é falada, assim como também outros estudiosos – sociólogos, antropólogos, psicólogos sociais etc. – já se convenceram que não dá para estudar a sociedade sem levar em conta as relações que os indivíduos e os grupos estabelecem entre si por meio da linguagem. (BAGNO, 2007, p. 38).

Fica evidente, portanto, que a relação entre língua e sociedade é indiscutível. Contudo, é preciso destacar que essa relação já fazia parte da reflexão de muitos autores do século XX, conforme salienta Souza (2006). Segundo a pesquisadora, estruturalistas ou não, a grande maioria dos linguistas e filósofos[1] da época, já concebiam a linguagem como um fato social, antes mesmo da Sociolinguística ganhar espaço como disciplina autônoma a partir da década de 60. Mas foi a partir dos estudos Labov, Weinreich e Herzog[2], que de fato os fatores linguísticos e extralinguísticos começaram a ser levados em consideração na compreensão da diversidade linguística. A partir de então, eis que surge a Teoria da Variação e Mudança, também de denominada de Sociolinguística Variacionista, Quantitativa ou Laboviana.

Em síntese, a Sociolinguística Variacionista visa à compreensão da língua em funcionamento, essencialmente no que tange às variações nas realizações individuais dos falantes em uma determinada comunidade de fala[3]. Para tanto, existe a necessidade de identificar a identidade social desses falantes, como idade, escolaridade e sexo/gênero, por

[1] Como por exemplo, Antonie Meillet (1866-1936), Mikhail Bakhtin (1895-1975), Marcel Cohen (1884-1974), Émile Bienveniste (1902-1976) e Roman Jakobson (1896-1982).

[2] O marco inicial desses estudos foi a publicação de duas obras, a saber: *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística* (1968), escrita conjuntamente pelos três linguistas, e *Padrões sociolinguísticos* (1970), escrito por Labov.

[3] A comunidade de fala não é definida por nenhum acordo marcado quanto ao uso dos elementos da língua, mas, sobretudo, pela participação em um conjunto de normas compartilhadas. Essas podem ser observadas em tipos claros de comportamentos avaliativos, e pela uniformidade de seus termos abstratos de variação, que são invariáveis com relação aos níveis particulares de uso (LABOV, 1972, p. 120-121).

exemplo. Nos pressupostos teórico-metodológicos dessa teoria, esse conjunto de fatores é denominado de variáveis.

Ao produzir uma ação verbal, a depender das circunstâncias que o cerca, o falante tende a fazer uma adequação da linguagem a ser utilizada. É nesse contexto que ocorrem as variedades de registros as quais podem ser classificadas de maneira abrangente como formais e informais.

Segundo Marinho (2006),

> O registro formal se caracteriza pela escolha de expressões e/ou construções mais próprias da variedade padrão escrita, de informações que resultam de maior elaboração intelectual, de conteúdo considerado rico e complexo. Esse registro prevalece nas situações em que existe um distanciamento entre os falantes, ou seja, nas situações que impõem "cerimônia" entre eles (MARINHO, 2006, p. 37-38).

Compreendemos, nesse sentido, que se trata de uma situação comunicativa onde deve haver mais monitoramento em relação ao uso da linguagem. Quanto ao registro informal a referida autora destaca ainda que "se caracteriza pela escolha de formas de linguagem que atendam às necessidades comunicativas cotidianas, sem preocupação com o refinamento ou a precisão na maneira de se expressar" (MARINHO, 2006, p. 38). Ou seja, nessas condições, exige-se do falante menos monitoramento quanto às suas construções linguísticas.

Para Bortoni-Ricardo (2004), o entendimento sobre a variação no português brasileiro, perpassa pelo conhecimento de três linhas, denominadas por ela de contínuos: contínuo de urbanização; contínuo de oralidade-letramento e o contínuo de monitoração estilística. Acerca desse último, a autora destaca que

> Nós nos engajamos em estilos monitorados quando a situação assim exige, seja porque nosso interlocutor é poderoso ou tem ascendência sobre nós, seja porque precisamos causar boa impressão ou ainda porque o assunto requer um tratamento muito cerimonioso. De modo geral, os fatores que nos levam a monitorar o estilo são: o ambiente; o interlocutor e o tópico da conversa (BORTONI-RICARDO, 2004 p.62-63).

É importante salientar ainda que o nível de monitoramento linguístico também está associado ao nível socioeconômico do falante. Geralmente, indivíduos pertencentes às classes mais prestigiadas da sociedade são mais expostos a situações que requeiram o emprego do

registro formal, ao passo que os falantes das classes mais populares, comumente são menos expostos às situações comunicativas mais monitoradas.

Ao conceituar o termo *continnum linguístico*, Bagno (2017, p. 64) se reporta a Labov (1972a) e afirma que o linguista estadunidense "conceitualizou a **variação estilística** ao longo de um *continuum* monolíngue unidimensional que inclui dois estilos conversacionais (fala espontânea e fala cuidada) [...]" (grifo do autor). Logo, podemos inferir que desde os estudos labovianos compreende-se que ao produzir suas realizações linguísticas, os falantes tendem a fazer uma alternância entre o estilo monitorado e o estilo não monitorado a depender do contexto sociocomunicativo.

O nosso texto dissertativo estrutura-se em quatro seções. Na primeira, denominada *Léxico, língua e ensino: a gíria no contexto social e escolar*, apresentamos, inicialmente, as concepções de léxico com as quais lidamos, baseando-nos em Vilela (1979), Biderman (1996), e Krieger (2006). Posteriormente discutimos acerca das orientações dos PCN sobre o ensino do léxico e comparamos tais orientações com o programa de estudo do léxico proposto por Antunes (2012). Ao fazermos uma abordagem histórico-social da gíria bem como estudá-la sob a perspectiva da gíria de grupo e gíria comum, amparamo-nos teoricamente em Preti (2004; 2006), Burke (2010), Gallino (1978), Bourdieu (1996 [1930] e Bagno (2017). Ainda nesta seção, analisamos a gíria nas perspectivas gramatical, linguística e didática. Para tanto, recorremos aos seguintes autores: Cegalla (1985), Rocha Lima (2000 [1973]), Cunha e Cintra (2008), André (1997 [1981]), Dubois et. Al. (1993), Trask (2004), Preti (1984), Patriota (2009), Penteado et al. (2015), Cereja e Magalhães (2013). Finalizando as discussões desta seção, apresentamos as bases teóricas que sustentam nossa abordagem sobre a gíria comum sob o ponto de vista da Sociolinguística (variação diafásica) e na concepção da gíria comum enquanto neologismo semântico. Nesse sentido, dentre os teóricos consultados destacamos Bernstein (1971, 1973), Lucchesi (2016), Bortoni-Ricardo (2014), Labov (1972), Burke; Porter (1997[1995]), Remenche (2003), Silva (2008), Scheibein (2006), Saconni (2010), Ilari; Basso, 2006), Trudgill (2000[1974]), Cardoso (2010), Houaiss (2001), Trask (1997) e Bagno (2017).

Na segunda seção, apresentamos os métodos e procedimentos da pesquisa. Para tanto, precisamos dividi-la em quatro subseções. Na primeira, apresentamos campo da pesquisa; na segunda, a unidade escolar; na terceira, os participantes da pesquisa e na última todo o percurso metodológico, da oficina diagnóstica. Para embasar nossas discussões nessa seção,

consultamos os seguintes autores: Baldissera (2001), Nascimento (2014), Silva (2000), Machado (2016), Santana (2014), Campos (2014) e Ferreira (1999).

A terceira seção é composta pela proposta de intervenção didático-pedagógica representada por cinco oficinas (respaldadas teoricamente nas discussões propostas na seção inicial). Na quarta e última seção do nosso trabalho discutimos os resultados obtidos na intervenção pedagógica acerca do uso das gírias em diversos contextos sociocomunicativos, pelos alunos do ensino fundamental.

Nas Considerações finais avaliamos aonde nos levou o estudo proposto e quais rumos ele ainda pode tomar. Nesse sentido, pontuamos a importância de se explorar as questões referentes ao léxico, essencialmente no que tange ao uso da gíria comum.

1 LÉXICO, LÍNGUA E ENSINO: a gíria no contexto social e escolar

Por questões metodológicas, decidimos que nessa primeira seção apresentaríamos noções gerais relacionadas ao estudo do léxico, mormente, destacando-lhe o papel nos estudos linguísticos modernos, dando enfoque ao conceito de gíria e às percepções (dentro da Linguística e fora dela) sobre nosso tema.

Inicialmente, vamos discutir qual o conceito de léxico com o qual lidamos, para em seguida apresentar como o ensino do léxico é visto por documentos oficiais. Assim traçado nosso percurso inicial, apresentamos o conceito de gíria, ao mesmo tempo em que fazemos uma análise crítica da gíria sob três perspectivas: a da tradição gramatical, a da Linguística Moderna e da abordagem pedagógica, materializada no livro didático. Nossas discussões, certamente, nos levam a fundamentar a proposta didática que elaboramos propondo reflexões sobre o uso de gírias no Ensino Fundamental. Para tanto, essas discussões serão fundamentadas teoricamente nos estudos propostos por Vilela (1979), Biderman (1996), Krieger (2006), Antunes (2012), Preti (2004; 2006), Burke (2010), Gallino (1978), Bourdieu (1996 [1930]), Cegalla (1985), Rocha Lima (2000 [1973]), Cunha e Cintra (2008), André (1997 [1981]), Dubois et. Al. (1993), Trask (2004), Preti (1984), Patriota (2009), Penteado et al. (2015), Cereja e Magalhães (2013), Bernstein (1971, 1973), Lucchesi (2016), Bortoni-Ricardo (2014), Labov (1972), Burke; Porter (1997[1995]), Burke (2010), Remenche (2003), Silva (2008), Scheibein (2006), Saconni (2010), Ilari; Basso, 2006), Trudgill (2000[1974]), Cardoso (2010), Houaiss (2001), Trask (1997) e Bagno (2017).

1.1 Léxico e língua

Devido à sua representatividade, o léxico pode ser considerado a base estruturante de uma língua, logo, é impossível conceber língua sem léxico. Numa visão mais geral, o léxico corresponde ao amplo acervo de palavras de que uma língua dispõe, em outros termos, o léxico "[...] é, em primeiro lugar, entendido como o conjunto de unidades linguísticas básicas (morfemas, palavras e locuções) próprias duma língua [...]" (VILELA, 1979, p.9). Numa denominação mais específica, o léxico é visto também como "[...] o lugar da estocagem da significação e dos conteúdos significantes da linguagem humana" (BIDERMAN, 1996, p. 27). De início, devemos destacar que o papel do léxico em nossa linguagem não se trata

apenas de uma relação entre palavras[4] e coisas, mas sim de uma relação entre o que Antunes (2012) chama de "[...] categorias cognitivas que construímos das coisas ao longo de nossa experiência e as palavras de que a língua vai dispondo para expressar tais categorias" (ANTUNES, 2012, p. 27). Assim dito, compreendemos que as palavras que compõem o léxico de uma língua são, de fato, a representação linguística dessas categorias cognitivas que os indivíduos constroem e armazenam durante a vida. Salientamos ainda, que se trata também de uma relação sócio-histórica, já que perpassa pela experiência, não apenas individual, mas de uma coletividade, de uma comunidade linguística. Em síntese, podemos dizer que o conhecimento que construímos ao longo do tempo, depende, fundamentalmente, da significação dos itens lexicais com os quais temos contato no ambiente social e na construção histórica que nos constituem como pessoas pertencentes a um grupo social.

Não podemos omitir, neste momento, a crítica que Labov (1972) apresentou à leitura equivocada que psicólogos fizeram ao interpretarem o baixo desempenho de negros norte-americanos ao compará-los com os brancos como uma falta de compreensão de um vocabulário comum[5].

Para Krieger (2006), além de ocupar um lugar central nas línguas, o léxico é um "componente de muitas faces" (KRIEGER, 2006, p. 159). Essa concepção se justifica, entre outras coisas, em virtude do caráter polissêmico de um incontável número de palavras que compõem o léxico de uma língua. A respeito desse *caráter polissêmico*, devemos destacar que os vários sentidos hierarquizam na escala social, segundo fatores externos à língua, conforme a classe social, a idade, o sexo e a instrução formal do utente. Tal fato linguístico torna-se mais visível quando se trata de vocabulário gírio, já que nele impera uma hierarquização social, nitidamente demonstrada nos dicionários. Vamos aos fatos. O nosso despretensioso "abacaxi[6]" ora é considerado como "linguagem informal" (HOUAISS; VILLAR, 2001) ora

[4] Embora seja mais conhecia por seus trabalhos sobre a Gramática, Maria Helena de Moura Neves (2002 [1997]) também produziu reflexões acerca das implicações lexicográficas na tradição constitutiva de dicionários. Neves (2002 [1997]) observa que relação quase forçosamente biunívoca entre a entrada do verbete e o sentido apontado pelos dicionários carece de avaliações quanto ao uso, ao que a autora chama de "[...] pouca aplicabilidade das definições à utilização real da língua" (NEVES, 2002 [1997], p.208). Para a autora, a contextualização do léxico no dicionário, mesmo que isso implique em observações gramaticais, embora sejam insuficientes, pode abrir a possibilidade para que o consulente se desvie de um acervo lexical que não esteja relacionado ao uso. Isso posto, a fala da autora nos leva a conjectura que mesmo dentro de uma sincronia existe um acervo mais de uso real e menos de uso real.

[5] Retomaremos essa discussão na página 40.

[6] O significado prototípico de abacaxi conforme o dicionário Aulete Digital corresponde à "planta bromeliácea (*Ananas comosus*), nativa do Brasil, de casca grossa e espinhenta e fruto muito suculento". Em acepções posteriores também há o registro dos demais significados que a palavra apresenta, inclusive, o que se refere (no vocabulário popular) à situação ou coisa que encerram complicações, na terceira acepção.

"gíria" (MICHAELIS, 1998) na acepção de "coisa de difícil solução" a depender dos "escrúpulos" dos dicionaristas.

Além disso, o léxico de uma língua afigura-se dinâmico e acerca dessa dinamicidade que envolve as questões lexicais, Antunes (2012) esclarece que ao contrário da sintaxe e da fonologia[7], o léxico é um componente mais maleável, moldável da língua por estar sempre, como diz o étimo dínamo, em movimento em consonância aos espaços sociais e temporais nos quais são utilizados. Vejamos o que nos diz a autora:

> [...] é aberto, inesgotável, constantemente renovável, não apenas porque surgem novas palavras, mas, também, pela dinâmica interna das palavras, que vão e vêm, que desaparecem e reaparecem, que mantêm seus significados ou os mudam, de um lugar para outro, de um tempo para outro. (ANTUNES, 2012, p. 29)

É nessa perspectiva de renovação (e ressignificação) lexical que surge a gíria: dialeto social restrito ao léxico, responsável pela atribuição de novos significados a itens lexicais já existentes na língua.

Para finalizarmos nossa abordagem acerca dessa relação indissociável entre léxico e língua, consideramos importante evidenciar a distinção, já consensual na área da linguística, entre léxico global e léxico individual. O conjunto de todas as palavras existentes numa língua é compreendido como léxico global. Desse conjunto, aquelas que são usadas e compreendidas por um falante, fazem parte do seu léxico individual. Além disso, é oportuno destacar ainda que para nos referirmos às unidades linguísticas que compõem o *corpus* deste trabalho iremos usar a designação *lexia*[8]. Quando se tratar de uma unidade simples, denominaremos de *lexia simples*, ao passo que as locuções receberão a designação de *lexias complexas* ou *unidades fraseológicas*[9] (UF).

---

[7] Ao estabelecer essa comparação, essa autora ressalta que na sintaxe e na fonologia, as possibilidades são quase inexistentes.

[8] Segundo Pottier (1974), lexias são elementos lexicais ou lexemas – unidades funcionais significativas de comportamento linguístico que se opõem ao morfema e à palavra e que assumem o papel central na distinção das partes do discurso. Podem ser simples, compostas ou complexas.

[9] Acerca das UF, Biderman (1999, p. 95) recorre às palavras de Corazzari para explicitar a definição: "[...] as unidades fraseológicas (UF) são sequências de palavras que têm uma coesão interna do ponto de vista semântico e que possuem propriedades morfossintáticas específicas".

1.1.1 PCN e o ensino do léxico: orientações gerais

Nessa subseção, vamos apresentar as bases legais que fundamentam o ensino sistemático do léxico, traduzido no dever que a escola tem de organizar situações didáticas que levam o discente à autonomia de sua aprendizagem. Nossa análise pauta-se numa interpretação do aparato legal que nos fornece lastro e luz para entendermos a questão do léxico no Ensino Fundamental.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa trazem orientações didáticas para os professores de língua materna no que tange ao ensino de alguns conteúdos. O volume correspondente aos terceiros e quarto ciclos do Ensino Fundamental contempla três conteúdos, a saber: variação linguística, léxico e ortografia. Consideramos importante fazer uma abordagem acerca de tais orientações no que concerne ao ensino do léxico.

De acordo com os PCN (1998), o trabalho com o léxico [em sala de aula] não se reduz a apresentar sinônimos de palavras que o aluno desconheça, mas em levar o discente (em sua condição de leitor) à ampliação de sua competência linguística[10]. Dessa forma, o documento propõe que o ensino do léxico seja feito por meio de "situações didáticas" que devem favorecer:

(1) A construção de estratégias de manipulação (= uso) de palavras;
(2) O processamento de palavra.

Com base nessas duas ações "manipular" e "processar", vemos que os PCN tratam, em tese, o léxico como parte ativa na aquisição de autonomia discursiva ("ações discursivas[11]"). No entanto, antes de chegar a essa conclusão, o documento oficial aponta a necessidade do ensino sistemático ["situações didáticas"], traduzido naquele documento como "aprender" e "empregar". Ora, em que se justificam os PCN para recomendar o ensino do léxico? A resposta para tal questionamento que, a princípio era retórico, podemos retirar do próprio documento:

> Considerando a densidade lexical dos universos especializados, em que a carga de sentidos novos supera a capacidade do receptor de processá-los, o domínio de amplo vocabulário cumpre papel essencial entre as habilidades do leitor proficiente. A escola deve, portanto, organizar situações didáticas

[10] Segundo Travaglia (2011), a competência linguística é a capacidade do usuário da língua de produzir e entender um número infinito de sequências linguísticas significativas, que são denominadas sentenças, frases ou enunciados, a partir de um número finito de regras e estruturas.
[11] Essa terminologia é própria de Antunes (2012).

> para que o aluno possa aprender novas palavras e empregá-las com propriedade (BRASIL, 1998, p. 84).

Como vimos, os PCN reconhecem algumas características indissociáveis do léxico:

a) A existência de campos semânticos particulares (= "universos especializados") que levariam o estudante-leitor a estar em contato com situações ainda não previstas em seu repertório lexical, mas que estariam presentes na língua[12];
b) O compreensível descompasso entre os múltiplos e os novos sentidos e os limites da compreensão do estudante-leitor[13];
c) O papel que o léxico cumpre na expansão da habilidade de construir cada vez mais sentidos à medida que o leitor se torna mais proficiente[14].

Nesse ponto do enfrentamento didático das questões relativas ao léxico, o documento nos revela que é tarefa da escola "[...] organizar situações didáticas para que o aluno possa aprender novas palavras e empregá-las com propriedade" (BRASIL, 1996, p.84). Tal situação leva-nos a refletir sobre o espaço do ensino "organizado" do léxico em sala de aula.

Olhando para nossa experiência, faltam às escolas situações didáticas[15] eficientes que sejam capazes de atender às diversas perspectivas que o estudo do léxico de uma língua propõe. Parece-nos que tal situação é mais frequente no âmbito escolar já que é tratada em capítulo especial pelos PCN os quais indicam, dentro de um plano, algumas atividades que podem "[...] orientar o aluno na construção de relações lexicais, de modo a, progressivamente, construir um conjunto de estratégias de manipulação e processamento de palavras" (BRASIL, 1998, p. 84). Os procedimentos didáticos sugeridos envolvem o trabalho com os mecanismos de derivação, aos quais são acrescentadas reflexões sobre os conjuntos de hipônimos e hiperônimo, para destacar a análise da funcionalidade de empregos figurados de palavras e expressões, numa perspectiva discursiva.

---

[12] Na variedade do Português urbano, certamente, empregamos o verbo "aturar" no sentido de "enfrentar ou suportar com paciência", no entanto, o verbo "aturar" é no Português rural empregado como sinônimo de durar, ter durabilidade: "O xarope só aturou três dias. Azedou".

[13] Como bem esclareceu Wolfgang Roth (1998), a Semântica Histórica tem demonstrado que ao logo dos séculos às palavras são acrescentados novos sentidos e que é comum que outros sentidos sejam "esquecidos" em dado momento histórico e possam reaparecer em outros, afetando inclusive estruturas gramaticais da língua.

[14] Lucilene Bender de Sousa e Rosângela Gabriel, em Aquisição lexical através da leitura, demonstram ser possível mapear o incremento lexical à medida que o aprendiz torna-se proficiente em lidar com textos diversos.

[15] Antunes (2012) denomina essas situações didáticas de programas de estudo.

Por outro lado, consideramos que tais sugestões, embora não possam ser desconsideradas, não são suficientes o bastante para contemplar as mais diversas possibilidades de se trabalhar com o léxico em sala de aula. Os estudos de Antunes (2012) fundamentam nossa percepção, uma vez que ela apresenta "[...] um conjunto de princípios teóricos, a partir dos quais seja possível descobrir outras opções e outros procedimentos de ensino, sobretudo em relação ao léxico [...]" (ANTUNES, 2012, p. 152). No programa de estudo do léxico proposto por Antunes (2012), a linguagem é concebida como ação discursiva; assim, o vocabulário é visto como elemento estruturante do texto, havendo uma preocupação em atender as demandas sociais da competência verbal[16] e, além disso, deixando evidente que, em virtude da dinamicidade da língua, o léxico está em permanente renovação e expansão.

Consideramos, portanto, que atividades didáticas ("situações didáticas") que contemplam esses princípios teóricos [expostos no documento legal] compõem um programa de ensino do léxico que pode trazer resultados significativos ao processo de ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa.

É com base em tais reflexões que surgiu a nossa proposta de trabalhar atividades didáticas tendo como fenômeno linguístico a gíria. Na subseção seguinte, vamos tratar do conceito de gíria a partir de uma abordagem histórico-social.

1.1.2 Gíria: uma abordagem histórico-social

A gíria é essencialmente um fenômeno sociolinguístico. Manifestação típica da linguagem oral, a gíria ao longo dos anos, foi a rigor, associada aos grupos marginalizados da sociedade. A esse respeito, Dino Preti, com larga experiência em lidar com o tema, sintetiza a visão que as sociedades nutrem sobre os vocábulos gírios:

> [...] quando se trata da história da gíria, conhecê-la significa penetrar no mundo da marginalidade, na vida dos grupos excluídos da sociedade pela sua própria condição de pobreza ou pelas suas atividades peculiares (não raro ilícitas), os quais buscam com a criação de um vocabulário criptológico uma forma de defesa de suas comunidades restritas. (PRETI, 2006, p. 242)

[16] Terminologia própria de Antunes (2012).

Dito dessa forma, Preti (2006) faz uma radiografia da gíria, colocando-a em uma hierarquia de *status* social. A origem do vocabulário gírio é, muito provavelmente, o motivo pelo qual houve e (ainda há) tanta resistência quanto ao uso dessa vertente do vocabulário popular. Nesse contexto, podemos observar a estreita relação entre preconceito social e preconceito linguístico. A esse respeito, Burke (2010) informa-nos que, conscientemente, a Europa viveu uma cruzada de purificação das línguas nacionais entre os séculos XIX e XX, promovendo uma tentativa de aumentar a "dignidade" vernacular de muitas palavras. Exemplo disso recairia sobre a atitude da Academia Francesa em extirpar palavras de baixo calão ("termes d'emportement" = termos de desabafo, termos violentos, termos rudes). No entanto, como enfatiza Burke (2010) o critério para essa extirpação residiria no uso das classes superiores. Tal censura levaria o Larousse (1972) a informar ao leitor que fez aditamentos de nomes populares e gíricos em sucessivas edições desde 1856, mas que tais aditamentos vinham devidamente assinalados com expressões: "mot familier, populaire ou argotique[17]" (GILLON et al., 1972, p.3).

Quanto aos registros escritos dessa linguagem especial, Preti (2006) esclarece que os primeiros documentos com gírias parecem datar do século XV na França (o chamado *argot*) que surgiram em versos de um poeta popular, François de Villon e, posteriormente, em textos que remetem à linguagem dos marginais e mascates, durante o conturbado período da Guerra dos Cem Anos[18]. Ainda segundo esse autor, os primeiros documentos com gírias surgidos na Espanha datam do século seguinte por influência do *argot* francês. Em Portugal, os primeiros indícios da ocorrência do vocabulário associado à gíria aparecem na obra de Gil Vicente, também no século XVI.

No Brasil, poucos são os documentos escritos que evidenciam o surgimento do vocabulário gírio. De acordo com Preti (2004), apenas na poesia satírica de Gregório de Matos Guerra, é possível identificar alguns vestígios desse vocabulário no século XVII. O fator determinante para o surgimento da gíria no Brasil foi o crescimento das cidades brasileiras, essencialmente, a capital Rio de Janeiro, a partir dos fins do século XIX, quando determinados grupos sociais (supomos os grupos sociais marginalizados) começam a usar tal linguagem, ressalta Preti (2004). Por isso, certamente, até hoje certas gírias continuam associadas, muitas vezes, aos ambientes urbanos e a dadas classes sociais.

[17] Palavra familiar, popular ou gíria.
[18] Iniciada em 1337, a Guerra dos Cem Anos foi um evento que marcou o processo de formação das monarquias nacionais inglesa e francesa.

No entanto, nem toda gíria restringe-se a grupos menos favorecidos na hierarquia social. Na subseção seguinte, vamos discutir como a gíria se insere no seio social, sem estar diretamente relacionada ao status econômico do seu falante.

1.1.3 Gíria de grupo e gíria comum: breve análise distintiva

Se, por um lado, registra-se o nascimento da gíria associado à linguagem dos malfeitores (grupo restrito de uma determinada comunidade), por outro, há a percepção de que a gíria pode passar por um processo de expansão "territorial" por entre grupos sociais foi também tema de análise de estudiosos tanto da Sociolinguística (PRETI, 2004; BAGNO, 2017) quanto da Sociologia (GALLINO, 1978).

Restringindo-nos à Sociolinguística, os estudos sociolinguísticos demonstram que a gíria pode ser estudada sob duas perspectivas: a primeira, chamada de *gíria de grupo*, que abrange um vocabulário comumente usado por grupos sociais fechados, e por conta disso, possui o traço de isolamento como característica. A segunda é denominada *gíria comum*, cujo foco é o processo de vulgarização (= popularização) pelo qual a gíria passa quando ultrapassa os limites grupais.

Vamos recorrer à autoridade de Preti (2004) para entendermos melhor a questão. Ao tratarmos de *gíria de grupo*, estamos nos reportando a "[...] um vocabulário de grupos sociais restritos, cujo comportamento se afasta da maioria, seja pelo inusitado, seja pelo conflito que estabelecem com a sociedade".

Para exemplificação, citemos o trabalho de Angelo Vip e Fred Libi, curiosamente intitulado "Aurélia, a dicionária da língua afiada" (2000). O pequeno dicionário procurou reunir a linguagem própria de grupos "gays", buscando alocá-los geograficamente. Uma dos verbetes é "alibã" para quem os autores atribuem uma origem no "bajubá" (o mesmo que pajubá[19]). Vamos *ipsis litteris* ao verbete:

> - Alibã – (do bajubá) S.m. 1. Policial. Polícia; 2 (RJ) Significa também o carro-patrulha (que não o camburão) (este denomina-se tia Cleide). (VIP; LIBI, 2000, p.18)

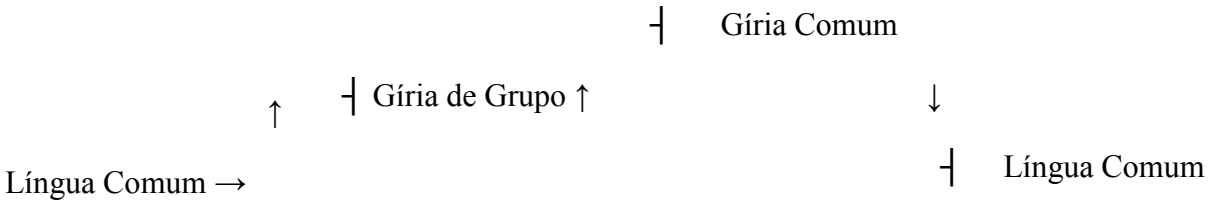
[19] Linguagem ritualística, muitas vezes, associada a alterações de formas do ioruba ritualístico dos candomblés. (PESSOA, 2000).

Tal forma linguística não aparece registrada nos dicionários da Língua Portuguesa e faz parte de um código criptológico que caracterizaria a expressão de uma dada comunidade linguística. Por outro lado, haveria formas cuja veiculação seria capaz de atingir a língua comum, ocorrendo, portanto, uma expansão da comunidade de utentes. A esse fenômeno de mudança lexical, Preti denomina-a de *gíria comum*, esclarecendo que, em casos não raros, pode haver a vulgarização da gíria, processo que acontece quando "[...] momento em que, pelo contato, dos grupos restritos com a sociedade, essa linguagem se divulga, torna-se conhecida, passa a fazer parte do vocabulário popular, perdendo sua identificação inicial" (PRETI, 2004, p.66), em outros termos, há uma perda da natureza criptológica da gíria.

Pare exemplificação, vamos recorrer a Capinussu (1988), mais restritamente o termo "cera". Em vernáculo, "[...] cera é a substância, mole e amarelada com que as abelhas fabricam favos" (CAPINUSSU, 1988, p.54), tendo o vocábulo português origem no latino *cera, -ae* (s.f.) = a cera (KOELHER, 1957, p.70). No vocabulário futebolístico, Capinussu (1988,p.54) define-o como "[...] Recurso antiesportivo, lícito ou ilícito, usado para fazer o tempo passar ou retardar o ritmo do jogo, que consiste em reter a bola desnecessariamente, chutá-la para fora, simular contusões, etc."

Para fins didáticos, vejamos o seguinte esquema explicativo:

Figura 1 – O espaço simbólico da gíria-comum



Fonte: Elaboração própria

Outrossim, sobre esse processo de vulgarização ou popularização da gíria, Bagno (2017) ressalta que " [...] as gírias tendem a se difundir progressivamente rumo à fala cotidiana dos outros grupos sociais, perdendo desse modo seu caráter críptico." (BAGNO, 2017, p. , p. 157). Compreendemos, nesse sentido, que ao alcançar tal abrangência (extensão), vocábulos gírios usados pela sociedade em geral (ou por grande parte dela) passam a ser

caracterizados como *gíria comum*, passando a figurar nos dicionários com a designação sob tal etiqueta, podendo ser até incluído como "popular" [20].

No entanto, os usos gírios sofrem sanções sociais já que historicamente estão atrelados aos grupos de onde surgiram. Recorrendo a Bourdieu (1996 [1930)], temos que reconhecer que as sociedades erguem-se pelo lastro de seu capital cultural, metáfora usada para explicar como as classes sociais transformam seus valores "abstratos" em bens que devem ser conservados por seus membros. Por esse viés, na seção seguinte, vamos discutir como a tradição gramatical e, por conseguinte, como a prática pedagógica interpretou o uso de gírias.

1.2 A gíria em diferentes perspectivas: gramatical, linguística e didática

1.2.1 Tradição gramatical

Nosso objetivo nesta seção é apresentar considerações feitas por quatro gramáticas a respeito da gíria como elemento formador do léxico português, a saber: a *Novíssima gramática da língua portuguesa*, de Cegalla (1985); a *Gramática normativa da língua portuguesa*, de Rocha Lima (ROCHA LIMA, 2000, [1973]); *Nova gramática do português contemporâneo*, de Cunha e Cintra (2008) e a *Gramática ilustrada* de Hildebrando André (1997 [1981]. As três primeiras obras foram selecionadas por serem as de maior divulgação na região da cidade de Maracás-BA, *locus* de pesquisa que deu origem a esta dissertação. A última, por ser uma obra de referência, umas das primeiras gramáticas ilustradas publicadas no Brasil.

Os quatro compêndios selecionados trazem em comum a convicção de que é possível encontrar nas línguas diferenças lexicais (ou de usos lexicais) diretamente ligadas às classes sociais e aos grupos sociais de que delas [diferenças lexicais] fazem uso. Denominá-las de "linguagem especial" (ROCHA LIMA, 2000 [1973]), "variação diafásica" (CUNHA; CINTRA, 2008), "plebeísmo" (ANDRÉ, 1997 [1981]) ou "fala espontânea do povo" (CEGALLA, 1985) vai depender da postura de política linguística que cada gramático adota e das autoridades em que se espelham para sustentarem suas afirmações.

Inicialmente, constatamos que apenas Rocha Lima (ROCHA LIMA, 2000 [1973]) faz referência à gíria de forma específica e a classifica como uma das *modalidades das línguas especiais*. Segundo ele, paralelamente aos dialetos, encontram-se os aspectos grupais que

[20] Se tomarmos como exemplo o enriquecedor trabalho de Francisco Ferreira Azevedo, Dicionário Analógico da Língua Portuguesa, 2016, podemos observar que o autor (como tantos outros) faz distinção entre uso popular (pop.) e uso gírico (gír.).

nascem "[...] por imposição da solidariedade que congrega os indivíduos da mesma esfera social, enlaçados por interesses comuns, ou pelas exigências da mesma profissão." (ROCHA LIMA, 2000 [1973],p. 6). Rocha Lima (2000), ainda, subdivide tais modalidades em: (a) a gíria, (b) o calão e (c) a língua profissional[21], todas seriam modalidades especiais de uma língua. Vamos analisar criticamente o que propõe o autor em sua tríade de modalidades das línguas especiais.

Nessa linha de raciocínio, Rocha Lima (2000) define a **gíria** como "[...] a língua especial de uma profissão ou ofício, de um grupo socialmente organizado, quando implica, por sua vez, educação idiomática deficiente (*sic*)" (ROCHA LIMA, 2000 [1973] p. 7). Além disso, segundo o autor, a gíria atinge a fraseologia e especialmente o vocabulário, já que ela simplesmente atribui novos valores semânticos às palavras que já existem na língua. Rocha Lima (ROCHA LIMA, 2000 [1973]) ressalta, ainda, que, por conta da expressividade, frequentemente, a gíria é utilizada na linguagem familiar de todas as camadas sociais. Por esse viés de raciocínio, o autor apresenta a gíria como uma das formas de linguagem familiar circunscrito às palavras e a grupos de palavras ("fraseologia", entendido por nós como expressões idiomáticas). Em relação ao aspecto estritamente linguístico, Rocha Lima (2000 [1958]) aponta duas características estruturais: atribuição de novos valores semânticos (alteração semântica) e constituição lexical ou translexical (fraseologia). Em ambas as estruturas, haveria mudança de sentido.

(1) Limpar área de pastagem não é crime ambiental[22]
(2) Era bom jogador porque sabia (como ninguém) limpar a área.

Em seguida, sob a designação de *calão*, Rocha Lima (2000 [1958]) tipifica uma língua especial das classes marginais, havendo em tal língua especial um caráter esotérico, artificial. Ao empregar o termo "esotérico", o gramático refere-se ao caráter criptológico comum às gírias como forma de manutenção da coesão de dados grupos, o mesmo pode ser dito da artificialidade que apenas reflete a tentativa de ocultamento aos elementos sociais não pertencentes ao grupo.

Por fim, Rocha Lima (2000 [1958]) traz a questão sob a perspectiva dos grupos sociais de cultura elevada (os engenheiros, médicos, economistas etc.) são denominadas de línguas profissionais ou técnicas, para os quais existe uma profusão de estudos lexicológicos

[21] Chamada por alguns autores de jargão profissional.
[22] https://www.conjur.com.br/2005-ago-03/limpar_area_pastagem_nao_crime_ambiental. Acesso 30.04.2018

especializados. Assim concebida como “língua profissional”, tal variedade se formaria teria espaço “legítimo” específico e seu uso indevido levaria ao preciosismo.

Em síntese, é fácil percebermos que o critério usado por Rocha Lima (2000 [1958]) para hierarquizar as ditas “línguas especiais” é o social (extralinguístico), ou melhor, os membros que constituem a classe social que usa a “língua especial” como código de coesão do grupo. Tal visão reverbera nos compêndios escolares sobre os quais havemos de tecer comentários ainda nesta seção.

Apresentando raciocínio semelhante ao de Rocha Lima (2000 [1973]), ao referir-se à “língua popular”, Cegalla (1985) afirma que se trata da fala espontânea do povo que quase sempre se mostra rebelde às regras gramaticais. Para adjetivar essa variedade de língua, lança mão de termos, hoje, considerados pejorativos, *sub voce*, “[...] eivada de plebeísmos, isto é, de palavras vulgares e expressões da gíria” (CEGALLA, 1985, [1964] p.535). Logo, podemos observar que a **gíria** é vista por Cegalla (1985) como expressões que empobrecem o idioma pátrio e que são usadas pelas camadas sociais incultas, já que “plebeísmo” traz em si forte carga pejorativa a relacionar a norma popular à corrupção do idioma pátrio. Vamos aos exemplos apresentados pelo autor: “[...] cara (indivíduo), troço (objeto, coisa), cuca (cabeça), bacana, legal (bom), coroa (pessoa idosa), abacaxi (coisa difícil ou desagradável), grana (dinheiro), goleirão (bom goleiro), mixar (malograr, fracassar), mixuruca (à-toa, de má qualidade), pra burro (muito), entrar pelo cano (sair-se mal), etc”. Vemos que os exemplos arrolados por Cegalla (1985) apresentam formas no aumentativo como “goleirão” e elementos sincopados, tais como o “p’ra” o que tende a demonstrar possíveis alternativas de criação lexical gírico.

Seria por demais oneroso buscar justificativas vernáculas para a aceitação dos exemplos citados, considerando o princípio de analogia e o de autoridade (associado à licença poética), vamos nos limitar a fazer a descrição sucintamente como tais léxicas vernáculas passaram a ser vistas como gírias. Por fim, é preciso destacarmos que, assim posto, a gíria estaria arrolada entre os vícios de linguagem a serem evitados pelos bons utentes da nossa língua.

O terceiro compêndio por nós utilizado nessa explanação sobre a gíria na tradição gramatical é a *Nova gramática do português contemporâneo* de Cunha e Cintra (2008). Segundo esses autores, a gíria representa uma variedade da língua falada, e é oriunda do latim corrente usado pelos mais variados grupos sociais da Itália e das províncias desde o século I a. C. Este latim vulgar se opunha ao conservador latim literário, praticado por uma pequena elite

da época. Os autores ressaltam ainda o caráter inovador do latim vulgar, que deu origem à Língua Portuguesa.

Por fim, nossa explanação sobre a gíria na tradição gramatical contempla as considerações feitas por Hildebrando André (1997 [1981]), já em sua 5ª edição. Obra de referência por ser uma das primeiras gramáticas ilustradas, apresenta a questão da gíria na parte dedicado aos vícios de linguagem, relacionando-a aos "plebeísmos", sendo para tanto contundente em sua afirmação, sub você:

> **Plebeísmos**. São palavra ou expressões triviais ou de gíria. Os plebeísmos não podem ser tolerados na língua culta, pois espelham imediatamente grosseira, falta de instrução, boçalidade. Exs.: Vamos tomar um "troço" ali no bar? – Fiquei "besta" – "É isso, aí, bicho..." – "Ele era um cara bacana..." (ANDRÉ, 1997, p. 486).

O termo plebeísmo per si revela um dos mais altos níveis de preconceito em relação a um uso linguístico. Ao classificar as gírias como plebeísmo, André (1997 [1981]) remete-as grosseria e até à boçalidade, termo extremamente marcado socialmente, já que se refere aos negros africanos que "incapazes" de repetirem os intrincados torneios flexionais da Língua Portuguesa. Segundo o autor, as gírias não podem ser toleradas por aqueles que queiram usar a norma culta, já que as gírias são grosseiras, demonstrando falta de instrução.

Em suma, na Tradição Gramatical, a partir dos compêndios analisados, constatamos um consenso quanto ao reconhecimento de diferenças lexicais, essencialmente com a relação ao uso, diretamente ligadas a determinadas classes e grupos sociais. A gíria, segundo esses autores, figura entre essas diferenças lexicais.

1.2.2 Perspectiva linguística

Realizado esse percurso, interessa-nos nesse momento observar como a gíria é compreendida na perspectiva linguística. No âmbito da linguística moderna, vamos utilizar dois dicionários especializados: o *Dicionário de linguística*, de Dubois et al. (1993) e o *Dicionário de linguagem e linguística*, de Trask (2004).

No âmbito da Linguística Moderna, Dubois e coautores (1993) definem gíria como

> Um dialeto social reduzido ao léxico, de caráter parasita (na medida em que ela outra coisa não faz que desdobrar, com valores afetivos diferentes, um vocabulário já existente), empregado numa determinada camada da

> sociedade que se põe em oposição às outras; tem por fim só ser compreendida por iniciados ou mostrar que eles pertencem a um determinado grupo. (DUBOIS et al., 1993 [1973] p.308).

Para começarmos nossa análise crítica, iniciemos com Dubois e coautores (1993) para quem a gíria se manifesta como uma marca de identidade grupal, situação em que determinada "camada da sociedade" atribui valores afetivos diferentes [em oposição a outras camadas] a um vocábulo que já existe na língua, de onde decorreria seu caráter parasitário. Nesse sentido, interpretando Dubois e coautores (1993, p. 308), o surgimento de gírias estaria ligado à alteração motivada por fatores externos, já que se trata de um "[...] desdobrar, com valores afetivos diferentes [...]" o valor de dada lexia (DUBOIS et al., 1993, p. 308). Assim posto, a gíria seria uma recriação lexical afetiva, a nosso juízo, decorrente de fatores sócio-históricos.

Além disso, podemos compreender que, segundo esses autores, o vocabulário gírio apresentaria uma natureza coesiva e criptológica; uma, corolário da outra. Ora, o uso da gíria demonstrativa que tal indivíduo pertenceria ou não a dada camada social, o que em si representaria um uso tão particular que apenas os iniciados teriam acesso ao seu sentido e à sua função em dado contexto.

Indo mais adiante, Dubois e coautores (1993 [1973]) afirmam que a gíria seria empregada nas camadas sociais de menor prestígio, já que a ela estava primeiramente associada à linguagem dos malfeitores. Novamente, um fator sócio-histórico a determinar o que poderia ser considerado (ou por quanto tempo) ou não considerado uma gíria. Nessa mesma linha de raciocínio, Dubois e coautores (1993 [1973]) ressaltam ainda que, posteriormente, em algumas profissões desenvolveram-se outras espécies de gírias, bem como em outros grupos (escolas, exército, prisões). Sendo assim, a gíria (com sua natureza coesivo-criptológica), embora tenha se originado de um vocabulário marginal, passou, historicamente, a ser usada por outras camadas da sociedade, inclusive as mais elitizadas.

Adentrando mais sobre a questão, passemos à análise crítica das informações trazidas por Trask, na tradução para o português do *Dicionário de Linguagem e Linguística*. Trask (2004) destaca a efemeridade da gíria enquanto formas linguísticas informais, tal efemeridade seria marcada pela emergência (novamente um fator sócio-histórico determinante do surgimento da gíria), pela necessidade da situação, destaquemos, necessidade do grupo ou da camada social. Segundo o dicionarista, as gírias costumam ser introduzidas por grupos sociais particulares, tornando-se uma marca de identidade grupal. A esse ponto, o autor traz à baila a

natureza criptológica já apresentada por Dubois e coautores (1993 [1973]) para, posteriormente, afirmar que uma gíria possa se tornar mais amplamente conhecida e, portanto, ser usada na sociedade geral.

Grosso modo, Trask (2004), revelando seu grande interesse na história das línguas, destaca na gíria seu potencial de expansão, sua difusão entre outras camadas sociais, atingindo até a língua vernácula. Posto dessa forma, a gíria perderia seu caráter coesivo-criptológico e passaria a integrar o léxico comum da língua em que ela surgira como uma alteração de forma[23] e sentido.

Das lições retiradas de ambos os dicionários, vemos que há o reforço do caráter coesivo-criptológica da gíria e a possibilidade de que dada construção venha a expandir dentro da comunidade geral dos utentes. Tais aspectos da gíria, de caráter sócio-histórico, foram considerados por nós na elaboração das propostas didáticas apresentadas.

Em terras brasileiras, Preti (1984) foi um dos primeiros a trazer à tona a gíria enquanto fenômeno de escrutínio acadêmico. Seu estudo, hoje considerado clássico, serve de primeira referência aos que procuram lidar com o fenômeno ora estudado.

Preti (1984), por sua vez, em seu estudo, ressalta a natureza coesivo-criptológica da gíria, reinterpretando a expansão lexical da gíria já apresentada por Dubois e coautores (1993 [1973]). Em outros termos, Preti (1984) reconhece "duas categorias" de gíria: a *gíria de grupo* e a *gíria comum*. Segundo ele, "[...] a gíria surge como um signo de grupo, a princípio secreto, domínio exclusivo de uma comunidade social restrita [...]" (PRETI, 1984, p. 3) que serve como elemento identificador. Esse elemento identificador, à luz do contexto, nada mais é do que o reconhecimento da pertença ao grupo. Ao usar a expressão "comunidade social restrita", Preti (1984) remete-nos a um conceito muito caro à Sociologia: a coesão do indivíduo ao grupo *no qual se reconhece* e *pelo qual é reconhecido*, como demonstra Gallino (1978).

Em relação à *gíria comum*, Preti (1984) demonstra que um vocabulário gírio pode ultrapassar os limites grupais, passando a ser usado pela comunidade de falantes; nesse caso, a gíria torna-se comum, ou seja, ela deixa ser apenas um signo grupal e começa a integrar-se no uso diário de diversas camadas da sociedade, chegando a alcançar até os contextos literários. Como sabemos, além de interesses na Sociolinguística, Preti (1984) tem demonstrado também preocupar-se com a Análise da Conversação e com fenômenos relacionados à oralidade,

[23] Defendemos que no caso de "cara", enquanto gíria, houve uma alteração da forma, a cara> o cara.

inclusive com oralidade, escrita e Literatura; tal interesse levou-o a conjecturar os motivos para que um vocabulário gírio passasse à língua comum: o contínuo contato entre a língua oral e a língua escrita, dada a profusão de entrevistas (transcritas) e telenovelas (escritas para serem encenadas), bem como crescente influência do rádio e da televisão, vocábulos oriundos de "gírias de grupo" passariam paulatinamente se integrarem à "gíria comum" (PRETI, 1984, p. 21).

Continuando nesse campo da *gíria comum*, Patriota (2009), em *A gíria comum na interação da sala de aula*, observa que, no espaço construído pela interação professor e alunos, o uso da *gíria comum* é de fundamental importância para que haja não só interação mais ainda simetria entre alunos e professores no tratamento do uso da língua oral, considerando o fato de que o vocábulo gírio costuma disseminar-se na sociedade, "[...] chegando, inclusive na escola, como um recurso não mais ligado apenas aos alunos, mas também um instrumento utilizado pelo professor." (PATRIOTA, 2009, p. 43).

Em suas reflexões, Patriota (2009) vê a interação como fator de construção da autonomia linguística, no momento em que os alunos passam a ver a língua como um fenômeno social em contínua atualização ou, em outros termos, em constante mudança. Ao contrário dos preceitos tracionais, normativos, puristas, o uso da gíria comum como instrumento de interação demonstraria aos discentes que um sentido a mais atribuído a um vocábulo não lhe retira aqueles que a história etimológica, por exemplo, já lhe conferiu.

Patriota (2009), em seu raciocínio, chama nossa atenção para a presença da *gíria comum* em sala de aula e como esse tipo de gíria pode ser usado como instrumento de interação, mas, no discurso da autora, ainda, enxergamos que o arbítrio para julgar o que passa à *gíria comum* dependerá da visão do professor, como esse profissional do ensino considera a própria língua que usa, mas também que lhe serve de objeto de labor sistemático.

Em síntese, observamos que, na perspectiva linguística, a gíria pode ser estudada no âmbito de duas categorias: a *gíria de grupo* e a *gíria comum*. Inicialmente ela é compreendida como um signo de identidade grupal, a princípio secreto (*gíria de grupo*). Contudo, ao ultrapassar esses limites grupais, a gíria torna-se *comum*. Isso ocorre quando vocábulos gírios começam a integrar-se no uso diário das mais diversas camadas sociais.

1.2.3 Perspectiva didática

No intuito de verificarmos a ocorrência do fenômeno linguístico em estudo, a gíria, nos livros didáticos, analisamos seguintes manuais de Língua Portuguesa:

- *Para viver juntos: português*, do 8º e 9º ano do Ensino Fundamental, de autoria de Ana Elisa de Arruda Penteado *et al* (2015), os quais são utilizados no na Rede Municipal de Ensino de Maracás no ano letivo de 2017;
- *Português: linguagens, 1* (2013)[24]cuja autoria é de William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães.

Nos livros da coleção destinada aos alunos do Ensino Fundamental constatamos que não há nehuma referência sobre o fenômeno linguístico em questão. No entanto, obsevamos que em todos os capítulos daquela coleção há seções denominadas de *Reflexão linguística* e *Língua viva*, nas quais poderiam ter sido abordados aspectos referentes a essa variação linguística, especialmente nos anos finais do Ensino Fundamental, já que a gíria é um exemplo que caracteriza essa dinamicidade da língua e faz parte do cotidiano dos pré-adolescentes e adolescentes, fases do público alvo dos anos finais do Ensino Fundamental, sobretudo, nos turnos matutino e vespertino.

Tal ausência aponta para o espaço do purismo linguístico que marca os primeiros anos de formalização do Ensino em relação à Língua Portuguesa. Perpetua-se, ainda, a ideia de que o falante não deva ser exposto a formas não prestigiadas até que ele consiga, metaforicamente, separar o trigo do joio. Burke e Porter (1997) afirma que o falar correto, muitas vezes até abusando a intelegibilidade, é tradição no ensino formal, que procura expurgar do meio letrado aquilo que remonte ao povo. Como assevera o autor, falar correto, com poucas oscilações, é usar a palavra adequada, o que remontaria seu uso apropriado e chancelado pelo literatura.

A fim de procuramos localizar o espaço da gíria em sala de aula, tivemos que recorrer ao *Português: linguagens* do 1º ano do Ensino Médio. Naquele livro, ao se reportarem às variedades linguísticas, os autores fazem referência especificamente à gíria e define-a como "[...] uma das variedades que uma língua pode apresentar." (CEREJA; MAGALHÃES, 2013,

[24] Este livro foi utilizado nas escolas estaduais do município de Maracás, no ano letivo de 2016. Como não encontramos nenhuma abordagem ao fenômeno gírio nos manuais do Ensino Fundamental, resolvemos consultar um manual destinado aos alunos do Ensino Médio.

p. 82). Segundo os autores, a gíria quase sempre é criada por um grupo social (fãs de *rap*, grafiteiros, policiais etc.); no entanto, quando restrita a uma profissão, a gíria passa a ser chamada de jargão (como por exemplo os jargões utilizados pelos jornalistas, médicos entre outras profissões). Os autores exemplificam ainda as gírias utilizadas por dois grupos sociais (dos surfistas e grafiterios) com seus respectivos significados, como por exemplo: *aê* é uma forma de saudação para os surfistas, enquanto um bom grafiteiro é chamado de *king*[25].

Além dessa conceituação de gíria, o livro apresenta ainda uma charge (Figura 1) que exemplifica como o vocabulário gírio é importante para que haja o fortalecimento de uma identidade grupal. De acordo com os autores, " [...] quando há identificação entre as pessoas de um grupo, todas tendem a usar uma linguagem com vocabulário, expressões e gírias próprias [...]", e concluem que " [...] a língua é um dos critérios de aceitação ou rejeição de uma pessoa em uma tribo" (CEREJA; MAGALHÃES, 2013, p. 80). Reiteramos a natureza coesiva da gíria e a pouca intensidade atribuída à sua natueza criptológica.

No exemplo do livro podemos identificar termos do vocabulário gírio, como por exemplo, "cara", "paus" e a expressão "estamos ligados", cujo uso está associado à fala dos jovens, e, portanto, compreendido como marca de identidade (pertencimento) de um determinado grupo (coesão).

Figura 2: Tirinha de livro didático

Fonte: Angeli, Luke & Tronta – Sangue bom. São Paulo: Devir/Jacarandá, 2000. p. 37. In.: CEREJA; MAGALHÃES, 2013.

Parece-nos que visto dessa forma a gíria apresenta-se num espaço de exceção, como se figurasse por meio de agentes que estão relativamente alheios à realidade de certos grupos. Tal distanciamento evitaria a sistematicidade do estudo já que poderia ser tratado como apêndice aos estudos linguísticos.

[25] Esses exemplos citados no livro didático foram encontrados, de acordo com os autores, em: Kárin Fusaro. *Gírias de todas as tribos*. São Paulo: Panda, 2001.

Quanto a esta perspectiva, constatamos que os livros didáticos abordam de maneira muito superficial este fenômeno linguístico. Afirmam apenas que a gíria é uma das modalidades que uma língua pode apresentar, e que o vocabulário gírio é importante para o fortalecimento de uma identidade grupal. A ausência de uma abordagem mais consistente sobre a gíria nos livros didáticos nos permite levantar algumas questões que podem e devem ser discutidas no âmbito escolar: os manuais didáticos de Língua Portuguesa não propõem discussões sobre a gíria devido ao seu grau de informalidade? Abordar acerca dos contextos de uso de vocábulos gírios (na escrita e principalmente na fala) significa contrariar as prescrições da gramática normativa, enquanto um instituto jurídico da legitimidade da língua? Se a língua não é homogênea, por que não discutir suas variedades?

Os estudos sociolinguísticos têm apontado que a gíria é um fenômeno que está em ascensão nos últimos anos. Isso quer dizer que o seu uso (em todas as camadas sociais) já é comum e aceitável em diversos espaços e contextos. Enquanto a tradição gramatical considera que a gíria atinge apenas a fraseologia, por simplesmente atribuir novos valores semânticos às palavras já existentes, a Línguística, ou melhor, a Sociolinguística defende que devido ao seu caráter expressivo e efêmero, a gíria tornou-se um instrumento de manutenção e renovação da língua. A sua existência e o seu uso provam que a língua não é estática, e sim, repleta de dinamicidade, mesmo que livros didáticos tenham feito poucas referências a este fenômeno, e quando o fazem não ultrapassam o plano estilístico

Tais constatações nos levam a postular que, em virtude da ampliação do uso das gírias nas mais diversas esferas sociais, existe a necessidade de uma abordagem mais abrangente e sistemática do fenômeno linguístico em nossas escolas. Obviamente, não estamos só defendendo que a escola ensine ou estimule os alunos a usarem gírias, mas também refletir sobre o uso desse vocabulário inovador e eficaz em diversos contextos interacionais, principalmente no âmbito da oralidade.

1.3 Variação linguística: dando prioridade à variação diafásica

Nesta subseção, dedicamo-nos a apresentar as bases teóricas que sustentam nossa abordagem sobre a **gíria comum** e as reflexões que os discentes devem ser levados a fazer a respeito de seu uso como recurso discursivo. Para tanto, vamos nos ancorar em duas bases: a primeira centra-se na Sociolinguística a fim de discutirmos o papel da **gíria comum** dentro da

língua da real usada pelo aluno, em termos labovianos, seu vernáculo. A segunda baseia-se no postulado de que a gíria, no nosso caso, a **gíria comum**, é resultado de um tipo especial de neologismo semântico, em que uma dada forma já existente na língua (em uma de suas possibilidades) cristaliza-se e passa a ser usada como uma forma com um sentido possível dentro do sistema. Para tanto, com base no *corpus*, vamos apresentar uma tipologia que servirá como guia para nossas reflexões. Assim configurado, teríamos, portanto, duas discussões centrais: a Sociolinguística e a segunda a Criação e Formação de Palavras, partindo do pressuposto da neologia semântica.

Para cada um das subseções presentes vamos elaborar questionamentos cujas respostas nos servirão de guia para nossos esclarecimentos.

1.3.1 Sociolinguística e léxico: Labov e o AAVE

A primeira pergunta que nos fazemos é se a Sociolinguística realmente interessa-se por questões relacionadas à gíria, em nosso caso a **gíria comum**, como forma de expressão de um grupo social. A resposta pode vir por via tríplice: *a primeira* está diretamente relacionada à contraposição que a Sociolinguística faz à noção de "código de linguagem" apresentada por Basil Bernstein (1971), em seu estudo *Class, Codes and Control*; *a segunda* assenta-se na interposição de estudos culturais que costumam analisar a gíria (incluindo-se a **comum**) associando-a ao jargão e ao calão como verdadeira forma criptológica e coesiva nas relações entre grupos; *a terceira* está na releitura que Labov faz no seu *Language in the inner city* (1972) em que trata do inglês falado por afro-americanos, estudo que serviria de reflexão para posteriores ressignificações, por exemplo, do português afro-brasileiro .

Considerando que nosso estudo está voltado para questões pedagógicas, optamos por referenciar o quarto volume da obra *Class, Codes and Control: the Structuring of pedagogic discourse* (1990), cujos tomos sucederam-se em ordem de publicação em 1º volume 1971, 2º volume 1973, 3º volume 1975 e o 4º volume 1990. No capítulo segundo deste último volume, o autor expõe sumariamente as ideias do 1º volume de 1971.

Naquela obra, retomada resumidamente no 4º volume, o estudioso defende a existência de dois códigos de linguagem, um formal, peculiar de uma linguagem "pública", num caráter mais universalista, contrapondo-se ao particular, que seria representado pelo código usado de maneira informal, compreendida mais perfeitamente no contexto familiar.

Até esse ponto da questão nada parece deslindar para consequências maiores, já que desde a poética de Aristóteles (provavelmente escrita entre 335 a 323 a. C.), entendemos que a fala de adapta às suas condições de uso, tal qual os atores modulam suas vozes para se parecerem como campesinos ou como cidadãos urbanos, englobando as vozes os próprios vocábulos comuns aos dois espaços. No entanto, o equívoco cometido por Bernstein é procurar atribuir às características idiossincrásicas de classes sociais o uso restritivo de um dos códigos de linguagem. Esse caráter restritivo foi revisitado por Bernstein ao longo dos quatro volumes e a influência que elas exerceram, especialmente, no ensino de língua materna fez com ele se tornasse balizador de uma postura classicista, sem reconhecer como faz Lucchesi (2016) a polaridade nem o *continuum* de variação como defende Bortoni-Ricadro (2014).

Embora tenhamos consciência de que a obra de Bernstein, *Class, Code and Control*, possua outros quatro volumes editados respectivamente em 1971, 1973 e 1975, reconhecemos nossa impossibilidade de resumi-los em tão pouco espaço; no entanto, o que do pensamento daquele sociólogo inglês nos importa apresentar para compor a nossa discussão é a grande influência que ele teve no meio letrado especialmente no que tange à pedagogia. Parecia ser facilmente demonstrável, como o autor se esmerou em fazê-lo, que a classe social afetaria a maneira como os estudantes obtinham ou não sucessos, considerando-se as "possibilidades/oportunidades" de sua classe social. Por outro lado, o que nos causa curiosidade da teoria do "elaborated and restricted codes" (1990) de Bernstein é que mesmo seus seguidores e aqueles que o usaram como parâmetro para discutir o tema dos códigos dentro da coesão dos grupos sociais não se acham plenamente convencidos dessa "forma de encarar a realidade", pois se questionam se conceitos abstratos "realmente" não poderiam ser formulados em outra variedade de língua que não fosse a do código elaborado. Essa dúvida poria em xeque justamente a razão encontrada para as diferenças de aprendizagem tão alardeada pelo sociólogo.

A despeito de tal questionamento, considerado por Alan Johnson como "desacordo", o próprio Johnson (1997 [1995]) reconhece a grande influência que as ideias de Bernstein gozam na comunidade acadêmica quando se trata de discutir classe social e linguagem, tendo sido o próprio Bernstein o único a ser citado como pensador influente, ofuscando as contribuições como as de Labov (1972). Assim posto, o uso do vocabulário gírio seria um entrave para construção de pensamentos abstratos, relegando-lhe a mera função de exprimir a "concretude" limitada do código que representa. Caberia, então, fazermos eco à ironia

elaborada por Caetano Veloso ao vaticinar: “Se você tem uma ideia incrível é melhor fazer uma canção//Está provado que só é possível filosofar em alemão”.

A visão simplista apresentada pela restrição da abstração quase inexistente no código restrito reflete apenas um preconceito de classe, sem fundamentação científica, já desde o início do século passado a isonomia funcional houvera sido muito proposta por Sapir e desenvolvida pela teoria de Sapir - Worf que, *mutatis mutandis*, ainda pode ser aplicada do ponto de vista de categorias funcionais.

Em relação à *segunda via*, vamos considerar os estudos realizados por Peter Burke e Roy Porter (1997 [1995]) ao tratarem do jargão e de sua função social, numa perspectiva da história social da linguagem. Embora não seja um livro específico de Sociolinguística, os estudos de Burke e Porter (1997 [1995]) são balizadores para compreendermos as línguas dos grupos minoritários como aqueles que usam códigos em sociedade em que a criptografia é essencial para a sobrevivência como nos estudos realizados com presos dos quais destacamos os trabalhos de Remenche (2003), *As criações metafóricas na gíria do sistema penitenciário do Paraná* e Silva (2008), *Os sentidos da liberdade*. A gíria prisional como resultado de uma produção léxica criativa e significativa, ambas dissertações de mestrado elaboradas por pressupostos Sociolinguísticos e Scheibein (2006), *Língua em extinção: o hakitia em Belém do Pará*. Tais estudos demonstram que a Sociolinguística tem procurado analisar o léxico gírio, bem como o jargão, considerando-o forte marca da identidade de grupos e povos.

À terceira via, vamos destacar a atuação de Labov ao tratar questões relacionadas ao *Afro American Vernacular English* (AAVE) considerando não como um caminho de entrave para o ingresso na sociedade letrada norte-americana, mas como a forma vernacular e, portanto, de expressão de uma comunidade de fala[26]. Um texto publicado por Rebecca Wheeler (1999) dá-nos largas notícias do impacto que a visão laboviana − a respeito da fala de negros nos Estados Unidos − trouxe ao debate acerca dessa variedade do inglês norte-americano. O título do capítulo, *Afriacan American Vernacular English is not standard English with mistakes*, no qual ela relata os ataques sofridos no momento em que estudiosos passaram a considerar o AAVE uma variedade da língua inglesa, os ataques feitos em jornais como o *The New York Times* e em rádios locais, em que os leitores e ouvintes diziam-se indignados por professores estudarem uma língua, no mínimo sem prestígio. Ser-nos-ia muito

[26] Para aqueles pouco afeitos às discussões que envolvam línguas em contato e formação de pidgins e crioulos ou variedades de línguas resultado dos contatos com aloglotas em condições de sujeição, pode soar estranho o fato de que haja uma língua.

oneroso e pouco produtivo discutir as questões gramaticais colocadas pela autora com base na proposta laboviana; portanto vamos nos ater apenas ao léxico do AAVE e como seu estudo era visto por Labov e como a sociedade norte-americana o sentia. Ouçamos-lhe o relato:

> Most speakers of Standard English think that AAVE is just a badly spoken version of their language, marred by a lot of ignorant mistakes in grammar and pronunciation, or worse than that, an unimportant and mostly abusive repertoire of street slangs used by an ignorant urban underclass. An editorial in the *New York Times* a few days after said that the Oakland school board had "declared that black slang is distinct language". (WHEELER, 1999, p.39).[27]

Tal postura se assemelha ao que nossa tradição gramatical fez ao atribuir as acunhas "brasileirismos", "provincianismos", "plebeísmos" até "caipirismo" aos traços peculiares de nosso novo. Gonçalves Dias (1823–1864) foi um dos primeiros, entre nós, a advogar a necessidade de se usar tipos brasileiros falando como brasileiros a fim de garantir-lhes a autenticidade da expressão, pois em decorrência da forma de vida do homem do povo, produziram-se não só vocábulos novos, mas uma nova forma de usar as palavras portuguesas. No entanto, a voz de intelectuais como Gonçalves Dias não atingiu os ouvidos dos jornalistas de sua época os quais não veiculavam termos que não estivessem devidamente autorizados por dicionários nem mesmo os tupis, mantendo, pois, uma postura conservadora, como bem nos informa Carlos Alberto Faraco, *História Sociopolítica da Língua Portuguesa*, 2016, no capítulo História.

Ao contrário do que aconteceu na sociedade norte-americana entre as décadas de 60 e 70 do século XX, vigora ainda entre nós formas sub-reptícias de sinalizar, apontar, destacar as formas tidas como populares e entre elas as gírias, em especial a **gíria comum**. Não se trata, em nosso caso, de especulação, mas de realidade facilmente demonstrável. Vamos aos fatos.

Em seu dicionário, Saconni (2010) demonstra ao consulente que sua obra merece destaque entre as demais do nosso mercado editorial. Quais seriam as vantagens? Na página 20 de seu Dicionário da Língua Portuguesa, o autor chega a dizer que as palavras e expressões foram atualizadas: "[...] consta na obra boa parte dos termos utilizados em informática, no mundo da moda, tecnologia, negócios e ATÉ gírias e jargões". (2010, p.20, grifo nosso). E os

[27]A maioria dos falantes do inglês padrão acredita que AAVE é apenas uma versão mal falada de sua língua, marcada por muitos erros grosseiros de gramática e pronúncia, ou pior que isso, um repertório pouco importante e abusivo de gírias usadas por uma ignorante classe média urbana. . Um editorial no New York Times poucos dias depois disse que o conselho escolar de Oakland havia "declarado que a gíria negra é uma língua distinta". (WHEELER, 1999, p.39)

fatos continuam: o autor que alega registrar gírias e jargões não relaciona os jargões em sua lista de abreviaturas, o que certamente, nos faz crer que ele tenha unido as gírias e os jargões, classificações linguísticas de natureza diversa. Ademais, apresenta um inusitado "plebeísmo" ao lado, também, de vocábulos populares. Sacconi (2010), a título de exemplo, considera "cara" como indivíduo como de uso popular, mas "bacana" e "grana" seriam gírias. A pergunta que não pode faltar para a análise que empreendemos em que se fundamenta o critério do autor para fazer tal divisão: uma escolha aleatória ou pressuposição de uso por classe social.

Como vimos até essa etapa de nossa discussão, o léxico de um grupo social (etnicamente ou não marcado) historicamente já serviu de parâmetro para a compreensão do mundo, para a obtenção de sucesso social e para sua inserção no mundo grafocêntrico. Mesmo que os falantes consigam se expressar de forma adequada segundo sua realidade, cabe aos "donos da língua" dividirem-nos e classificarem-nos segundo critérios não explícitos.

Na subseção seguinte, vamos ver com a Sociolinguística encara tal situação com um aparato científico, afastando as visões estereotipadas apresentada, inclusive, por sociólogos e lexicógrafos, como pudemos demonstrar.

1.3.2 Sociolinguística: variação diafásica

Nesta subseção, vamos tratar da variação diafásica, relacionando-a ao nosso tema em específico: o uso da **gíria comum** no Ensino Fundamental, como recurso de ampliação do vocabulário. Inicialmente, devemos justificar a posição assumida por nós em nosso estudo: a **gíria comum** é um caso de variação diafásica, e para tanto vamos à análise dos conceitos atinentes à Sociolinguística.

Oportunamente considerada estilística (ILARI; BASSO, 2006), a variação diafásica figura no quadro das outras formas de variação (diatópica, diastrática e diamésica) segundo a Teoria Variacionista, demonstrando que, ao longo de sua interação verbal, nos atos cotidianos de fala, podemos apresentar diversas formas e construções a depender do papel social que estamos ocupando, bem como nossa posição em relação ao grupo.

Justamente por desempenharmos muitos papéis, nossa forma de falar está sujeita a variações, dentro das normas de aceitabilidade de cada grupo (adequado *vs* inadequado).

Como corolário da *variação diafásica*, aparece a noção de estilo entendido como modo distinto de falar ou escrever (TRUDGILL, 2000 [1974]), adotados segundo os diferentes contextos sociais ao longo da interação promovida pela comunicação. Costumeiramente, o estilo refere-se aos vários níveis linguísticos de variação[28], já que o nosso objeto de estudo é o lexical só vamos nos reportar a ele.

Embora os manuais de variação tratem como primazia a variação lexical ligada mais à diatopia (CARDOSO, 2010), cremos que a variação lexical no que tange à variação diafásica deve ser vista quando tratamos da **gíria comum** em sua possibilidade de ocorrência. Para tanto pressupomos a existência de dois polos da variação diafásico-lexical, apontando em suas extremidades o registro/estilo formal e o registro/estilo informal, vendo-se, nesse sentido um *continuum*, um *continuum* estilístico, em que a **gíria comum** ocuparia um dos espaços mais próximos do registro formal, e sua progressiva proximidade como estilo formal justificaria, por exemplo, sua manutenção, mas a colocação de expressões de licença ou o tão curioso "entre aspas".

Um dos problemas enfrentados por dialetólogos, sociolinguistas e lexicógrafos, mais precisamente por esses últimos, é determinar essa escala de *continuum* já que os próprios dicionários trazem em suas especificações a possibilidade da existência de (a) vocábulos informais, (b) vocábulos gírios e (c) vocábulos chulos, considerando que a esses últimos não se limitam, por exemplo, ao que comumente costumamos chamar de palavrões. Vamos aos exemplos. Houaiss (2001) considera que quanto ao nível de linguagem − o que a nosso ver − equivale à *variação diafásica*, podemos postular:

a) A linguagem formal;
b) A linguagem informal;
c) A linguagem policial, do crime e da droga;
d) A linguagem dos tabuísmos

Interpretando os exemplos trazidos por Houaiss (2001) a *gíria comum* estaria situada na linguagem informal, assim dividida: *popularismo* ou *coloquialismo* como "revertério", *plebeísmo* como em "avacalhar", *gírias* como em "mina", *linguagem* familiar (quando o uso procura refletir a intimidade doméstica) "titio" e *linguagem inf*antil "au au". Cabe-nos

[28] Variação lexical, fonológica, morfofonológica, morfológica, morfossintática e sintática. Mais recentemente, surgiu a terceira onda, a que trata da variação semântica.

novamente perguntar em que espaço situa-se a **gíria comum** nessa gradação[29] exposta por Houaiss (2001). A nosso juízo, consideramos que a **gíria comum** estaria num espaço imagético entre o popularismo-coloquialismo e o plebeísmo. Vamos às provas.

Para o dicionarista, um *popularismo* ou *coloquialismo* nada mais é do que uma locução ou um vocábulo não usados na linguagem formal, próprios da língua popular; em outros termos, uma definição pouca esclarecedora, quando nos relembramos que, com os influxos renascentistas, palavras que outrora vieram do Latim Vulgar começaram a concorrer com empréstimos do Clássico, resultando inclusive em uma longa série de adjetivos tidos como eruditos, mas que não são "neologismos" se comparados a outras formas atávicas de nosso vernáculo: macérrimo e magríssimo, paupérrimo e pobríssimo (CUNHA; CINTRA, 1985, p.251). Assim, a **gíria comum** não se encaixaria nessa classificação.

Quanto a *plebeísmo*, nome que traz em si uma pecha elitista, Houaiss (2001) define-o com o vocábulo ou a locução usados na língua popular, evitados na culta ou formal, por serem considerados "[...] grosseiros ou algo grosseiros, vulgares ou triviais, mas não chegam a ser tabuizados". Vamos à interpretação: reiteramos que o limite da linguagem informal (quando obviamente se opõem à formal e culta) são as formas tabuizadas, os *tabuísmos*; além disso, o autor apresenta o motivo de a língua formal e culta rejeitarem os *plebeísmos*: sua grosseira, sua vulgaridade e sua trivialidade. A esse respeito, pensemos melhor no exemplo citado: "avacalhar". Contra ele podem se opor os puristas já que faz alusão à vaca, o que poderia ser rebatido pelo valor que o animal possui para nossa sociedade ocidental[30].

Em relação à gíria, o autor repete a definição de socioleto e linguagem criptográfica, o que, a nosso juízo, não satisfaz ao que chamamos de **gíria comum**, razão pela qual aceitamos a ideia de *continuum* como ora expusemos. No entanto, ao contemplar no seu conceito a natureza de *neologismo semântico* (característica que o autor atribui à gíria) podemos dizer que tal característica se aproxima do nosso entendimento acerca da **gíria comum**. Em relação á linguagem familiar e à linguagem infantil, Houaiss (2001) afirma que em ambos os casos as alterações são afetivas, o que no caso de "au au" seria uma forma do *baby talk*, aqui compreendido como uma forma de redução, simplificação e repetição acessível à criança no desenvolvimento da linguagem (TRASK, 1997).

---

[29] Devemos reiterar que a aludida gradação dá-se no fato de que o autor explicita num dos extremos do *continuum* a língua formal e noutro o tabuísmo, entendido como o uso que dentro de dada cultura constitui-se ao grau máximo de censura, como é o caso dos palavrões.

[30] A atribuição de valor histórico e social a nomes relacionados a animais extrapola o objetivo de nosso estudo. Apenas apresentamos o exemplo para refletirmos sobre a falta de critério do lexicógrafo a respeito da designação de *popularismo* ao uso de avacalhar.

Na seção seguinte, vamos discutir como a crença, a atitude e a identidade linguísticas servem para entendermos a gíria comum e seu uso no processo de ampliação de vocabulário na Escola Fundamental.

1.3.3 Sociolinguística: atitude, crença e identidade

Nosso intento nessa subseção é apesentar evidências teóricas que nos habilitem a interpretar os dados presentes nesta pesquisa, seguindo quatro níveis de análise de exemplos de *gíria comum* expostos aos discentes participantes de nosso estudo.

Tomamos três níveis, questionando-nos acerca dos usos linguísticos em que o falante reconhece que (a) os conhece e usa, que (b) os conhece e não usa, (c) desconhece. Ao longo dessa subseção, procuramos demonstrar como sustentamos a divisão feita, justificando-a por meio de uma abordagem da Sociolinguística Qualitativa, baseada na Sociologia e ancorados em pressupostos sociolinguísticos em especial ao estudo realizado por Helen Cristina da Silva e Vanderci Andrade Aguilera, *O poder de uma diferença: um estudo sobre crenças e atitudes linguísticas* (2014), bem como nas lições retiradas do texto *African American Vernacular English is not a standar English with mistakes* (1999) de Geoffrey K. Pullum.

A **gíria comum** está sujeita à frequente validação da comunidade de utentes, os quais influenciados − mais ou menos pela norma de prestígio − transitam pela formação de um imaginário de língua-padrão; imaginário, certamente, ancorado pelo dicionário, como se ele fosse o responsável por conferir à palavra "uma certidão de nascimento". Aquilo que fuja à padronização é considerado não só como não pertencente à língua, mas, curiosamente, inexistente. Vamos aos fatos que, embora jocosos, são veiculados como verdades hoje em nosso meio midiático:

(1) Com isso, menas é uma "palavra fantasma", por isso, deve ter seu uso eliminado, pois de acordo com a norma padrão, seu uso é inadequado[31]. (PAVAN, 2008)

"Palavra fantasma" é justamente essa a adjetivação atribuída pela autora à inexistência de "menas". De mesma sorte, a **gíria comum** recebe tratamento semelhante, sendo-lhe privada a presença legítima na língua, excetuando os casos em que ela esteja na boca de falantes que não gozem de prestígio em situações informais. Vamos, novamente, aos fatos: o

[31] PAVAN, Mayra Gabriella de Rezende. "Há menas ou menos pessoas?"; *Brasil Escola*. Disponível em <https://brasilescola.uol.com.br/gramatica/ha-menas-ou-menos-pessoas.htm>. Acesso em 20 de junho de 2018.

trecho que reproduzimos vem da obra de Jorge Amado, Gabriela Cravo e Canela, editada em 1958, obra que daria projeção ao autor baiano, o qual reproduzia a linguagem do "cacau", longe da escrita/fala da antiga capital da Colônia. O trecho selecionado dá conta da expressão "bunda-suja", transformada em um neologismo semântico com alteração morfossintática, já que passa a substantivo masculino, quase que restrito aos homens de pouca ou nenhuma valia.

> (2) O fazendeiro coçou a cabeça de cabelos mal penteados: – Vim aqui para lhe vender meu cacau, seu Mundinho, vendi bem vendido, estou contente. Tou contente da conversa também, fiquei sabendo do pensar de vosmicê – fitava o exportador. – Voto com Ramiro há bem vinte anos. Não precisei dele nos barulhos. Quando cheguei em Rio do Braço não tinha ainda ninguém, os que apareceu depois era uns bunda-suja, corri com eles sem precisar ajuda. Mas tou acostumado a votar com Ramiro, nunca me fez mal. Uma vez que buliram comigo, ele me deu razão. (AMADO, 2008 [1958], p. 61).

Sacconi (2010) não lhe registra o uso; limita-se a registrar "bunda" e sobre tal vocábulo apresenta diversos valores; ora é chulo, quando representa a parte do corpo que corresponde às nádegas; ora é gíria quando adjetiva objetos de menor valia. Curiosamente, Houaiss (2001) declara que "bunda suja" é informal, enquanto que "bunda-mole" é brasileirismo informal, mas ambos são pejorativos, termos que estão um grau acima dos tabuísmos. Tal alocação da palavra na valoração dos dicionaristas demonstra que sobre os vocábulos recai uma censura explícita, quase uma condenação, alocando um aqui outro ali, segundo a avaliação que se tem do mundo. Dizemos isso porque os autores poderiam registrar "bunda-suja" como regionalismo, antes de lhe pecharem a alcunha de informal pejorativo. Souto Maior (1992) considera-o termo chulo, na mesma acepção empregada pela personagem que nos fala no texto de Jorge Amado. Que fatores seriam determinantes de atribuição de valores a vocábulos já que sabemos que não há relação intrínseca entre significante e significado? A nossa primeira resposta vem-nos da Sociologia.

Do ponto de vista sociológico, o comportamento dos atores sociais depende de suas **crenças** (BOUDON; BOURRICAUD, 1993), mas nos restringindo ao campo das línguas e ao papel da educação, crenças normativas constroem-se por valores imaginários que levam a sociedade a creditar que cabe aos homens de seu tempo preservarem os valores recebidos por herança, numa franca atitude de conservadorismo. Ao mesmo tempo em que isso ocorre, cabe à escola preparar as crianças para a perpetuação cultural bem como para sua ascensão dentro da sociedade, traduzida numa busca de *realização pessoal*.

Dentro dessa perspectiva e aplicando, ao nosso caso, a fórmula proposta por Pareto (1848 – 1923), é indispensável escolher a forma A em detrimento da B, pois B conduziria à

degradação, cabendo-lhe a censura e a censura é indesejável; logo, não levaria à realização pessoal. Paradoxalmente, embora as sociedades reconheçam as diferenças socioeconômicas com eufemismos (proletariado, pessoas em condição de vulnerabilidade), termos como plebeísmo são aplicados a uma forma particular de falar o que não seria admissível no campo social nem econômico. No caso da *gíria comum*, a censura ao utente que dela se utiliza é vista como uma forma de manter a pureza da língua.

Historicamente, se remontarmos à história do Português Brasileiro, existe a crença de que nosso vernáculo "adocicou" a avoenga língua de Camões; no entanto, esse "adocicamento" passaria pela avaliação dos estudiosos. Vamos aos fatos, utilizando um exemplo citado pelo Visconde de Pedra Branca, comentado por Valker Noll e revisitado por nós. Trata-se da palavra "boquinha", a qual de ordinário seria, o diminutivo regular (não-erudito) de boca. O Visconde de Pedra Branca registra-a com o sentido de "pequeno beijo, beijinho", sentido que é mantido por Noll (2008); no entanto, existem outros sentidos tão brasileiros quanto o por eles citado: tanto o de fazer uma refeição leve e ligeira como o de conseguir uma vantagem em serviço público ou uma atividade extra dessa derivada. Podemos supor que tais sentidos são fossem comuns no tempo do Visconde de Pedra Branca, mas o eram quando Noll os comentou. O que, a nosso juízo, levou esse último a excluir de suas observações tais sentidos reside no fato de em ambos os casos os sentidos são considerados populares ou gírios. Vê-se, portanto, que legitimar a Língua Portuguesa do Brasil principia pela necessidade de uma língua não eivada de "plebeísmos".

Somos todos lusofalantes. E essa crença da "unidade linguística" entre os diversos povos colonizados é marca de uma solidariedade que procura irmanar-nos, mas que até hoje não foi suficientemente explicada ao ponto de demarcar a origem e a formação da nossa vernaculidade. Como corolário do nosso sistema de crenças normativas, aquelas que podem ser percebidas e explicitadas, existe a tendência de os falantes refletirem por meio delas suas **atitudes linguísticas**, tema sobre o qual nos dedicaremos a tratar e para tanto, vamos nos servir da definição extraída de Bagno (2017), procurando nela refletir sobre o uso da gíria e especialmente da *gíria comum* em língua portuguesa:

> Atitudes linguísticas são opiniões, concepções ou mesmo manifestações concretas que as pessoas têm acerca de sua própria língua, da (as) línguas (s) de outros grupos sociais e, sobretudo, da variação linguística. O caso mais frequente em sociedades letradas é doada atitudes que os falantes assumem na comparação que fazem entre as formas linguísticas padronizadas que formam a base da norma padrão e as demais variedades empregadas em seu meio social, sobretudo as de menor prestígio. (BAGNO, 2017, p. 21).

Da definição de Bagno (2017), podemos extrair algumas ideias basilares. A primeira é manifestação concreta que nós, os falantes, fazemos ao avaliarmos a nossa língua dentro do conjunto dos grupos sociais; o que nos leva a crer que sempre estamos avaliando e validando as formas empregadas por membros de nosso grupo e dos grupos com os quais convivemos. Não seria, portanto uma tarefa exclusiva do lexicógrafo[32].

Ademais, a fala de Bagno (2017) apresenta-nos a comparação, especialmente com os estratos sociais de "menor prestígio". Vemos facilmente que os dicionários espelham a norma e como papel legitimador devem anunciar os usos que não estão em consonância com a norma; logo, estão em desarmonia, com a norma padrão. Nomes, mesmo curiosos, não faltam para designar tais elementos desarmônicos: informal, popular, plebeísmo, chulo, gírio, vulgar.

Curiosamente, muitos dos lexicógrafos, a exemplo de Cândido Jucá Filho, surgidos a partir da expansão popularizante do ensino, ocorrida em 1960, esmeraram-se por desatarem as amarras da ortodoxia da gramática normativa, mas, mesmo tentando fazer tal empreitada, demonstram que trocaram "seis por meia dúzia". Vejamos um exemplo retirado do Dicionário Escolar das Dificuldades da Língua Portuguesa:

> O conceito de certo-errado – que tem caracterizado a velha gramática normativa – foi substituído aqui pelo conceito de corrente. O que seja corrente na linguagem dos bem-falantes, ou na prática dos literatos consagrados, afigura-se-nos mais aceitável do que tudo quanto a caturrice dos gramáticos recomende, em que pese a sua incontestável autoridade filológica. Os gramáticos que reformem os seus compêndios, e façam da língua viva e estuante a norma irrecorrível de suas sistematizações. (JUCÁ FILHO, 1968, p. 7).

O *Dicionário* está repleto de exemplos de autores da lavra de Alencar, Camillo, Bilac, Machado de Assis, Garret, entre outros autores que se esmeraram em construir um imaginário de língua asséptica em que os falantes do Português Popular afiguram-se como verdadeiros cultores da língua. Ressaltemos que o autor baseia-se na construção de seu Dicionário em "bem-falantes" ou nos "literatos consagrados", em outros termos, uma língua idealizada.

Parece-nos fácil verificar como os atores sociais que constroem os dicionários de Língua Portuguesa encaram a presença daquilo que está distante (ou até próximo) da norma-padrão, mas é identificável como pertencente às classes menos letradas, perpetuando a divisão entre cultos e incultos, letrados e iletrados, reunindo-os ou separando-os pelo parâmetro

[32] Teremos oportunidade de voltar a esse tema.

daquilo que se aproxime ou se afaste do popular, tal qual ocorre com a designação de plebeísmo.

Centra a questão na Sociolinguística, Bagno (2017) afirma que os primeiros estudos com base em atitudes linguísticas foram feitos por Lambert-Labov (1960) e que desde esse trabalho pioneiro diferentes métodos vem sendo empregados, mas que quase todos procuram examinar "[...] o modo como os ouvintes reagem a falantes supostamente diferentes. (BAGNO, 2017, p.22). Para o presente estudo vamos nos pautar, *mutatis mutandis*, nas ponderações feitas e nos caminhos sugeridos por Helen Cristina da Silva e Vanderci Andrade Aguilera, *O poder de uma diferença: um estudo sobre crenças e atitudes linguísticas*. Do relevante estudo na área lexical realizado pudemos extrair as seguintes ponderações:

a) A necessidade de que o falante possua uma consciência linguística;
b) A necessidade de que o falante possua uma consciência sociolinguística;
c) A necessidade de que o falante reconheça níveis ou graus de aceitabilidade.

Inicialmente, o pesquisador deve se perguntar se o falante é capaz de reconhecer que há nas línguas diferenças e, no nosso caso, se ele é capaz de perceber que há formas diferentes de se nominar algo do mundo biossocial. Após tão reconhecimento, ainda deve perguntar se o falante é capaz de associar essas diferenças à estrutura social, capaz, portanto, de dizer se tal uso é permitido ou não, em dada situação em que o falante se encontra. Por fim, deve-se questionar se o falante percebe que há usos mais "adequados" e usos "menos adequados" conforme a natureza social do envolvimento dos falantes.

Nesse sentido, postulamos que o pesquisador deva previamente estabelecer três níveis de atitudes, ao submeter o falante a um teste. Em nosso caso, não apresentamos dois vocábulos em variação, mas vocábulos que podem se encaixar dentro de uma percepção de avaliação de uso, o que queremos avaliar é a visão que o falante construiu sobre **o uso** e **o não uso** de uma forma, nesse sentido, o uso ou a rejeição do uso é que na verdade constitui nosso elemento em variação. Para tanto postulamos os seguintes níveis:

Nível 1 – Conhecer e usar.
Nível 2 – Conhecer e não usar.
Nível 3 – Desconhecer.

Os níveis 1 e 2 dão conta da consciência linguística e sociolinguística, em que o falante reconhece a existência de dada forma e da possibilidade de uso. No primeiro caso, o uso está incorporado ao seu vernáculo, o que demanda uma avalição melhorativa, ao passo

que no caso do Nível 2, a consciência sociolinguística sobrepõe-se já que há uma percepção da existência mas não do uso, o que implica, desta forma, uma rejeição do vocábulo, por considerá-lo não só inapropriado, mas quiçá um tabuísmo em seu grupo social. Nesse sentido, a avaliação que o utente faz está centrada em suas crenças de pertença e não pertença à língua padrão ou à língua padrão vista pelos olhos da escola. Para tanto, ele exerce, numa visão sociolinguística, uma hierarquização no uso dos vocábulos. Em relação ao nível 3, essa avaliação demonstraria que o uso não poderia estar, ainda, incorporado ao vernáculo do utente.

Temos a consciência que os níveis postulados podem se sobrepor, mas a diferença entre eles, mesmo que seja apenas de matizes suaves, é um indicativo de que as crenças sobre o ideal da "língua" se corporifica em atitudes linguísticas observáveis.

Devemos reconhecer ainda a contribuição de Fasold (1984; 1990) que, além de outros temas, tratou das atitudes linguísticas associadas à mudança e à manutenção linguísticas. Segundo Bortoni-Ricardo (2014), *Manual de Sociolinguística*, a análise de atitudes linguísticas tem servido de instrumento diagnóstico para avaliar-se como os falantes percebem diferenças dentro de sua própria língua e como percebem que, embora falemos uma mesma língua, há diferenças que não impedem a comunicação mas que configuram um quadro do "normal e diferente" (BORTONI-RICARDO, 2014, p.46), citando textualmente, a fala de um dos participantes de uma pesquisa realizada em Salvador – BA. Nesse sentido, o normal , como diz o informante, ser o diferente, quando nesse diferente não houve a hierarquização do normal.

Passemos a discutir outro elemento necessário à compreensão do espaço da *gíria comum* no imaginário da escola contemporânea: **a identidade linguística**. Antes de adentramos à questão linguística, precisamos entender como a identidade foi inicialmente compreendida por outras áreas de conhecimento que impulsionaram a compreensão que a Linguística hoje tem da identidade.

Do ponto de vista biológico, nosso instinto de preservação levou-nos a nos identificar com dado grupo social. Pertencer a um grupo significa estar ligado a uma rede de proteção e, por conseguinte, obtermos a garantia de sobrevivência. Somos, portanto, seres gregários e como tal há regras de manutenção desse comportamento. Enquanto que biologicamente os graus de parentesco nos aproximam e nos repelem, questionamos: como estabeleceu-se a identidade dos grupos sociais com os grande crescimento populacional? Não é à toa que a

metáfora familiar expandiu-se para atingir as línguas. E mesmo a noção de vernáculo utilizada por Labov (1972) reflete essa concepção de lar, de casa, de proximidade física e coesão de grupo. Assim, a família biológica tornou-se a família política, em que a língua que se fala garante a filiação de todos os que coabitam em uma dada região geográfica.

Do ponto de vista psicológico, pertencer a um grupo é uma dos pilares da afirmação dos indivíduos nos estratos sociais. Peter Stratton e Nicky Hayes (2008 [1994], p. 122) definem identidade como o senso que um indivíduo tem sobre o tipo de pessoa que ele é. Tal "senso" de que tratam os autores pode ser interpretado como uma estrutura mental construída e sobre o qual o indivíduo estabelece julgamentos.

Com base nisso, do ponto de vista linguístico, a **identidade** é uma concepção simbólica construída pelo falante segundo a qual ele se relaciona por pertencimento a um grupo, excluindo-se dos demais. A identidade segundo Bagno "[...] é a representação social que o indivíduo constrói acerca de seus grupos de pertencimento e de referência, de maneira que se sinta incluído em certas comunidades e excluído de outras, natural de um país (o seu) e estrangeiros nos outros, por exemplo." (BAGNO, 2017, p.199). Embora as diferenças entre línguas sejam, em muitos, casos evidentes, quando tratamos de normas dentro de sistema linguístico, as relações de pertencimento não se demonstram tão cristalinas, revelando muitas vezes preconceitos ou ideias valorativas pouco sustentáveis do ponto de vista linguístico. Exemplo disso é a percepção que se tem da pronúncia correta, por exemplo, de dados vocábulos em que há divergência entre a norma culta e popular, fato que remonta o *Appendix Probi*, mas que alhures se vê em nossas gramáticas, lições repetidas em uma seção dedicada à ortoepia ou à ortoépia.

Nesse sentido, quando o falante demonstra explicitamente ter consciência sobre determinado uso, mas evita-o, afirma, por tabela, que sua identidade linguística está relacionada a um grupo que não usa esta ou aquela forma de expressão. Tal situação é facilmente perceptível no caso da gíria e especialmente da *gíria comum*.

1.3.4 Gíria comum: neologismo semântico

Nosso objetivo nessa subseção é apresentar evidências que sustentam a nossa crença de que a **gíria comum** é um *neologismo semântico* que, dicionarizada, vê-se enfraquecida em

sua natureza críptica, mas nos revela sua natureza coesiva, identificando-a aos membros pertencentes a um grupo ou membros de certa classe social, especialmente aqueles que constituem a nossa base da pirâmide social, o povo.

Para sustentarmos nossa convicção, vamos recorrer aos estudos realizados por Johannes Louw e Eugéne Nida (2003 [1989]) os quais se dedicaram ao estudo do léxico do grego coinê [língua comum], construindo comparações com a Língua Clássica. Louw e Nida (2003 [1989], p.14) afirmam que as diferenças entre vocábulos deviam ser vistas por elementos contextuais e extracontextuais e para que tal diferença seja bem demarcada era preciso observar o grau de aproximação e de distanciamento entre sentidos atribuídos aos vocábulos, partindo do pressuposto de que dado grupo pode atribuir sentidos a um vocábulo e outro atribuir outros sentidos ao mesmo vocábulo dentro do mesmo sistema linguístico. Louw e Nida (2003 [1989], p. 15) enfatizam que a produção de metáforas é uma forma recorrente de apreensão do sentido novo construído; assim, o neologismo semântico, portanto, estaria ligado a uma forma de percepção de um grupo que não se vê necessariamente no outro.

Com base nisso podemos ver que, embora os vocábulos gírios, especialmente os de **gíria comum**, já existam, na língua oficial, seus sentidos e até sua morfossintaxe são alterados pelos utentes segundo a relação contextual e extracontextual, o que pode ser demonstrado pelo "grau de distanciamento" do sentido que a língua lhe atribuiu e o dicionário o reconheceu.

Para entendermos melhor o que dissemos, vamos retomar ao exemplo: de "boquinha". Indiscutivelmente, é o diminutivo de "boca", sentido reforçado por Houaiss (2001) e Sacconi (2010); outro sentido registrado sem maiores comentários é a designação atribuída a certo peixe; logo, um regionalismo já que o peixe poderia ter tido registrado o seu nome científico. São as outras informações sobre boquinha que se tornam pertinentes à nossa análise.

O Visconde de Pedra Branca (1780 − 1855), em 1826, registra "boquinha", excluindo-se a forma do diminutivo, como um neologismo desconhecido em Portugal, e como se propôs a escrever um verbete para uma enciclopédia em francês, traduziu-o por "petit baiser", literalmente, "beijinho", a despeito da tradução "beijo" feita por Volk Noll (2008 [1999], p.177). Trata-se ao juízo daquele enciclopedista um verdadeiro *brasileirismo*, o que parece ser contestado pela afirmação de Bluteau (1728) para quem o sentido de ósculo já estava presente em terras portuguesas; no entanto, em defesa do Visconde, podemos argumentar que o diminutivo –inha atribuído ao "beijo" não lhe seja por seu caráter pequeno, mas breve; assim, pode-se resgatar que no sentido de ósculo (beijo) não se trata de neologismo semântico, mas

que no Brasil assumiu a "doçura" de se tornar breve, logo, boquinha seria um beijinho, culturalmente incomum à natureza lusitana: boquinha (em Português "beijo", em Português Brasileiro "beijinho, beijo breve, ósculo rápido". Por fim, a boca (boquinha) é tomada como elemento que faz alusão a uma das atividades que ela realiza, cuja prioridade lhe cabe, no plano denotativo, mas que se estende ao conotativo[33]. Isso posto, vemos que o uso de "boquinha" no sentido de "pequeno beijo" ou beijo breve, rápido, foi considerado um uso brasileiro, constituindo-se num neologismo semântico. Os sentidos derivados, ainda de "boquinha", são bastante esclarecedores já que na acepção de "refeição pequena e ligeira" é para Houaiss (2001) brasileirismo informal e no sentido de "cargo público" é considerado por Sacconi (2010) uma gíria. Portanto, podemos concluir que "boquinha" teria sentidos que aos poucos seriam classificados a depender desse processo de evolução das sociedades ou dos grupos sociais que o usam.

Onde estaria a gênese dos *neologismos semânticos* e, portanto, dos casos da *gíria comum* sobre a qual refletimos em nosso estudo? Segundo Zygulski (1973), conforme a tradução feita por Barbosa (1981), o surgimento dos neologismos, em especial o *semântico,* se daria por condicionamentos linguísticos e extralinguísticos, destacando-se entre esses últimos o condicionamento sociocultural. Sociedades heterogêneas, compostas por diversos grupos sociais costumam apresentar formas peculiares, organizando o acervo lexical segundo o potencial de cada língua, concebida como um inventário de possibilidades. Dentro desse inventário de possibilidades, poderia haver sentidos coincidentes, mas não totalmente equivalentes. O que, no caso da gíria, manteria o caráter criptológico e no caso da **gíria comum** preservaria o novo sentido atribuído pelo grupo ao vocábulo; logo, um *neologismo semântico.* Novamente, aplicando à nossa argumentação, o caso de "boquinha", o sentido de "cargo público", uma verdadeira *sinecura*, surgiria justamente como eufemismo dentro de determinado grupo social. Vamos ver um exemplo desse emprego justamente em um texto retirado de um blog da internet.

(1) O nepotismo, a praga de dar **boquinha** no serviço público para parente, segue corriqueira e usual na administração pública em pleno século XXI. Nesta quarta-feira, o Ministério Público Estadual foi obrigado a intervir para suspender a prática na Prefeitura Municipal de Campo Grande, que garantiu cargo comissionado para a mulher e sobrinho de integrantes do primeiro escalão[34].

[33] De igual sorte dizemos: As ondas beijam a areia da praia.
[34] http://www.ojacare.com.br/2018/03/22/nepotismo-a-praga-da-boquinha-para-parente-segue-na-capital-em-pleno-seculo-xxi/acesso em 25.06.2018.

Como afirmar Sacconi (2010), o vocábulo na acepção empregada pelo *blog* seria uma gíria; no entanto, seria um caso de *gíria comum*, um uso popular que traduziria o erudito estendido de "nepotismo" que chama a atenção do leitor para um termo próprio da linguagem formal. Vejamos que "boquinha" aparece como aposto explicativo, que, na visão do autor, não urgia retraduzir [nepotismo ≈[35] boquinha ≈ cargo público ≈ sinecura], porque seus leitores já estariam acostumados [inferência] ao sentido, o que não aconteceria com nepotismo. O uso feito pelo *blog* nos levaria a outro postulado explicitado por Barbosa (1981), do qual passaremos a tratar a seguir: a ampliação do campo semântico.

Após a consolidação do novo sentido do vocábulo ("boquinha" ≈ nepotismo [=sinecura]), sua organização e sua mudança estrutural dentro do inventário lexical caminha *pari passu* com a evolução e as transformações de visão do mundo de cada grupo. *In casu*, "boquinha" entraria na lista dos sinônimos possíveis de nepotismo, algo que só se veria no âmbito do sentido de novo, portanto, do *neologismo semântico*. Nepotismo, certamente, extraído da denúncia do Ministério Público, fora traduzido para "boquinha" numa linguagem mais próxima aos leitores do *blog*. No caso do *neologismo semântico*, o novo sentido tenderia a refletir as alterações ou as nuances de pensamento advindas das mudanças ocorridas nos grupos sociais; assim posto, "boquinha" teve seu sentido estendido ao campo semântico de nepotismo, palavra técnica, pouco usual, e, portanto, de efeito reduzido à compreensão de certos leitores.

Por fim, dentro do escopo do neologismo semântico, podemos ver que certos traços, certos valores culturais, certos valores ideológicos e até filosóficos podem ser comuns a vários grupos, mas podem, no caso da neologia semântica de que tratamos, a **gíria comum**, conviver entre os diversos sentidos, mas os diversos sentidos podem estar presentes em um grupo e não em outro, o que demarcaria seu caráter restritivo, noção peculiar ao caso da *gíria comum*. Pensando ainda com o nosso exemplo, "boquinha" teria uma leitura, não apenas contextual, como tivemos oportunidade de explicitar, mas também um valor ideológico dentro de um dado grupo que passa a ver a concessão de emprego público a um familiar como exemplo de nepotismo. De sentido melhorativo, "beijinho", e até de sentido neutro "comer algo" passou a eufemismo do erudito "nepotismo", servindo-lhe de tradução na própria língua.

[35] O símbolo traduz uma aproximação (≈), considerada como representação inexata de alguma coisa, mas suficientemente próxima dela.

2 MÉTODOS E PROCEDIMENTOS

Nesta seção, detalhamos o desenvolvimento das etapas da pesquisa, a metodologia escolhida e o contexto em que ela ocorreu. Para tanto, faremos algumas considerações sobre a história da comunidade local; descrição da unidade escolar onde a pesquisa foi desenvolvida e as características dos participantes. Por se tratar de uma pesquisa cujas etapas possuem um caráter cíclico (identificação da situação-problema, elaboração de diagnóstico, intervenção didático-pedagógica e avaliação de sua eficácia), optamos por desenvolver nosso trabalho segundo a metodologia da pesquisa-ação, já que segundo Baldissera (2001):

> A pesquisa-ação exige uma estrutura de relação entre os pesquisadores e pessoas envolvidas no estudo da realidade do tipo participativo/ coletivo. A participação dos pesquisadores é explicitada dentro do processo do "conhecer" com os "cuidados" necessários para que haja reciprocidade/complementariedade por parte das pessoas e grupos implicados, que têm algo a "dizer e a fazer". Não se trata de um simples levantamento de dados. (BALDISSERA, 2001, p. 6).

De fato, a pesquisa aqui desenvolvida não se restringe apenas a coleta de dados. O seu caráter é interventivo, pois, a partir dos dados obtidos buscamos descrever e analisar o uso da variante gíria por estudantes de uma escola pública em situações comunicativas considerando o *continuum* [+ formal] e [- formal]. Compreendemos, dessa forma, que o objeto de estudo desta pesquisa é um recurso dinâmico que enriquece nosso idioma; contudo, há a necessidades de que os sujeitos envolvidos na pesquisa se atentem às esferas de uso desse recurso, principalmente nas situações mais monitoradas tanto na modalidade oral quanto na modalidade escrita da língua.

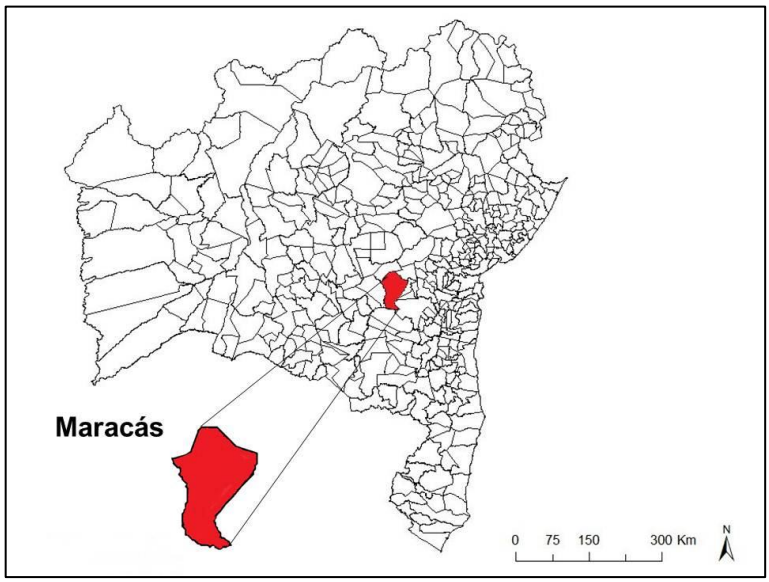
2.1 Campo da pesquisa

Situada na região sudoeste da Bahia, especificamente na Mesorregião do Centro-sul, a cidade de Maracás figura-se entre as cidades mais antigas dessa região. Distante a 359 km da capital do estado, possui 24.613 habitantes[36] dos quais, cerca de 70% residem na zona urbana. Possui uma área territorial de 2.413,264 km² e tem como municípios limítrofes: Marcionílio Souza, Planaltino Lajedo do Tabocal, Manoel Vitorino, Lafaiete Coutinho, Jequié e Iramaia.

[36] Conforme o último CENSO (2010).

Com seus 976 metros de altitude, a temperatura média de Maracás é de 19,2º C, e por isso é reconhecida como uma das cidades mais frias do Estado.

Mapa 1. Mapa de localização de Maracás no Estado da Bahia



Fonte: https://mapas.ibge.gov.br/ba/maracas (Adaptado pelos autores)

A origem do nome Maracás está diretamente relacionada a tribo indígena que povoava essa região muito antes da emancipação política do município. O hino à cidade de Maracás, cuja letra é de Elvira Sá do Nascimento[37], faz referência a essa origem.

> [...]
>
> Maracás, Maracás!
> Assim teu nome nasceu
> Origem de uma tribo indígena
> Este nome bem que mereceu.
>
> (NASCIMENTO, 1980)

[37] Professora leiga que lecionou na primeira escola pública do município, denominada de Grupo Escolar Gonçalves Dias, fundada em 1948.

O município foi criado oficialmente em 1855, quando houve o desmembramento da cidade Mucugê; contudo, os estudos de Nascimento (2014) revelam que:

> As primeiras referências a Maracás datam de 1660 quando bandeirantes portugueses, ao subir o Rio Paraguaçu em direção à Serra Geral, enfrentaram os indígenas Maracás – guerreiros que assim eram chamados por usarem de um instrumento, o maracá, que consistia em um cilindro de madeira (ou cabaça), oco, contendo no seu interior pedras pequenas. (NASCIMENTO, 2014, p. 44).

Notamos, portanto, que os indígenas herdaram essa denominação em virtude do instrumento que usavam, e que posteriormente deu origem ao nome da cidade. É importante ressaltar, no entanto, que os estudos de Silva e Mota (2000) evidenciam que, na verdade, os índios que habitavam a região onde hoje é a cidade de Maracás tinham outra denominação. Ainda segundo as autoras:

> [...] o topônimo Maracás está associado aos seus primeiros habitantes, os índios cariris que se distinguiam das tribos circunvizinhas pelo uso de instrumento musical: o maracá. A história do município […] inclui entre outros fatos a luta entre índios e portugueses – e entre eles os jesuítas no trabalho de catequese – passagem de bandeirantes paulistas em busca do ouro do interior central do Brasil; importante palco do coronelismo baiano que influenciou a configuração do poder estadual; a presença de imigrantes italianos e colônia de isolamento pra alemães, na segunda guerra. (SILVA, 2000, p. 175).

Em meio a essas denominações que, aparentemente são distintas, recorremos à recente pesquisa de Machado (2016) que discorre sobre a tradição religiosa africana, indígena, brasileira da cidade de Maracás. Para tanto, a autora faz um resgate da história do município, e esclarece que:

> O que, à primeira vista, parece ser uma confusão no nome da tribo (cariri ou maracá) que habitou a região, na verdade, é uma dupla definição que pode ser explicada à luz das teorias das relações étnicas. Mais precisamente, das teorias de definição endógena e exógena. Ou seja, a história da cidade aponta para a existência de duas nomeações que, possivelmente, explicam um mesmo grupo étnico (MACHADO, 2016, p. 24).

Seja da tribo cariri ou maracá, os registros históricos mostram que o povoamento da localidade onde hoje está situada a sede do município ocorreu por volta de 1651, conforme Novaes (2009). Quase duzentos anos depois, através de leis provinciais, Maracás foi elevado à categoria de Distrito, Vila e posteriormente cidade em 19 de abril de 1855. Contudo, foi

apenas em 1911 que Maracás passou a fazer parte da divisão administrativa do Brasil, segundo os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística[38].

É importante ressaltarmos ainda as outras etnias que contribuíram para a formação do povo maracaense. A terra dos índios maracás fora também habitada por portugueses, italianos, alemães e africanos. Nesse sentido, torna-se oportuno recorrer a Machado (2016), sendo a qual:

> Primeiramente, chegaram os colonizadores portugueses [...] a partir da segunda metade do século XVII, com a conquista do sertão dos maracás. Mais tarde, entre o fim do século XIX e início do XX, houve a chegada de diversas famílias italianas; por fim, durante a Segunda Guerra Mundial, a cidade recebeu um numeroso grupo de alemães que, por medida preventiva, foram ali colocados numa espécie de vigilância constante (numa cidade que à época era de difícil acesso) em virtude do temor de uma invasão das forças de Hitler. Por conta disso, houve uma supervalorização dessas etnias dominantes por parte de algumas famílias, ditas tradicionais de Maracás. (MACHADO, 2016, p. 33).

Ainda segundo a autora, nesse contexto de imigração, a população negra se concentrou nas proximidades da nascente do Rio Jiquiriçá, região denominada de Rua do Cuscuz[39]. Isso marcou uma espécie de segregação no município, tendo em vista que do outro lado cidade moravam as famílias de origem branca, que encaravam com desprezo os oriundos dessa rua, conforme os relatos dos moradores mais antigos da localidade, evidenciados nos estudos de Machado (2016). Atualmente, o Bairro do Cuscuz (hoje denominado oficialmente de Bairro Jiquiriçá) ainda é habitado por moradores negros, em sua grande maioria.

Quanto à economia, os indicadores da Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia[40] (dados de 2013) demonstram a participação direta de três setores na atividade econômica do município: em primeiro lugar está o setor de comércio e serviços, responsável por 74,9% do Produto Interno Bruto; posteriormente destaca-se a agropecuária (totalizando 15,6%) e por fim o setor industrial que de maneira mais tímida corresponde a 9,5% do PIB.

---

[38] Esses dados estão disponíveis em https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/maracas/historico

[39] Segundo Guimarães (2003), o nome "Rua do Cuscuz" é uma referência ao fato de os “africanos” moradores daquela região da cidade fazerem Cuscuz de milho e venderem aos brancos.

[40] Para mais detalhes sobre os indicadores do município de Maracás, consultar http://www.sei.ba.gov.br/site/resumos/indicadores/indicadores_2920502.pdf.

Outra fonte de renda de muitas famílias maracaenses é a produção de flores, cujo início não é recente uma vez que "[...] o cultivo de flores já era realizado na década de 1970 e 1980, antes mesmo de Maracás ser intitulada a 'Cidade das Flores', no início dos anos 2000", conforme aponta Santana (2014, p. 18). Atualmente, o município é um dos maiores produtores de flores do estado da Bahia. A partir de 2012, Maracás passou a ser conhecida como "cidade das flores e do vanádio", em virtude instalação da mineradora Largo Resources[41] que iniciou suas atividades de extração desse minério no município em agosto de 2014. Essa atividade de extrativismo mineral causou grande impacto na economia local, visto que além da geração de emprego houve também o crescimento da arrecadação de impostos destinados ao tesouro municipal. Outras atividades movimentam a economia do município, a exemplo da plantação de tomate, maracujá, pimentão. Em virtude da criação da Associação Maracaense dos Apicultores e Meliponicultores Ambientais (AMA-ME), a produção e comercialização do mel também tem gerado renda para muitas famílias.

2.2 A Unidade Escolar

O Colégio Normal Municipal de Maracás, fundado em 17 de março de 1964 é a maior instituição pública de ensino do município. Atende duas modalidades de ensino: o Ensino fundamental II (no diurno) e a Educação de Jovens e Adultos – EJA (no noturno). No ano letivo de 2017, foram matriculados 1.175 alunos na Instituição de Ensino. A escolha de tal instituição para a realização da pesquisa se deu em virtude do público que ela atende: alunos entre 12 e 16 anos (no diurno) oriundos tanto da zona urbana quanto da zona rural. Outro fator não menos importante para a escolha foi o fato de essa escola ser o campo da minha atuação docente desde 2010.

[41] Sobre a implantação do projeto de mineração de vanádio em Maracás, ver SOUZA, Flávio Guimarães de. A cidade de Maracás-BA, a partir da implantação do projeto de mineração de Vanádio / Flávio Guimarães de Souza.- Salvador, 2014. (Dissertação mestrado). Disponível em: < https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/19758>

Figura 3: Colégio Normal Municipal de Maracás – Maracás – BA

Fotografia: Julival Novaes

2.3 Participantes da pesquisa

Participaram dessa pesquisa 31 (trinta e um) alunos de uma turma do 8º ano do Ensino Fundamental do turno vespertino de uma escola pública da rede municipal de ensino de Maracás. Ressaltamos, no entanto, que, embora todos os alunos tenham aceitado participar da pesquisa, apenas 25 (vinte e cinco) alunos realizaram efetivamente todas as atividades propostas nas oficinas de intervenção. Dentre estes, havia 07 (sete) meninos e 18 (dezoito) meninas, todos com idade entre 13 e 15 anos.

Tabela 1: Informantes da pesquisa com inicial do nome, idade, sexo e localização de moradia

Nº	**Informante**	**Idade**	**Sexo**	**Localização de moradia**
1.	AC	14	F	Zona urbana
2.	AL	14	F	Zona urbana
3.	CS	15	M	Zona urbana
4.	DC	14	F	Zona urbana
5.	DK	14	F	Zona urbana
6.	GB	14	F	Zona urbana
7.	JS	15	M	Zona rural
8.	JN	15	M	Zona urbana
9.	JC	14	F	Zona urbana

10.	JB	14	M	Zona urbana
11.	JM	14	M	Zona urbana
12.	KS	13	F	Zona urbana
13.	IL	13	F	Zona urbana
14.	KL	14	F	Zona urbana
15.	LJ	14	F	Zona urbana
16.	LA	14	F	Zona urbana
17.	LF	14	M	Zona urbana
18.	MP	14	F	Zona rural
19.	MS	15	F	Zona urbana
20.	NS	14	F	Zona urbana
21.	RS	14	F	Zona rural
22.	RF	14	F	Zona rural
23.	TS	14	F	Zona urbana
24.	TR	15	F	Zona urbana
25.	YB	14	M	Zona urbana

Fonte: Elaborada pelo pesquisador a partir dos dados pesquisa

2.4 Oficina diagnóstica: descrição dos procedimentos

A oficina diagnóstica [42] foi desenvolvida em uma sala de 8º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública do município de Maracás – BA, e contou com a participação de 31 alunos. Essa oficina teve duração de 05 horas/aula, nas quais foram realizadas as seguintes etapas[43] que passaremos a descrever.

Na primeira, os alunos ouviram cinco músicas, a saber: *A gíria é a cultura do povo* (Bezerra da Silva); *Papo reto* e *Burguesinha* (Seu Jorge); *Esse cara sou eu* (Roberto Carlos) e *Trem bala* (Ana Vilela). Após a audição, os alunos identificaram as palavras e/ou expressões consideradas (por eles) como gírias. Ainda nessa etapa, os alunos tiveram acesso às letras[44] dessas músicas para que pudessem identificar outros termos pertencentes ao vocabulário gírio,

[42] Conferir Oficina Diagnóstica no anexo I, pág. 124.
[43] Ressaltamos que antes da realização da oficina foi feita uma sondagem sobre o que esses alunos consideram como gíria e, posteriormente, uma abordagem teórica sobre a gíria, fundamentada em Preti (1984); (2004).
[44] Conferir anexo I.

caso não identificasse apenas na audição. Cada aluno escreveu as gírias em uma folha entregue anteriormente.

A segunda etapa consistiu numa avaliação acerca do uso dessas palavras / expressões encontradas nas canções. Para cada **gíria comum** encontrada, os alunos assinalaram uma das opções que seguem: a) *conhece usa*; b) *conhece e não usa*; e c) *desconhece*. A partir dessa análise, os alunos passaram à etapa seguinte atribuindo significado[45] às gírias catalogadas.

Na quarta e penúltima etapa[46] foram usados os dicionários escolares, no intuito de pesquisar o significado dessas palavras e compará-los aos significados atribuídos por eles anteriormente. Por fim, a última etapa consistiu na criação de uma paródia[47] (em grupos), na qual foram usadas algumas das gírias encontradas nas músicas com as quais tiveram contato na fase inicial da oficina.

2.4.1 Análise dos dados

Os dados coletados na oficina diagnóstica foram bastante expressivos, principalmente, no que tange à quantidade de palavras e/ou expressões classificadas pelos alunos como gíria. Em cinco músicas, os alunos identificaram 50 (cinquenta) lexias simples e 26 (vinte e seis) lexias complexas. O quadro abaixo demonstra a quantidade de ocorrência de cada uma delas.

Quadro 1 – Gírias encontradas nas músicas

Gírias	Quantidade de ocorrência
Cara	23
Parceiro; tá ligado?	22
Vacilão	19
Tirando onda	18
Grana	16
Mané; se liga; zoar	13

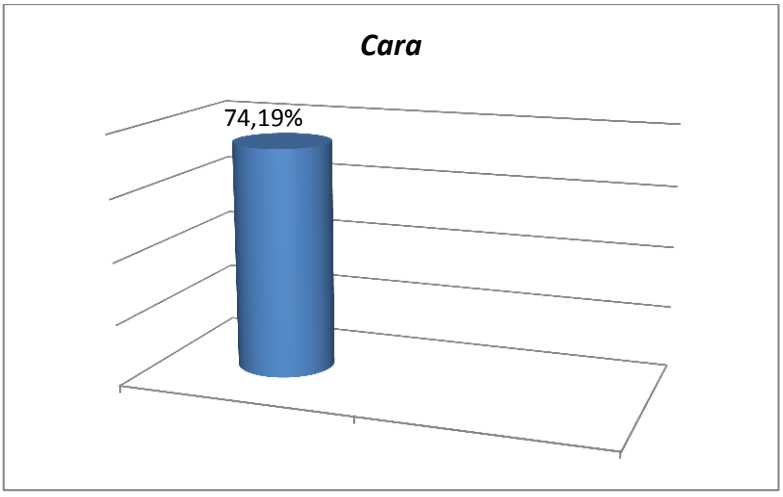
[45] Nessa terceira etapa, o significado atribuído foi de acordo com o conhecimento de mundo que os alunos possuem.
[46] O trabalho de pesquisa dessa etapa foi realizado em duas horas/aula.
[47] Conferir anexo II, pág. 135.

Bota fé; cara de pau; firmeza; lombrado; mina; paga pau	11
Deu bode; filé; gandaia; tranquilo	10
Baranga; otário; papo reto	09
Caô, fanfarrão; maneirona	08
Demorou, galera, gbo; pisou na bola; tranquilona	07
Boca de siri; qual é; sacanagem	06
Bate estaca; bolado; maluco; parada; tá esperto; tremeu na base; um sete um; vacilou	05
Marola; sujou; tá de bob	04
Alemão, azarou; boiando; boiola; burguesinha; caloteiro; malandragem; saca; tô na área	03
Bonde; conversa fiada; corujão; é ruim; mala sem alça; pagou mico; terror; tromba	02
Catuca; compadre; favela; malandro; na fita; rango; responsa; se toca; tá limpo; tá sarado; tô na bola; trincando; voado; fala sério	01

Fonte: Dados da pesquisa

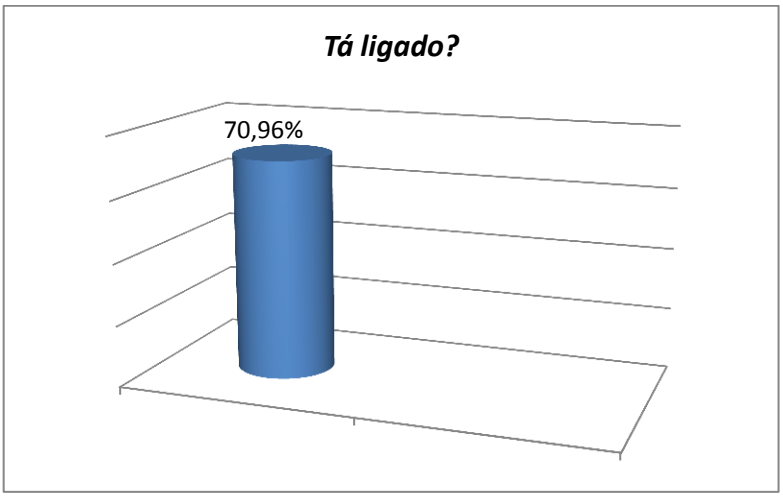
Embora tenhamos essa quantidade expressiva de lexias identificadas pelos discentes, ressaltamos que, neste trabalho, apenas as vinte mais recorrentes serão categorizadas e analisadas. Dentre elas, os gráficos abaixo ilustram as duas que mais se destacaram.

Gráfico 1 – Ocorrêcia da palavra *cara*



Fonte: Dados da pesquisa

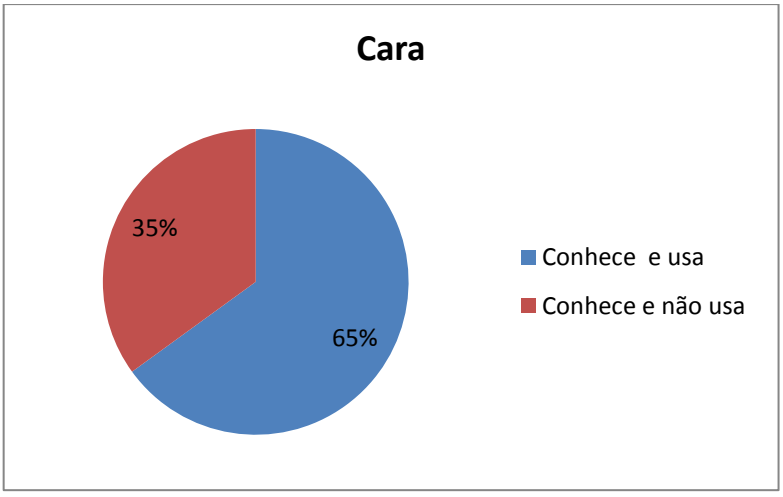
Gráfico 2 – Ocorrência da expressão *tá ligado?*



Fonte: Dados da pesquisa

Os dados revelaram que 74,19% dos alunos consideraram a lexia *cara* como gíria, ao passo que a expressão *tá ligado?* foi classificada de igual forma por 70,96% da turma. Nesse sentido, avaliamos, a princípio, a postura que estes alunos assumem perante estas duas palavras. Quanto à lexia *cara,* constatamos que a maioria dos sujeitos que a classificou como gíria, conhece e usa este termo, conforme demonstra o gráfico 3.

Gráfico 3 – Avaliação da gíria *cara*



Fonte: Dados da pesquisa

Os dados revelaram que a opção (d) *desconhece* não foi assinalada por nenhum dos alunos, logo, não consta no gráfico. No entanto, uma quantidade significativa reconheceu que conhece mas não usa esse termo. Podemos considerar, então, que essa lexia faz parte do acervo lexical da maioria absoluta desses estudantes, mesmo que uma determinada parcela tenha declarado não usá-la em seu cotidiano. Quanto à significação atribuída pelos alunos a este termo, relacionamos abaixo as mais recorrrentes.

Quadro 2: Significados atribuídos à palavra cara.

Signficado atribuído à palavra *cara*	**Quantidade de ocorrências**
Usada para se referir a uma pessoa.	08
Usada para se referir a um homem.	05
Modo de cumprimentar um amigo, companheiro.	04

Fonte: Dados da pesquisa

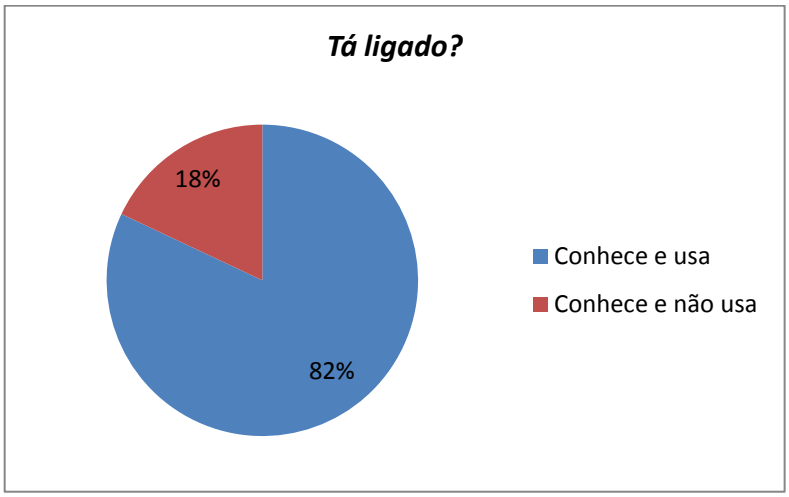
Constatamos que o significado mais atribuído pelos alunos à lexia cara coincide com o significado atribuído pelo dicionário Saraiva Jovem (2010)[48]. Em sua quinta acepção referente

[48] Esse dicionário escolar foi usado na quarta etapa da oficina em virtude da quantidade de exemplares disponível na biblioteca da escola – doze no total.

a esse verbete, há a seguinte denominação: "*gír* sujeito, pessoa qualquer" (SARAIVA JOVEM, 2010, p. 177).

No que se refere à UF *tá ligado?*, constatamos que a maioria dos alunos que compõe a turma, declararam que conhecem e usam tal lexia. Em contrapartida, observamos que não houve registro para as opções *desconhece*. Isso demonstra que há uma relação de familiaridade entre a população jovem e a UF *tá ligado*. O gráfico abaixo, ilustra a recorrência desse uso.

Gráfico 4 – Avaliação da gíria *tá ligado*



Fonte: Dados da pesquisa

As significações atribuídas pelos alunos à UF *tá ligado?*, em síntese, são convergentes. Isso porque a ampla maioria considerou que esse termo é utilizado quando se quer saber se a outra pessoa entendeu sobre o assunto sobre o qual se está falando. Ou seja, corresponde ao marcador discursivo "entendeu?".

2.4.2 Categorização das gírias por campo semântico

Os estudos linguísticos de Dubois *e* coautores (1993) consideram que a gíria se manifesta como uma marca de identidade grupal que simplesmente atribui novos significados a um vocabulário que já existe na língua. Como já tivemos oportunidade de explicitar no âmbito de nosso estudo, fazemos distinção entre o que chamamos de gíria e **gíria comum**. Partindo desse pressuposto, faremos um estudo das **gírias comuns** elencadas pelos alunos, no

intuito de discutir acerca desses novos significados, contemplando, dessa forma, o nível semântico. Além dessa análise semântica, outros dois níveis serão comtemplados no estudo: o morfológico (forma) e o sintático (função). Para tanto, inicialmente, categorizamos as gírias por campos semânticos, conforme ilustra o quadro a seguir.

Quadro 3: Categorização das gírias comuns por campos semânticos

	Campo semântico	Gíria
1.	**Caracterização particular atribuída a alguém**	vacilão, mané, cara de pau, baranga
2.	**Designação de pessoa**	cara, parceiro, mina
3.	**Situação comportamental**	tranquilo, tirando onda
4.	**Dinheiro**	grana
5.	**Referente à diversão**	gandaia, zoar
6.	**Efeito de droga**	lombrado
7.	**Saudação / cumprimento**	Firmeza
8.	**Marcador discursivo**	tá ligado?
9.	**Advertência / Prestar atenção**	se liga
10.	**Admiração**	paga pau
11.	**Qualidade**	filé
12.	**Confiança**	bota fé
13.	**Relativo à confusão**	deu bode

Fonte: Dados da pesquisa

A categorização dos campos semânticos dos vocábulos gírios nos possibilitou constatar que aqueles utilizados para atribuir características a alguém foram os que

apareceram em maior número. Posteriormente, aparecem as **gírias comuns** utilizadas para designar pessoa e logo após aquelas que referentes à situação comportamental.

No entanto, é importante observar que há um distintivo entre as gírias que designam pessoa. Duas delas (*cara* e *parceiro)* só admitem como referência, pessoas do sexo masculino. São, portanto, privativas deste gênero. Ao passo que *mina* é privativa do gênero feminino, ou seja, não há a possibilidade de fazer referência a alguém do sexo masculino fazendo uso dessa gíria.

2.4.3 Análise dos vocábulos gírios a partir dos critérios morfológicos, semânticos e sintáticos

Para procedermos a análise das lexias e UF é necessário analisar, primordialmente, a descrição do significado que consta nos dicionários gerais de língua. Sendo assim, a obra consultada na pesquisa foi o dicionário o *Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa* (1999) (doravante Novo Aurélio), por considerarmos uma das obras lexicográficas[49] que dá conta do maior número possível de unidades linguísticas do Português Brasileiro (PB), além de apresentar um extenso número de acepções para cada unidade lexical e os mais variados registros linguísticos possíveis. Nessa análise três critérios serão levados em consideração: o morfológico, o semântico e o sintático. Acerca desses critérios, Campos (2014, p. 68) esclarece, de forma breve, que "[...] o ponto de vista morfológico observa a constituição interna das palavras, isto é, a forma sob a qual elas se apresentam materialmente" (CAMPOS , 2014, p. 68). Já o ponto de vista semântico "[...] é adotado quando se observa a produção dos significados pela língua." (CAMPOS, 2014, p. 68), ao passo que o sintático se identifica com a observação das relações que as palavras estabelecem umas com as outras na constituição das sentenças. No quadro a seguir, segmentamos as lexias em simples e complexas.

[49] Vale ressaltar que o *Dicionário Houaiss* também é um dicionário geral de língua por apresentar características muito semelhantes ao *Dicionário Aurélio*.

Quadro 4: Segmentação das lexias

Simples	Complexas
cara	tá ligado?
parceiro	tirando onda
vacilão	se liga
grana	bota fé
mané	cara de pau
zoar	paga pau
firmeza	deu bode
lombrado	
mina	
filé	
gandaia	
tranquilo	
baranga	

Fonte: Dados da pesquisa

A análise das lexias do quadro 4 procederá respeitando os seguintes critérios:

i) **lexias que apresentam apenas a designação de gíria / brasileirismo**;

ii) **lexias que apresentam a designação de gíria em acepções posteriores à primeira**;

iii) **lexias que não apresentam designação de gíria / brasileirismo em nenhuma acepção**

iv) **lexias que não correspondem a nenhuma entrada no dicionário**.

2.5 Lexias que apresentam apenas a designação de gíria / brasileirismo

2.5.1 BARANGA

Apresentando apenas duas acepções, a lexia *baranga* traz consigo duas marcas de uso que a define enquanto vocábulo genuinamente brasileiro: Bras. (*Brasileirismo) e Gír. (Gíria)*. A sua primeira definição está relacionada àquilo de má qualidade, de pouco ou nenhum valor. Na segunda acepção, encontra-se a definição mais usual entre os falantes do PB: designação de "mulher muito feia ou muito maltratada." (FERREIRA, 1999, p. 267). Evidenciamos, assim, que a lexia *baranga* não sofre nenhuma alteração em sua estrutura mórfica. O dicionário *Novo Aurélio* classifica a referida palavra como um adjetivo de dois gêneros (na primeira acepção) e como substantivo feminino (na segunda). Sintaticamente, a palavra baranga pode exercer várias funções: núcleo de sujeito, predicativo do sujeito, predicativo do objeto direto e indireto, entre outras.

2.5.2 GRANA

O dicionário Novo Aurélio (1999) registra duas entradas para o verbete em questão. Na primeira, o significado corresponde ao substantivo dinheiro e é considerado como gíria por se tratar de um brasileirismo. Na segunda entrada, *grana* corresponde ao "[...] conjunto de grânulos que contém clorofila existentes nas células verdes da planta (FERREIRA, 1999, p. 1004). Ressaltamos, no entanto, que o contexto linguístico no qual o vocábulo *grana* aparece nesse estudo, se restringe exclusivamente ao significado que consta na primeira entrada. Sendo assim, observamos que, quanto à forma, não se evidencia nenhum processo de modificação em sua estrutura. Semanticamente, podemos classificá-la como uma unidade lexical monossêmica[50] uma vez que ela apenas atribui significado a uma palavra já existente no PB: dinheiro. Trata-se de um substantivo feminino, logo pode assumir distintas funções, a depender do contexto em que se encontra.

[50] Considerando apenas a primeira entrada.

2.5.3 MANÉ

De acordo com o Novo Aurélio, o verbete *mané* é uma forma apocopada[51] de *manema*, palavra de origem tupi cujo significado inicial remete a *tolo*. Apresentado apenas duas acepções no dicionário *Novo Aurélio,* a palavra *mané* traz em sua definição as denominações de brasileirismo e provincianismo português. De acordo com esse dicionário, *mané* se refere àquele indivíduo que é inepto, desleixado, negligente, tolo. Por sofrer uma apócope, o referido vocábulo tem a sua estrutura mórfica alterada caracterizada pela supressão do último fonema. Ao compararmos os dois vocábulos, cabe ressaltar que em *manema* a vogal tônica /e/ é nasal média-alta, ao passo que em mané essa mesma vogal passa a ser classificada como vogal oral média-baixa. Por se tratar de uma caracterização particular que pode ser atribuída a alguém, compreendemos que a palavra *mané* corresponde a um adjetivo, embora o dicionário Novo Aurélio a classifique como substantivo. Sendo assim, a função sintática desempenhada por esse vocábulo depende essencialmente do contexto onde se encontra.

2.5.4 LOMBRADO*

O dicionário Novo Aurélio não registra uma entrada para tal vocábulo, no entanto, verificamos que há o registro da palavra *lombra*, cujo significado se refere efeito ou resultado do uso da maconha. Essa definição do dicionário é precedida pela abreviatura *Bras*. (Brasileirismo). Compreendemos, portanto, que, no vocabulário gírio, *lombrado* pode ser compreendido como aquele que está sob o efeito da maconha. Nesse sentido, observamos que ocorre um processo de derivação sufixal na palavra *lombrado* (lombra + ado). O acréscimo do sufixo faz com que a palavra primitiva (*lombra*) se transforme no adjetivo (*lombrado*).

2.5.5 VACILÃO*

De igual forma, o dicionário Novo Aurélio não registra uma entrada para a palavra *vacilão*. Contudo, há o registro do verbete *vacilo* (substantivo originado do verbo vacilar),

[51] Apócope: supressão de fonema ou de sílaba no fim de uma palavra.

precedido pelas marcas Bras. e Gír. e corresponde à bobeada, mancada. Logo, um indivíduo que comente uma mancada, no vocabulário gírio pode ser considerado um *vacilão*.

Quanto à estrutura mórfica do vocábulo em questão, constatamos que ocorre o mesmo processo do caso anterior (com sufixo diferente). Contudo, é preciso destacar que embora o sufixo *-ão* seja o principal formador de aumentativos em Língua Portuguesa, há outros sentidos que esse morfema pode atribuir a determinadas palavras. O sufixo *-ão* em *vacilão* não designa aumentativo, pois denota valor semântico agentivo, ou seja, caracteriza aquele que "comete um vacilo".

2.6 Lexias que apresentam a designação de gíria em acepções posteriores à primeira

2.6.1 CARA

Quanto à palavra *cara*, a definição inicial que é conferida a esse item lexical, refere-se à sua origem etimológica, como se lê a seguir.

> [Do gr. *Kára,* 'cabeça', pelo lat. Tard. *cara*, poss.]
> **S.f. 1.** A parte anterior da cabeça, rosto.
> **2.** Semblante, fisionomia.
> **3.** A parte oposta à coroa, geralmente com uma efígie, em certas moedas.
> **4.** *Fig*. Aspecto, aparência, ar: * *O doente está de boa cara; O bife está com boa cara;*
> **5.** Ousadia, coragem: * Não tem cara de vir até aqui. *
> **S.m.** *Bras. Gír.*
> **6.** Pessoa que não se conhece.
> **7.** Indivíduo, sujeito.
>
> (FERREIRA, 1999, p. 401)

Diante da definição exposta acima, constatamos que o verbete aparece, no dicionário *Novo Aurélio* apresentado sete acepções. Os principais sentidos estão ligados à ideia de parte da cabeça que corresponde ao rosto. Chega à noção de pessoa nas duas últimas acepções, trazendo consigo as marcas de uso *Bras*. (Brasileirismo) e *Gír*. (Gíria). Ou seja, esses significados posteriores foram somados ao que o verbete já possuía de acordo à sua origem.

Nesse sentindo, observamos que o verbete não passou por nenhuma modificação formal. Ou seja, trata-se, portanto, de um processo de ampliação lexical denominado de

neologia semântica. Conforme Ferraz (2010), "[...] trata-se de uma expansão de sentido, quando da reutilização, com novos significados, de unidades léxicas já existentes no sistema" (FERRAZ, 2010, p. 67). Sendo assim, podemos afirmar que *cara* é um verbete polissêmico. Quando relativo à sua origem grega (que corresponde à face) configura-se como substantivo feminino (a cara), ao passo que quando é usado para designar pessoa assume a condição de substantivo masculino (o cara).

Levando em consideração a classificação morfológica, podemos dizer que verbete em análise assume, preferencialmente, a função sintática de núcleo do sujeito, tanto como substantivo feminino quanto masculino (ex: *A cara de Maria está suja* / *O cara foi assaltado ontem*). No entanto, apenas como substantivo masculino designativo de pessoa pode exercer a função de vocativo (ex: *Cara, você não sabe o que aconteceu!*)[52].

2.6.2 TÁ LIGADO?

Em *tá ligado* podemos observar, de imediato, que se trata de uma UF na qual ocorre um processo de alteração morfológica no seu verbete inicial. Trata-se de um uso linguístico muito comum na língua falada informal: substituir o '*tá*' por '*está*'. Linguisticamente, o que está ocorrendo é uma aférese, já que houve uma supressão de fonemas no início da palavra.

A descrição inicial que consta no *Novo Aurélio* acerca desse verbete reforça essa a ocorrência desse fenômeno: variação aferética de *está*, forma verbal de estar na terceira pessoal do singular do presente do indicativo (Ferreira, 1999). Feita essa significativa observação, partimos então para análise da segunda palavra que compõe a expressão: *ligado*.

> [Part. de ligar².] **Adj.**
> **1.** Que se ligou; junto, pegado, unido.
> **2.** Que tem alguma relação; relacionado.
> **3.** *Mús.* Que é executado sem interrupções.
> **4.** *Bras. Gír.* Que está sob efeito de droga.
> **5.** *Bras. Gír.* Absorto, concentrado: **Estava tão ligado na leitura do livro que não me ouviu chamá-lo.*
> **6.** *Metal*. Diz-se de metal a que se adicionaram outros metais a fim de conseguir-se uma liga (9). ~ V. campo – e nível - . **S.m.**

[52] Exemplos criados pelos autores.

> **7.** Mús. Trecho ligado (3) e que é indicado por uma ligadura (4). [Nas acepç. 3 e 7, há o correspondente it. legato.]
>
> (FERREIRA, 1999, p. 1212)

Conforme as informações descritas no *Novo Aurélio*, o verbete em análise apresenta sete acepções. O principal sentido está relacionado à ideia de ligar, unir, relacionar. Nas demais acepções, o verbete assume outras significações que foram a ele adicionadas, como por exemplo, a marca de uso *Gír*. Na perspectiva da gíria, podemos dizer que alguém *ligado*, pode está sob efeito de droga ou, simplesmente, concentrado. Trata-se, portanto, de uma palavra polissêmica e por não sofrer nenhuma alteração na sua forma para designar outras significações, compreendemos que ocorre uma neologia semântica.

Sintaticamente, a UF *tá ligado?* funciona como marcador discursivo, que corresponde a *entendeu?* Segundo Martelotta (1997, p. 90), marcadores dessa natureza "[...] passam de pergunta referencial, típica de final de cláusula ou sintagma, a pergunta retórica (que não pede necessariamente a resposta do ouvinte), contexto em que assumem novas funções de caráter pragmático-discursivas".

Nesse sentido, a UF em questão, enquanto marcador discursivo, perde o sentido referencial (levando em consideração os dois vocábulos separadamente) para assumir uma nova função no ato comunicativo: pedir a concordância do ouvinte em relação ao que se está falando. É importante ressaltar, ainda, que esse recurso linguístico é mais recorrente na língua falada.

2.6.3 PARCEIRO

O verbete aparece categorizado em seis acepções. A primeira delas postula que essa lexia corresponde a "igual, semelhante, parelho, par" (FERREIRA, 1999, p. 1499). Na última acepção, a marca de uso Pop. (popular) precede o significado que lhe é atribuído: finório, espertalhão. Essa marca de uso justifica a origem dessa palavra, conforme demonstra esse dicionário – "Do lat. *partiariu*, por via popular".

Não se aplica nenhum processo de modificação na estrutura da palavra em questão. Morfologicamente, ela é classificada como adjetivo, e nessa condição exerce, preferencialmente, a função sintática de predicativo do sujeito. No entanto, pode funcionar

também como vocativo, em certos contextos informais (principalmente na oralidade), conforme o exemplo a seguir: Ex: *Você, parceiro, venha cá*.[53]

2.6.4 TIRANDO ONDA

Trata-se de uma lexia complexa formada por um verbo e um substantivo. O verbo *tirar* encontra-se flexionado no gerúndio. É um verbo transitivo direto, cujo significado atribuído na primeira acepção do dicionário Novo Aurélio diz respeito a fato de "[...] fazer sair de algum ponto ou lugar; retirar" (FERREIRA, 1999, p. 1964). É importante ressaltar que, quando outra palavra é agregada ao verbo formando uma unidade fraseológica, o sentido literal do verbo não mais pode ser levado em consideração. Sendo assim, observamos que quanto à lexia *onda*, *su*as três primeiras acepções trazem significações denotativas, ou seja, diz respeito à porção de água do mar, lago ou rio, que se eleva. Apenas na décima segunda acepção, a palavra *onda* é concebida como brasileirismo com status de gíria, cujo significado corresponde a fingimento, simulação, hipocrisia.

A partir dessa concepção, há o registro dos subverbetes considerados pelo dicionário como gírias: *estar na onda*; *fazer onda*; *ir na onda*; *não ser onda para o rádio de*; *pegar onda*; *tirar onda*; e *tirar onda de*. Notamos que o que determina a significação da palavra onda é o verbo que a antecede, já que, por exemplo, pegar onda significa surfar e tirar onda (expressão que compõe o corpus dessa análise) significa, no universo da gíria, "dar-se ares de valente, de culto, de inteligente, de bom, de importante, etc". (FERREIRA, 1999, p. 1445). Desta forma, compreendemos que alguém que tira onda é um indivíduo que se comporta de maneira diferente em algumas situações, demonstrando ser o que de fato não é.

2.6.5 DEU BODE

A UF *deu bode* é formada por duas unidades lexicais de classificação morfológica idêntica ao caso anterior (verbo + substantivo). No contexto acima, o verbo *dar*, cujo significado original corresponde à ceder, presentear, ganha outra dimensão semântica ao agregar-se à palavra bode. Sendo assim, esse verbo passa a equivaler, nesse contexto, o

[53] Exemplo criado pelos autores

sentido de “resultar em”. Isso porque a palavra bode, cujo significado original se refere ao macho da cabra, apresenta também (na sexta acepção) a seguinte definição: confusão, compilação, encrenca. Posteriormente, nas últimas acepções, tal vocábulo é classificado como gíria, com a ressalva de que na décima quinta há apenas a designação de *brasileirismo*, como se lê a seguir:

12. Gír. Ant. Mil-réis
13. Bras. Gír. Estado depressivo, ou de sonolência, provocado por droga (4), ou não.
14. Bras. Gír. Situação embaraçosa, difícil, complicada ou deprimente.
15. Bras. Papagaio (5) grande.

(FERREIRA, 1999, p.312)

É importante ressaltar ainda que o verbete *bode* corresponde a outra entrada no dicionário *Novo Aurélio*. Curiosamente, a primeira acepção dessa (nova) entrada está assim descrita:

> “[Do ingl. body; ‘corporação’; ‘corpo’ (9).] S.m. Bras. Mar. Gír. 1. Designação comum a quatro especialidades profissionais, que se distinguem uma das outras pelo emprego de adjetivos relativos a cores: bode azul (comunicações), bode preto (máquinas), bode verde (hidrografia) e bode vermelho (armamento).
>
> (FERREIRA, 1999, p. 312)

Trata-se, portanto, de um vocábulo com relações bastante estreitas com o universo da gíria. Na acepção acima transcrita, por exemplo, essas designações das especialidades profissionais são gírias da Marinha de Guerra do Brasil, segundo o dicionário referência utilizado na pesquisa. Por fim, ressaltamos que embora a palavra em questão apresente duas entradas no dicionário e significações distintas, compreendemos que a UF *deu bode* significa no vocabulário gírio “resultar em confusão”. Não se observa, nesse caso, nenhuma modificação na estrutura da palavra bode. O que se observa, tão somente é o processo de conjugação do o verbo introdutor dessa unidade fraseológica.

2.6.6 MINA

O dicionário *Novo Aurélio* também registra duas entradas para este verbete. Contudo a significação condizente com esse estudo se restringe apenas à primeira. Treze acepções compõem a descrição desse verbete, cujo significado original refere-se a uma cavidade

artificial na terra de onde se extrai minérios, combustíveis, água etc. Apenas nas duas últimas acepções, constam na definição de *brasileirismo popular* e *gíria*, como podemos constatar a seguir:

12. Bras. Pop. Garota, menina;
13. Bras. Gír. Mulher que sustenta o amante.

(FERREIRA, 1999, p. 1338)

Compreendemos, portanto, que não se opera nenhuma mudança formal nessa unidade do léxico, quando ela passa a apresentar uma significação distinta do seu significado original, o que caracteriza, dessa forma, o processo denominado neologia semântica, já mencionado anteriormente.

2.7 Lexias que não apresentam designação de gíria / brasileirismo em nenhuma acepção

As palavras *filé*, *firmeza*, *gandaia*, *tranquilo* e *zoar*, embora estejam dicionarizadas, as definições a elas atribuídas não fazem qualquer referência às marcas de uso especificadas no tópico acima. Acreditamos, portanto, que embora seja recorrente ouvir tais palavras em outros contextos, não houve ainda a dicionarização dos novos usos de tais palavras. Para exemplificar melhor tais usos, comparamos o significado atribuído a essas palavras pelo dicionário *Novo Aurélio* (preferencialmente da primeira acepção) e o significado atribuído pelos sujeitos envolvidos na pesquisa.

Quadro 5: Comparação de significados das gírias

Lexia	Dicionário Novo Aurélio (1999)	Dados da pesquisa
filé	Designação vulgar dos músculos psoas do boi, da vitela, do porco e de outras reses.	Bacana, legal
firmeza	Qualidade de firme; resistente, sólido.	Modo de falar com alguém (e aí, firmeza?
gandaia	O ato de revolver o lixo à procura de quaisquer objetos de algum valor porventura misturados com ele. (3) Fig. Vadiagem, mandriice, ociosidade.	Farra, curtição

tranquilo	Em que reina a calma, a ordem, o equilíbrio.	Que está em paz, calmo
zoar	Soar fortemente; ter som forte ou confuso; fazer zoada.	Perturbar, pirraçar

Fonte: Dados da pesquisa

Cabe ressaltar que as marcas de uso Bras. Pop. aparecem na descrição do verbete *filé*, contudo são referentes a filé mignon (melhor parte). Há ainda a marca Bras. Irôn. (brasileirismo irônico) que corresponde a pessoa extremamente magra. No contexto da canção, acreditamos que a expressão "só no filé" pode corresponder à ideia de ostentação, de luxo. Nesse sentido, é possível estabelecer uma relação entre o significado denotativo desse verbete e o sentido conotativo que ele pode apresentar, conforme demonstra o quadro acima.

2.8 Lexias que não correspondem a nenhuma entrada no dicionário

Diante da pesquisa realizada, constatamos que algumas das expressões catalogadas como gírias pelos alunos não fazem parte do acervo lexical do dicionário *Novo Aurélio*. Contudo, transcrevemos a seguir alguns dos significados atribuídos pelos alunos a essas unidades fraseológicas.

Quadro 6: Significados atribuídos pelos alunos

Unidades fraseológicas	Significados atribuídos pelos alunos
Cara de pau	Pessoa sem vergonha
Se liga	Fica esperto
Paga pau	Ficar impressionado; admirar
Bota fé	Quando confia em alguém

Fonte: Dados da pesquisa

Constatamos, portanto, que essas UF ainda não foram lexicalizadas e, por isso, não correspondem a nenhuma entrada no dicionário *Novo Aurélio*. Contudo, a pesquisa revelou que os alunos estão familiarizados com essas UF, já que fazem parte do acervo lexical dos mesmos.

3. PROPOSTA DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA

Apresentamos nesta seção, a propsota de intervenção pedagógica que é composta por 05 (cinco) oficinas, as quais envolvem leitura, pesquisa, produção textual, reflexão sobre adequação dos usos linguísticos e ampliação do repertório lexical. Essas oficinas foram elaboradas tendo por base os pressupostos teóricos apresentados na primeira seção deste trabalho. Seu objetivo primordial é contribuir para o aprimoramento da competência comunicativa[54] dos alunos do 8º ano do Ensino Fundamental, uma vez que as atividades propostas oportunizarão os mesmos a fazerem uma reflexão sobre a adequação vocabular os diversos contextos apresentados. Salientamos ainda que os textos que compõem a intervenção pedagógica apresentam uma linguagem acessível para os discentes do Ensino Fundamental I e II, ou seja, fácil de ser compreendida, pois acreditamos que as **gírias comuns** presentes nos textos já fazem parte do acervo lexical dos alunos. Sendo assim, essa familiaridade com a **gíria comum** facilitará a exploração das questões propostas.

3.1 Oficina 01 – Na onda da *Indian*

1ª Etapa

A seguir, será apresentado um texto de autoria do jornalista Jason Vogel, publicado na versão *online* do Jornal O Globo, em 26 de julho de 2017. Leia-o com atenção, observando, principalmente, as palavras empregadas no título da reportagem.

[54] Essa terminologia foi introduzida por Dell Hymes no final de década de 60 em resposta às teorias do linguista Noam Chomsky. Baseando-se nos pressuposto de Hymes (1967), Sampaio (2006) esclarece que "o conhecimento, que combina o saber gramatical com saber social, constitui a **competência comunicativa** (grifo nosso) dos indivíduos. Os indivíduos, usuários de uma ou de diversas línguas, têm acumulada na sua competência comunicativa uma gama de variedades (sociais, profissionais, geográficas, estilísticas, etc.) que lhes permitem comunicar-se em diversas situações." (SAMPAIO, 2006, p. 30).

Texto 01

Indian entra na onda das motos depenadas de fábrica

Modelo Scout ganha a versão Bobber, uma 'bandida de butique' com suspensão rebaixada, para-lamas curtos, guidom reto e tinta preta no lugar dos cromados

POR JASON VOGEL

26/07/2017 17:43 / atualizado 26/07/2017 17:48

É provável que a Indian Scout Bobber faça sua estreia no Brasil durante o Salão Duas Rodas, em novembro **– Divulgação.**

De uns tempos para cá, o nome bobber (que pode ser traduzido como "boia") caiu nas graças da indústria. Trata-se de um estilo de personalização de motos que existe nos EUA desde os anos 30 do século passado. Consiste em aliviar a máquina de tudo o que for possível: os para-lamas são encurtados (ou eliminados), o banco é trocado por um pequeno selim e por aí vai... Em resumo: é uma espécie de cafe racer, porém ainda mais simples, com chassi parrudo (Harley-Davidson, na maioria das vezes) e sem qualquer pretensão esportiva.

Inicialmente, essas motos eram feitas em casa e ao gosto do dono. Até que, no ano passado, a Triumph resolveu produzir uma bobber em série, a partir da Bonneville. Mais ou menos ao mesmo tempo, a Honda também resolveu lançar lá fora suas "malvadonas de butique", as Rebel 300 e 500.

Agora é a americana Indian que entra na onda. Pegaram o modelo Scout (o menor da marca) e o deixaram com uma aparência ainda mais bandida. A suspensão traseira foi

rebaixada em 2,5cm. O guidom é do tipo “t-bar” com espelhos pendurados na ponta dos punhos. O banco é um selim, sem lugar para garupa, e as pedaleiras são bem avançadas.

Os pneus “balão” dão um ar retrô a esta versão, que tem ainda rodas de liga leve com desenho diferente do que se vê nas outras Scout. Os cromados dão lugar a muitas peças pintadas de preto fosco (a cor é usada até no fundo do velocímetro, em vez do tradicional esquema creme e vermelho).

Como manda o figurino bobber, o para-lama traseiro é curtinho e a lanterna “sumiu” — sua função, bem como a luz de freio, foi assumida pelo conjunto de setas. O farol ganhou uma pequena carenagem, e o motor é o V-twin de 1.133cm³ e 94cv de outras Scout.

Não há anúncio oficial de lançamento Brasil, mas uma fonte ligada à marca diz que “muito certamente” a nova versão estará no Salão Duas Rodas de São Paulo, em novembro.

Como referência, uma Scout normal hoje sai por R$ 50 mil (na tabela) ou R$ 48 mil (com desconto). Nos EUA, a Bobber custa apenas US$ 200 a mais do que a Scout básica.

Fonte:< https://oglobo.globo.com/economia/carros/indian-entra-na-onda-das-motos-depenadas-de-fabrica-21634496#ixzz4vCawTEpL > Acesso em 10 de out. de 2017.

2ª Etapa

Vamos refletir um pouco:

- No título da reportagem há palavra (s) e/ou expressão (ões) que você considera como pertencente ao vocabulário gírio? Quais? Por que você acha isso?

  _____

  _____

  _____

- Consulte um dicionário a fim de verificar quais significações são atribuídas a essa (s) palavra (s).

  _____

  _____

  _____

  _____

- Em um texto jornalístico, espera-se o uso de uma variedade culta da língua. O título dessa reportagem evidencia essa afirmação? Ou seja, os termos utilizados estão linguisticamente adequados ao seu contexto de comunicação? Justifique.

  _____

  _____

  _____

3ª Etapa

Vamos produzir...

A partir da imagem da motocicleta Scout Bobber (apresentada na reportagem), crie um anúncio publicitário sobre esse produto, simulando que o anúncio seja veiculado em uma conceituada revista especializada em motocicletas. Nesse anúncio você deve usar a expressão "entrar na onda" (e suas flexões) e outras gírias que julgar necessário para promover tal produto.

Crie aqui seu anúncio!

3.2 Oficina 02 – Como chama o seu dinheiro?

1ª Etapa

Será exibido o vídeo da "Promoção Elma Chips Tem Grana no Pacote" (Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=FPZnQBHX7lY). Após a exibição, serão feitos os seguintes questionamentos?

- Quais outras palavras você utiliza para se referir a dinheiro? Será que pessoas mais velhas que você, utilizam as mesmas palavras? Vamos pesquisar! Registre abaixo os resultados da sua pesquisa.

  _____

  _____

  _____

2ª Etapa

Os alunos pesquisarão quais palavras as pessoas mais velhas utilizam para se referir a dinheiro. Também pesquisarão a designação de dinheiro em outras regiões do país. A partir do levantamento realizado, eles farão uma adaptação da propaganda da Elma Chips trocando a palavra "grana" por uma das que pesquisaram.

Figura 4 - Propaganda original – Elma Chips

Fonte: Disponível em <http://www.grananopacote.com.br/> Acesso em 11 de out. de 2017

Figura 5 – Propaganda adaptada – Elma Chips

Fonte: Disponível em <http://www.grananopacote.com.br/> (Adaptada pelos autores) Acesso em 11 de out. de 2017.

3ª Etapa

Vamos refletir...

- Você acha que a propaganda teria o mesmo efeito / aceitação com o uso de outra palavra que também designa dinheiro? Justifique.

  _____

  _____

  _____

- Com essa substituição vocabular você acha que todo mundo compreenderia o que "tem no pacote" além do conteúdo comestível do produto anunciado? Justifique.

  _____

  _____

  _____

3.3 Oficina 03 – Variação da "Etiqueta Linguística" nos textos de Glória Kalil

Serão apresentados a seguir, dois textos cuja autoria é de Glória Kalil (jornalista, empresária e consultora de moda). O primeiro foi publicado no seu site de moda denominado Chic[55], e se refere às meias usadas pelo primeiro ministro canadense, Justin Trudeal, durante um evento no dia 20 de setembro de 2017, em Nova York. O segundo é uma postagem sobre a primavera em sua conta no *Instagram*. Confira:

Texto 01

AS MEIAS DO PRIMEIRO-MINISTRO

Nem o público, nem os jornalistas, conseguiam tirar os olhos das pernas do Primeiro-Ministro do Canadá quando ele se sentou para discutir os rumos da economia do Canadá e do mundo junto a outros

[55] http://chic.uol.com.br/

chefes de Estado e empresários por conta das espetaculares meias que ele escolheu para usar na reunião, em Nova York.

O espanto era totalmente justificado; nunca o fórum empresarial promovido pela Bloomberg tinha recebido em seu palco alguém com a figura do Chewbacca, de Guerra nas Estrelas, na frente do tornozelo, embaixo de calças impecavelmente vincadas.

Não foi por acaso, claro. Justin Trudeau sabia exatamente o efeito de choque que a escolha deste acessório iria causar e a mensagem era clara: "Não esperem que eu tome um caminho convencional nas minhas propostas políticas porque não vai ser por aí".

Quebrar um *dress code* pode ser um erro como pode ser uma renovação de paradigmas. No caso de Troudeau, é um gesto de ousadia e liberdade que tem que corresponder a alguma atitude inovadora também nos temas em discussão do fórum.

Caso contrário, seria apenas um erro infantil e sem sentido.

Fonte: KALIL, 2017. *As meias do primeiro ministro*. Disponível em: <http://chic.uol.com.br/alo-chics> Acesso em 11 de out. de 2017.

Texto 02

Figura 6: Postagem feita por Glória Kalil em sua conta pessoal no *Instagram*.

Fonte: KALIL, 2017. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BaClJ9vB_zo/> Acesso em 10 de out. de 2017.

1ª Etapa

Vamos refletir...

- É correto afirmar que em ambos os textos, Glória Kalil empregou a variedade culta da língua? Justifique.

  _____
  _____
  _____

- Qual o sentido palavra *rolando* n texto 02? Em qual outro contexto é possível usá-la?

  _____
  _____
  _____

- Por se tratar de uma postagem em uma rede social, o emprego dessa palavra no texto 02 está linguisticamente adequada ao seu respectivo contexto de comunicação? Justifique.

  _____
  _____
  _____

2ª Etapa

Suponhamos agora, que essa palavra (*rolando*) fosse empregada no texto 01. Observe a seguinte adaptação.

"O Primeiro-Ministro do Canadá foi a um fórum que estava <u>rolando</u> em Nova York."

Fonte: Adaptação dos autores

Agora responda:

- Levando em consideração a variedade culta da língua, o emprego dessa palavra descaracteriza tal variedade no contexto acima? Por quê?

_____
_____
_____

- Qual (is) palavra (s) poderia (m) substituir esse termo, no intuito de deixar o fragmento acima linguisticamente adequado à situação comunicativa em que ele foi apresentado (na versão original)?

_____
_____
_____

3ª Etapa

- Crie um pequeno texto, simulando uma postagem em uma rede social, na qual você faça o uso da palavra "*rolando"*.

Crie seu texto aqui!

Oficina 04 – Entendeu o que eu disse?

1ª Etapa

Leia a tirinha abaixo e responda às questões propostas. Observem não somente as palavras que foram empregadas nas falas dos personagens, como também nas expressões faciais dos personagens.

Figura 7 – Tirinha 1

Disponível em: https://www.mensagenscomamor.com/girias (Adaptada pelos autores)

1. Por se tratar de um diálogo entre jovens, algumas gírias foram empregadas pelos personagens da tirinha. Identifique-as e transcreva-as abaixo.

_____

_____

_____

2. Essas gírias fazem parte do seu vocabulário em conversas informais com seus amigos? O que elas significam?

_____

_____

_____

3. Apenas os jovens usam essas gírias? Você já ouviu pessoas adultas falarem assim?

_____

_____

_____

4. Quais gírias você já ouviu as pessoas mais adultas falarem?

_____

_____

_____

5. A senhora que apenas observa a conversa parece um pouco espantada. Por que será?

_____

_____

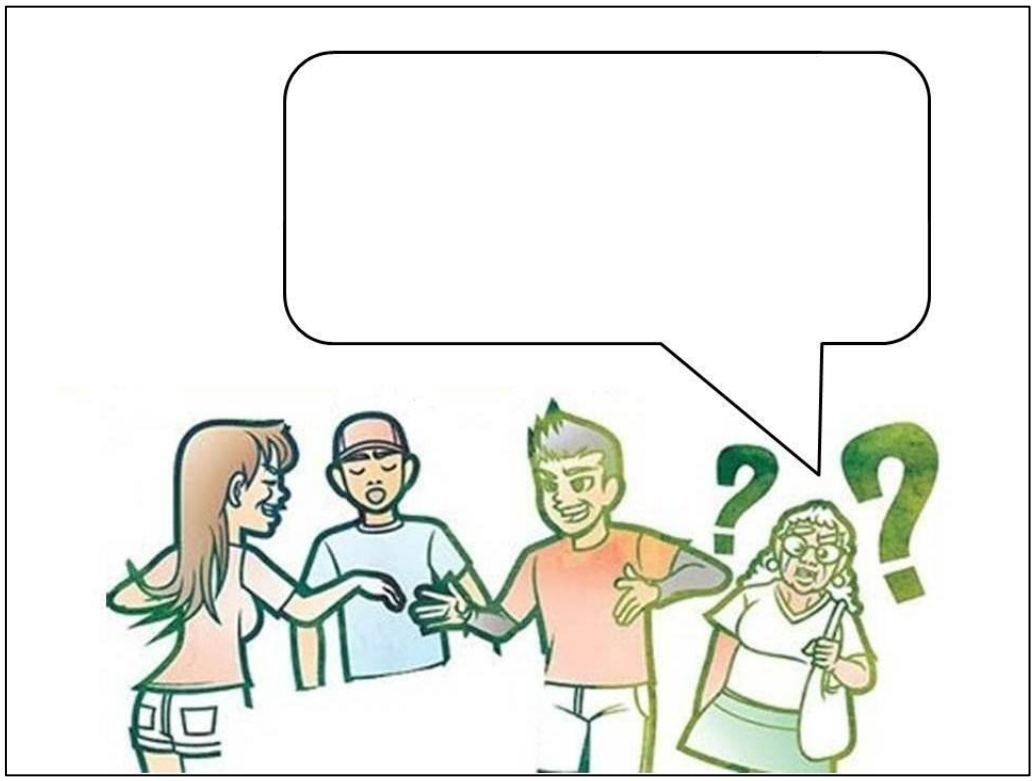
_____

2ª Etapa

Vamos produzir...

Se esta senhora participasse do diálogo, o que você acha que ela falaria? Escreva no balão abaixo.

Figura 8 – Tirinha 2



Disponível em: https://www.mensagenscomamor.com/girias (Adaptada pelos autores)

3ª Etapa

Agora vamos fazer uma comparação entre a tirinha anterior e a que segue. Leia-a atentamente.

Figura 9 – Tirinha 3

Fonte: http://conexaoug.blogspot.com.br/2012/06/linguagem-informal-girias-de-roraima.html

Vamos refletir...

1. Podemos observar que um dos personagens também emprega algumas gírias. No contexto no qual ele se encontra o uso da gíria (da forma como foi empregada na tirinha) é adequado / aceitável? Você se dirige aos seus professores dessa mesma maneira?

   _____
   _____
   _____

2. O motivo do espanto da senhora da tirinha da questão anterior e da professora desta tirinha pode ter sido o mesmo? Como você chegou a esta conclusão?

   _____
   _____
   _____

3. Em qual situação é mais comum o uso de um vocabulário gírio: no contexto da tirinha 1 ou da tirinha 2? Justifique.

   _____
   _____
   _____

4. Quais das gírias empregadas nas tirinhas você usa em seu dia a dia e em quais situações de comunicação. Relacione-as indicando com uma seta as situações em que são utilizadas.

_____	Bate papo com os amigos
_____	Reunião com alunos, pais e mestres na escola
_____	Conversa informal com os pais
_____	Apresentação de seminário na escola
_____	Postagem em redes sociais

Oficina 05 – Cada um no seu quadrado!

1ª Etapa

Observe atentamente as imagens a seguir. Posteriormente, indique quais balões podem, possivelmente, corresponder às falas dos personagens retratados nas imagens. Faça a correspondência numérica.

(1)

( )

Vou liberar emendas parlamentares para reestruturar o sistema penitenciário brasileiro. Não gostei das instalações desse presídio!

Fonte: Criação dos autores

Fonte: http://funklancamento2000.blogspot.com.br/2014/06/mc-juninho-jr-timido-musica-nova-2014.html (Adaptada pelos autores)

(2)

( )

Se liga que o papo é reto
Vem pra minha curtição
Hoje vamos puxar o bonde
Vai rolar um pancadão!

Fonte: Criação dos autores

Fonte: http://lecaricatura.blogspot.com.br/2013/06/caricatura-willian-bonner.html (Adaptada pelos autores)

(3)

( )

É mano! Até quando eu vou ver o sol nascer quadrado!? Tá barril aqui!

Fonte: Criação dos autores

Fonte:http://blogs.odiario.com/fernandonande/2017/01/05/eduardo-cunha-deprimido-na-cadeia/(Adaptada pelos autores)

(4)

( )

A taxa de desemprego voltou a crescer no segundo semestre. O governo atribuiu o aumento à intensa crise econômica que o país atravessa.

Fonte: Criação dos autores

Fonte: http://www.ossuarioblog.com/2013/09/CB-004.html (Adaptada pelos autores)

Discutir com os alunos acerca dos aspectos que motivaram a correspondência entre as imagens e os textos.

3ª Etapa

Leia atentamente as orientações disponíveis em um *site* da internet a respeito do que falar em uma entrevista de emprego.

Texto 01

Evite gafes

A menos que você seja solicitado a expor seu ponto de vista sobre determinados assuntos (e ainda assim é importante tomar muito cuidado!), **evite**:

- Comentários **políticos**: você não sabe qual a posição do seu entrevistador e, na maioria dos casos, esse assunto não vem ao caso em entrevistas de emprego.
- **Gírias** e expressões chulas.
- **Piadas**. Pode ser que o entrevistador não veja graça no seu humor e você crie uma situação constrangedora desnecessária.
- Expressar algum tipo de **preconceito**.
- Forçar **intimidade** com o entrevistador.
- **Inventar** experiências para ganhar crédito. Isso pode causar problemas mais tarde.
- Falar da sua **vida privada** mais do que o necessário.

Fonte: http://www.guiadacarreira.com.br/carreira/emprego/o-que-falar-em-uma-entrevista-de-emprego/

Agora leia a seguinte tirinha que representa a situação abordada no texto 01.

Figura 10 – Tirinha 4

Fonte: http://sosvip.blogspot.com.br/2011/02/tiras-e-charges-entrevistas-de-emprego.html (Adaptada pelos autores)

Vamos produzir...

Suponhamos que você seja o (a) entrevistado (a) da situação acima. Responda à pergunta do entrevistador em um pequeno texto, considerando a segunda orientação do texto 01.

_____

_____

_____

_____

_____

_____

_____

_____

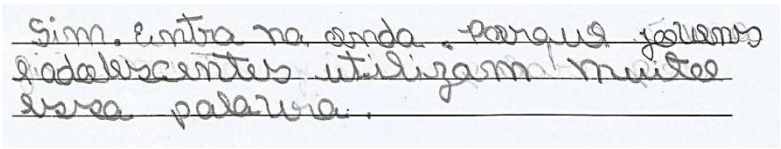
4. RESULTADOS, ANÁLISE E DISCUSSÃO

Nesta seção, analisamos os resultados obtidos através da aplicação das oficinas de intervenção pedagógica. Nesse sentido, compartilhamos e refletimos sobre as manifestações dos alunos, perante as atividades aplicadas e as discussões ocorridas durante a aplicação. Além disso, avaliamos se eles conseguiram alcançar os objetivos propostos.

4.1 Oficina 01 – Na onda da *Indian*

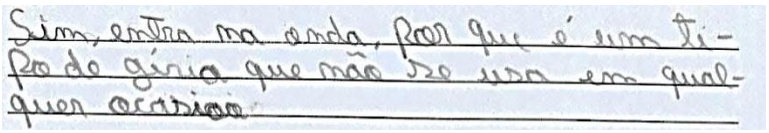
Na Oficina 01, os alunos participantes da pesquisa foram expostos a um texto publicado no Jornal O Globo, versão *online*. Já no título, eles foram estimulados a encontrarem uma gíria. Dentre participantes, 15 alunos (60% do total) destacaram a expressão "entrar na onda", ao passo que 10 alunos (40%) destacaram apenas a expressão "na onda". Quando questionados se havia e por que consideravam tal (is) expressão (ões) como gíria, as explicações mais recorrentes foram as evidenciadas a seguir:

Figura 11 – Texto produzido pelo aluno A



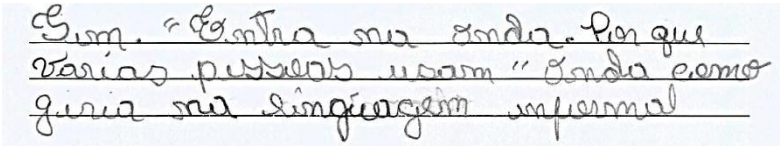
Fonte: Dados da pesquisa

Figura 12 – Texto produzido pelo aluno B



Fonte: Dados da pesquisa

Figura 13 – Texto produzido pelo aluno C

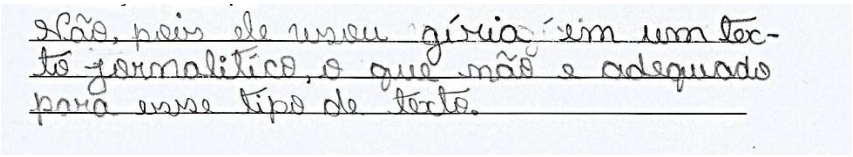


Fonte: Dados da pesquisa

Após consulta ao dicionário escolar *Saraiva Jovem*[56], os discentes constataram que a expressão "entrar na onda" não constitui uma entrada específica. No entanto, encontraram a expressão "estar na onda", uma subentrada do verbete "onda". Desta forma, chegaram à conclusão que "estar na onda" significa estar na moda, ser atual. É importante salientar ainda, que mesmo não sendo a expressão original (presente no título da notícia), a expressão encontrada pelos alunos pertence ao mesmo campo semântico, e é considerada como uma gíria, um brasileirismo pelo dicionário consultado.

Considerando que em um texto jornalístico espera-se o uso da variedade culta da língua, os alunos foram questionados quanto à adequação da expressão gíria a esse gênero textual. Quase por unanimidade, os alunos consideraram o uso da gíria como inadequado. Isso porque 96% (24 deles) se posicionaram contrariamente ao uso da expressão gíria "entrar na onda", no título da notícia. Nesse sentido, a resposta de um dos alunos, reproduzida a seguir, representa o posicionamento dos outros 23, em virtude dos argumentos serem bastante semelhantes.

Figura 14 – Texto produzido pelo aluno D

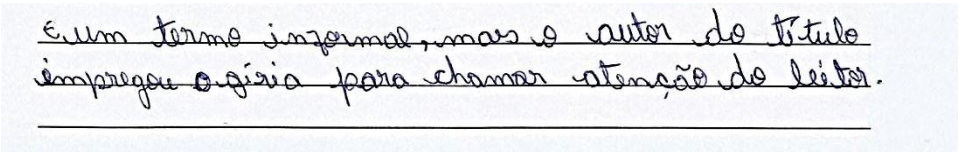


Fonte: Dados da pesquisa

No entanto, a explicação do único aluno que não condenou o uso da expressão gíria chamou a nossa atenção, por ser bastante plausível. Ele destaca a intencionalidade do autor do texto no uso da expressão entrar "na onda".

[56] Saraiva Jovem: dicionário da língua portuguesa ilustrado /organização da editora. São Paulo: Saraiva, 2010.

Figura 15 – Texto produzido pelo aluno E



Fonte: Dados da pesquisa

Diante do posicionamento desse discente, consideramos relevante discorrer, de maneira breve, acerca da intencionalidade (compreendida pela Linguística Textual como um dos fatores de textualização). Para fundamentarmos nossa abordagem recorremos a Koch e Travaglia (2015). Segundos os autores,

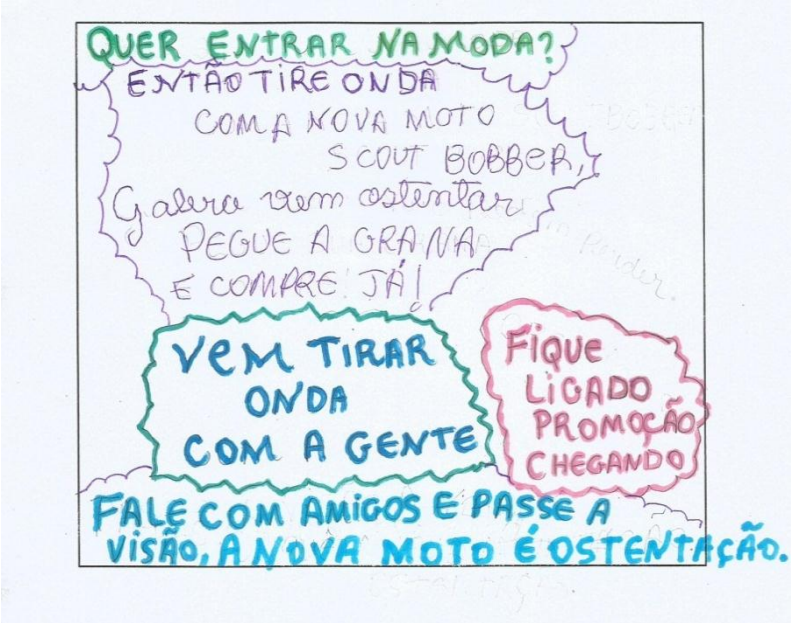
> [...] o produtor de um texto tem, necessariamente, determinados objetivos ou propósitos, que vão desde a simples intenção de estabelecer ou manter o contato com o receptor até a de levá-lo a partilhar de suas opiniões ou a agir ou comportar-se de determinada maneira. Assim, a intencionalidade refere-se ao modo como os emissores usam textos para perseguir e realizar suas intenções, produzindo, para tanto, textos adequados à obtenção dos efeitos desejados. (KOCH; TRAVAGLIA, 2015, p. 97).

Compreendemos, portanto, que quando o aluno sinaliza que o autor do texto empregou a gíria para chamar a atenção do leitor, estão implícitos na sua concepção os fundamentos da intencionalidade.

Na última etapa dessa oficina, os alunos foram convidados a empregar a expressão “entrar na onda” (segundo o sentido discutido), criando um anúncio publicitário para anunciar a motocicleta mostrada na reportagem. No anúncio, além da expressão em questão, outras gírias poderiam ser usadas.

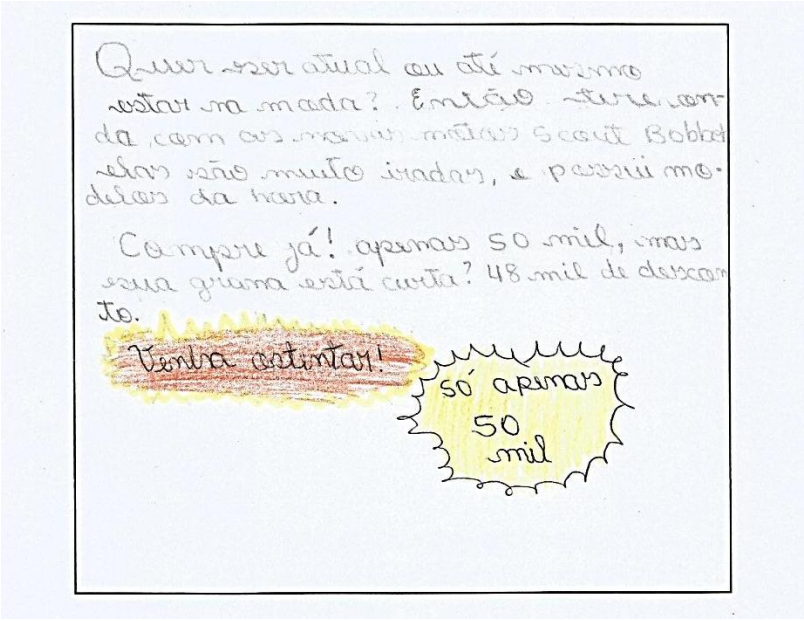
Com base nos dados, podemos observar que os alunos participantes da pesquisa foram bastante criativos. Não se restringiram apenas ao uso da expressão “entrar na onda”. Usaram outras palavras pertencentes ao vocabulário gírio, que provavelmente fazem parte do uso linguístico desses alunos. Os exemplos a seguir, demonstram essa criatividade.

Figura 16 – Anúncio produzido pelo aluno F



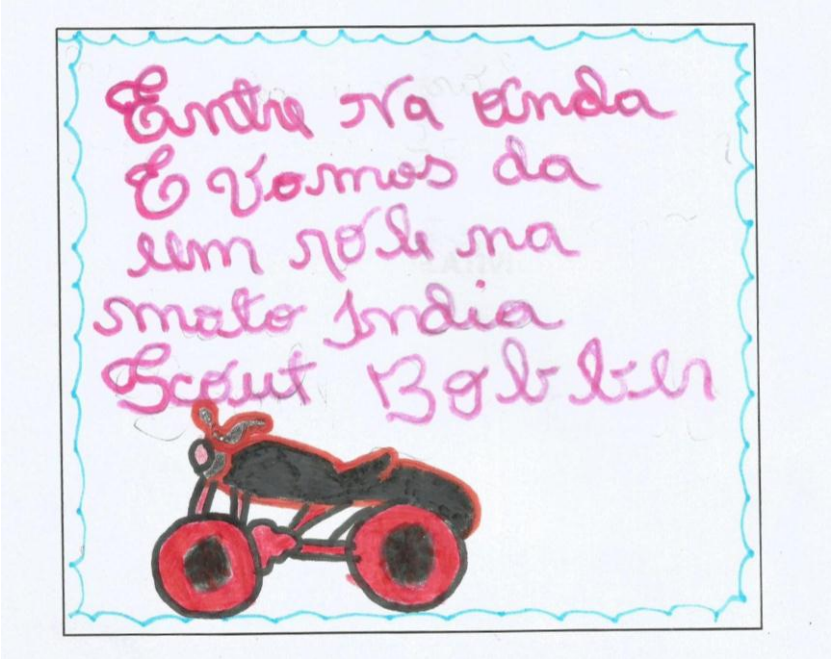
Fonte: Dados da pesquisa

Figura 17 – Anúncio produzido pelo aluno G



Fonte: Dados da pesquisa

Figura 18 – Anúncio produzido pelo aluno H



Fonte: Dados da pesquisa

Dentre as palavras e expressões gírias empregados pelos alunos, destacamos: *galera, grana, fique ligado, passe a visão, irada, da hora* e *rolé*. Constatamos, portanto, que nesse contexto comunicativo, não houve quaisquer restrições quando ao uso desses termos.

4.2 Oficina 02 – Como chama seu dinheiro?

Na segunda oficina, os alunos foram expostos a questionamentos acerca da temporalidade geracional das gírias, tendo em vista que cada geração possui um conjunto de gírias. Nesse sentido, eles puderam avaliar a adequação ao uso temporal tendo como campo semântico "o dinheiro".

A primeira etapa da Oficina II consistiu na solicitação (prévia) de uma pesquisa. Pedimos aos alunos que perguntassem às pessoas mais velhas, quais palavras elas usam para se referir a dinheiro. Dessa pesquisa sobre termos gírios usados para designar dinheiro, elencamos na tabela a seguir os mais relevantes.

Tabela 2: Vocábulos gírios usados para designar dinheiro

Nº	Vocábulo	Quantidade de ocorrências	%
1.	grana	25	100%
2.	bufunfa	16	64%
3.	nica	14	56%
4.	conto	14	56%
5.	dim dim	13	52%
6.	trocado	11	44%
7.	pau	08	32%
8.	nota	07	28%
9.	tostão	06	24%
10.	cascalho	06	24%

Fonte: Dados da pesquisa

É importante destacar que conforme demonstram os dados da pesquisa, a palavra "grana" foi registrada por todos os alunos participantes. Isso demonstra como esse termo gírio faz parte do acervo lexical (e dos usos linguísticos) tanto da geração mais velha como da geração atual. Entretanto, termos como "conto" e "tostão", por exemplo, muitos alunos relataram que não os conhece.

Nas etapas 2 e 3 da Oficina II, os discentes avaliaram a compreensão do valor significativo da palavra que eles utilizaram na substituição de "grana", na propaganda de uma marca de salgadinhos. Vejamos algumas substituições:

Figura 19 – Anúncio adaptado pelo aluno I

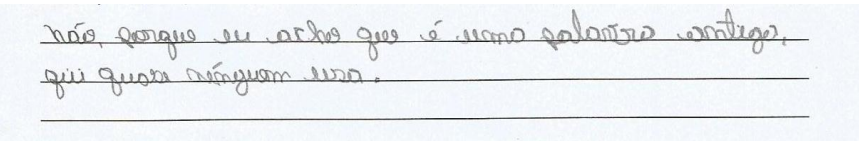
Fonte: Dados da pesquisa

Figura 20 – Anúncio adaptado pelo aluno J

Fonte: Dados da pesquisa

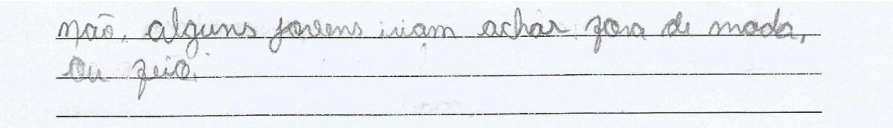
Após a substituição, os alunos responderam ao seguinte questionamento: *Você acha que a propaganda teria o mesmo efeito / aceitação com o uso de outra palavra que também designa dinheiro? Justifique*. Eis os depoimentos:

Figura 21 – Texto produzido pelo aluno K



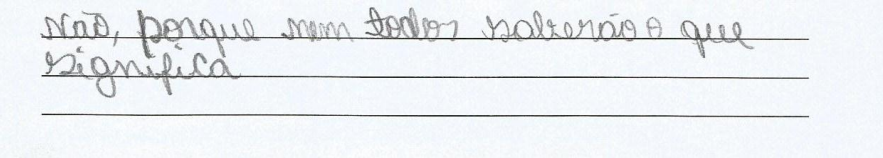
Fonte: Dados da pesquisa

Figura 22 – Texto produzido pelo aluno L



Fonte: Dados da pesquisa

Figura 23 – Texto produzido pelo aluno M



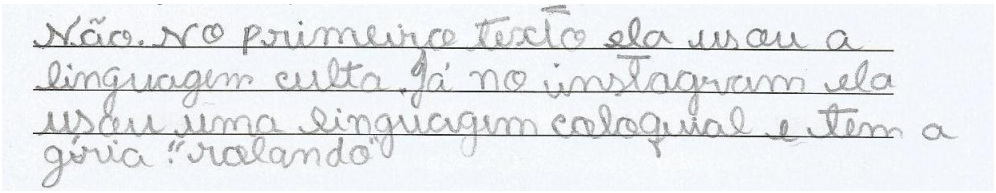
Fonte: Dados da pesquisa

Com base nas respostas, podemos concluir que os discentes compreendem que as gírias estão localizadas no tempo e que cada gíria possui valor e intensidade a depender da época [57] de uso. Compreendemos, desta forma, que esse entendimento acerca do valor semântico de algumas gírias associado à época de uso põe em evidência o nível de percepção linguística desses alunos após a aplicação da oficina. Logo, podemos considerar que houve o aprimoramento da competência linguística desses educandos.

4.3 Oficina 03 – Variação da "Etiqueta Linguística" nos textos de Glória Kalil

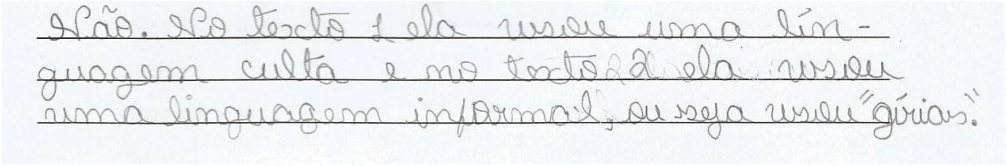
Na oficina III, os discentes são expostos a dois textos escritos pelo mesmo autor. Na primeira etapa, os alunos foram estimulados a avaliá-los quanto ao tipo de norma e registro. Quando questionados se o autor empregou havia empregado a variedade culta da língua em ambos os textos, os alunos foram unânimes em reconhecer que a variedade culta fora apenas empregada no texto 1, ao passo que no texto 2, o emprego da palavra *rolando* foi determinante para que os alunos avaliassem a linguagem utilizada como informal. Os depoimentos a seguir ilustram essa percepção.

Figura 24 – Texto produzido pelo aluno N



Fonte: Dados da pesquisa

Figura 25 – Texto produzido pelo aluno O

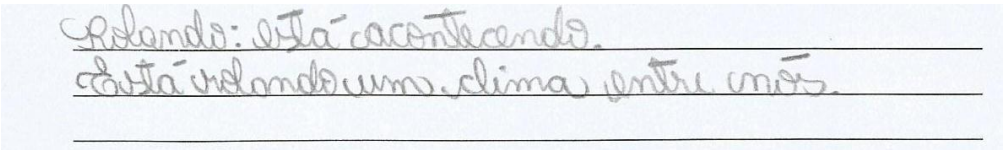


Fonte: Dados da pesquisa

[57] Para saber mais sobre como algumas gírias do passado são usadas nos dias de hoje, cf. VILLAS, Alberto. *Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Morta: palavras que sumiram do mapa*. Porto Alegre: Editora Globo, 2012.

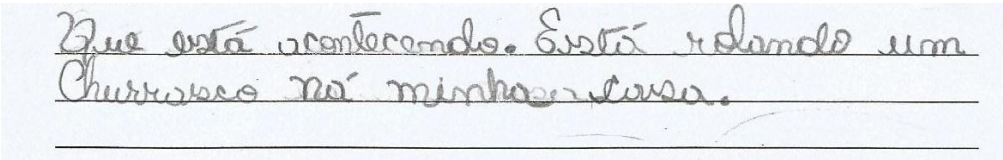
Em relação ao termo *rolando* no texto 2, todos os alunos chegaram à conclusão de que esse termo corresponde a acontecer[58] (acontecendo), conforme as afirmações expostas a seguir.

Figura 26 – Texto produzido pelo aluno P



Fonte: Dados da pesquisa

Figura 27 – Texto produzido pelo aluno Q



Fonte: Dados da pesquisa

Quanto ao "linguisticamente adequado" os alunos reconheceram que por se tratar de uma postagem em uma rede social, o emprego do termo *rolando* é adequado/aceitável, já que, segundo eles, nesse ambiente virtual não há exigências quanto ao emprego da variedade culta da língua. A esse respeito, as principais afirmações foram:

"Sim, porque a rede social não pede formalidade" – Aluno A.

"Sim, pois a rede social é livre, ou seja, todo mundo pode escrever gírias em qualquer comentário." – Aluno B.

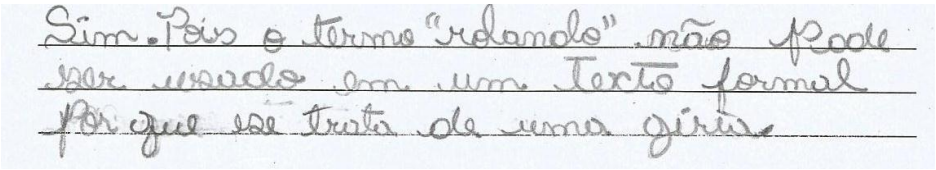
Sim, pois a rede social é aberta. "Todos podem publicar algo escrito usando gírias" – Aluno C.

Na segunda etapa da oficina III, os alunos foram expostos a seguinte situação: a palavra *rolando* foi propositalmente empregada em um fragmento (adaptado) do texto 1.

[58] No Aulete Digital (versão virtual do tradicional Dicionário da Língua Portuguesa Caldas Aulete) o verbete *rolar* apresenta 17 acepções. Na 11ª, o referido verbete é registrado como gíria cujo significado corresponde àquele que os alunos atribuíram na pesquisa, como lê-se a seguir: "Bras. Gír. Acontecer, ocorrer, realizar-se (fato, evento). [int. : "Avisou... / Que vai rolar a festa /... Vai rolar." (Ivete Sangalo , "Festa"). Disponível em:< http:// http://www.aulete.com.br/rolar> Acesso em: 08 jun. 2018.

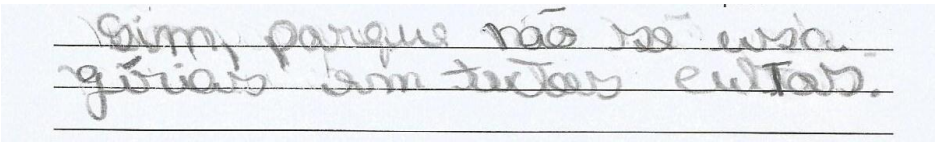
Diante da situação, os alunos julgaram que o emprego é “inadequado” em virtude do caráter formal do texto sobre as meias do primeiro-ministro canadense. Eis os posicionamentos mais recorrentes:

Figura 28 – Texto produzido pelo aluno R



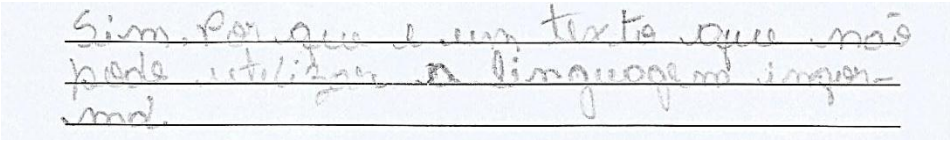
Fonte: Dados da pesquisa

Figura 29 – Texto produzido pelo aluno S



Fonte: Dados da pesquisa

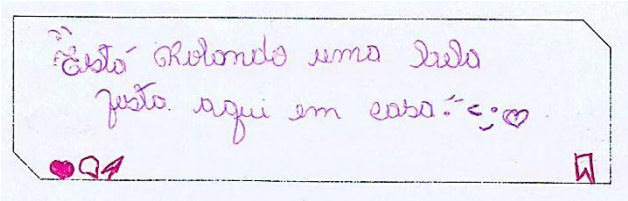
Figura 30 – Texto produzido pelo aluno T



Fonte: Dados da pesquisa

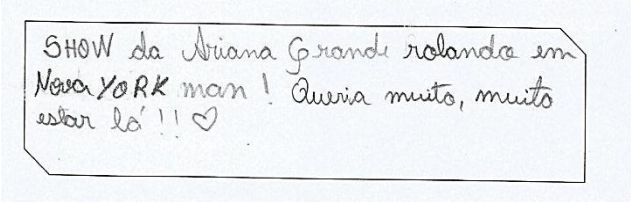
Tratando da substituição do termo por outro “mais adequado” ao falante na situação na qual foram expostos, os discentes optaram por: *acontecendo* (76,6%); *ocorrendo* (13,3%) e *sendo realizado* (3,33%). Por fim, na terceira etapa desta oficina, os alunos foram estimulados a produzir um pequeno texto simulando uma postagem em rede social fazendo uso da gíria *rolar* (*rolando).* Constatamos que em todas as produções, o termo foi empregado com o sentido de acontecer, ocorrer um fato ou evento. A seguir, as produções textuais comprovam nossa afirmação.

Figura 31 – Simulação de postagem em rede social



Fonte: Dados da pesquisa

Figura 32 – Simulação de postagem em rede social



Fonte: Dados da pesquisa

Pelo exposto concluímos que os discentes compreenderam que as gírias estão relacionadas ao lugar em que alguém usa determinada lexia, considerando o registro em que o lugar do discurso exige. Nesse sentido, ressaltamos que esses discentes assumem a atitude de comparar as gírias às formas linguísticas do vocabulário culto. Esse comportamento é compreendido por Bagno (2017) como atitudes linguísticas. Segundo o autor, tratam-se de opiniões, concepções ou mesmo manifestações que os falantes têm acerca, não somente da sua própria língua, como também da língua usada por grupos sociais distintos, e, sobretudo, das variedades que a língua apresenta.

4.4 Oficina 04 – Entendeu o que eu disse?

Na oficina 04, os discentes foram mais propriamente ao uso geracional da língua. Em confronto, por meio de uma imagem são usadas expressões linguísticas que podem "chocar" dada geração (jovens e adultos). Em relação à identificação de termos considerados por eles como gíria o quadro abaixo ilustra a quantidade[59] dos discentes que reconheceram os vocábulos presentes na tirinha como gíria.

[59] Dos informantes, 18 (dezoito) são do sexo feminino e 07 (sete) são do sexo masculino.

Quadro 7 – Gírias encontradas na tirinha

Gíria	Meninos	Meninas
Parça	08	17
Rolê	08	18
Rolar	07	10
Bagulho	08	18
Vai ser louco	04	14
Pivete	08	18
Demorô	08	15
Mano	07	18
Tamo junto	07	15
Mina	08	18
Vamo	02	-

Fonte: Dados da pesquisa

Podemos observar que os discentes identificaram 11 (onze) vocábulos gírios na tirinha. Dessa totalidade, apenas quatro deles foram considerados gíria por ambos os grupos (*rolê*, *bagulho*, *pivete* e *mina*). É importante destacar ainda, que apenas a forma verbal *vamo* (com a ausência desinência de plural) não foi considera como gíria pelo grupo feminino.

Quando foram submetidos à avaliação se tais gírias fazem parte dos seus vocabulários, os termos mais destacados foram:

Quadro 8 – Avaliação de vocábulos gírios

Rolê	
Meninos	96,6%
Meninas	93,3%
Demorô	
Meninos	87%

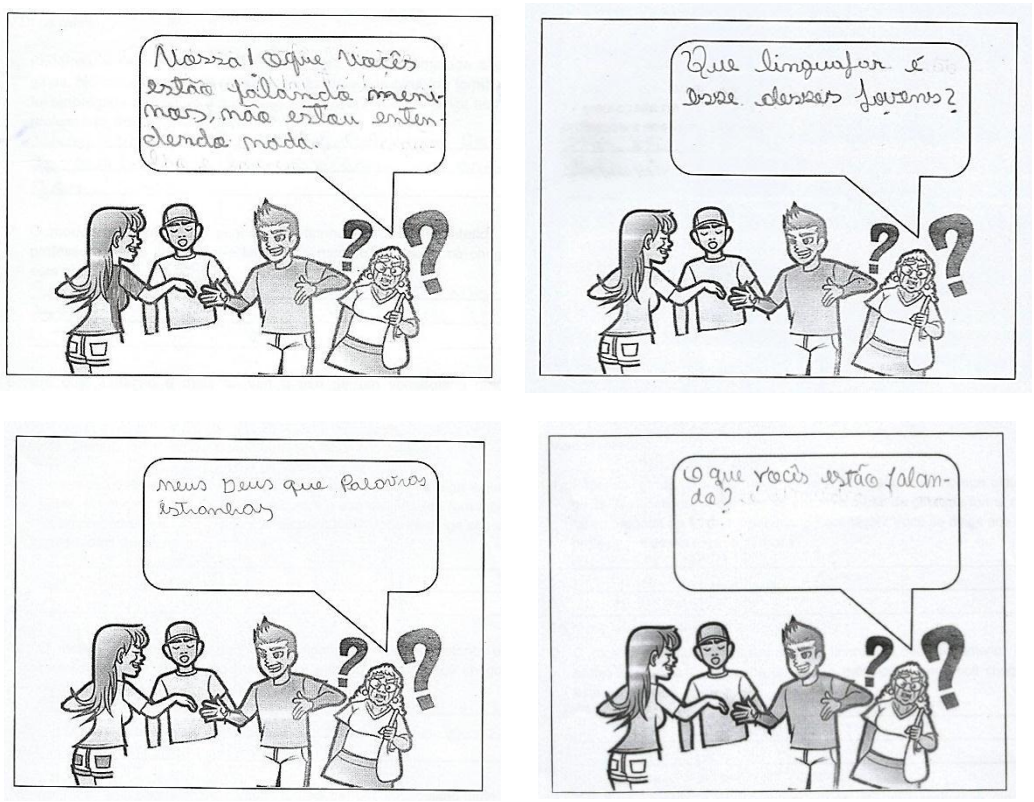
Meninas	77,7%
Tamo junto	
Meninos	72%
Meninas	66,6%

Fonte: Dados da pesquisa

Ao serem questionados se esses vocábulos fazem parte apenas do vocabulário dos jovens, o posicionamento mais recorrente foi: "não, adultos também usam gírias". Ainda segundo os discentes, gírias como *malandro*, *velho*, *caramba* e *tô de boa*, por exemplo, são mais comumente usadas por pessoas mais velhas, enquanto que as gírias identificadas na tirinha, como por exemplo, *rolê*, *parça*, *demorô* e *tamo junto* são mais comuns entre os jovens. Essa distinção estabelecida pelos discentes entre as gírias usadas pelos adultos e as gírias usadas pelos jovens evidencia, do ponto de vista linguístico, o que denominamos de identidade – concepção simbólica construída pelo falante segunda a qual ele se relaciona por pertencimento a um grupo, excluindo-se dos demais – e, nesse caso, os grupos seriam determinados pela faixa etária. Segundo Bagno (2017, p. 199), a identidade linguística "[...] é a representação social que o indivíduo constrói acerca de seus grupos de pertencimento e de referência, de maneira que se sinta incluído em certas comunidades e excluído de outras, natural de um país (o seu) e estrangeiros nos outros, por exemplo".

Quando convidados a avaliarem a reação de um adulto (na imagem integrante da oficina) os discentes concluíram que muito provavelmente não houve compreensão do que estava sendo dito pelos jovens, em virtude da expressão fisionômica (da "senhora") bem como do sinal de interrogação que integra a tirinha. Na segunda etapa da oficina, os alunos criaram certas avaliações que a "senhora" hipoteticamente teria feito. Tais foram as avaliações mais comuns:

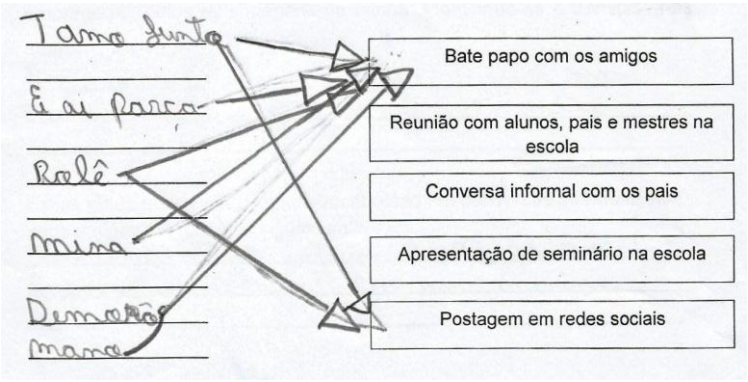
Figura 33 – Textos produzidos durante a aula



Fonte: Dados da pesquisa

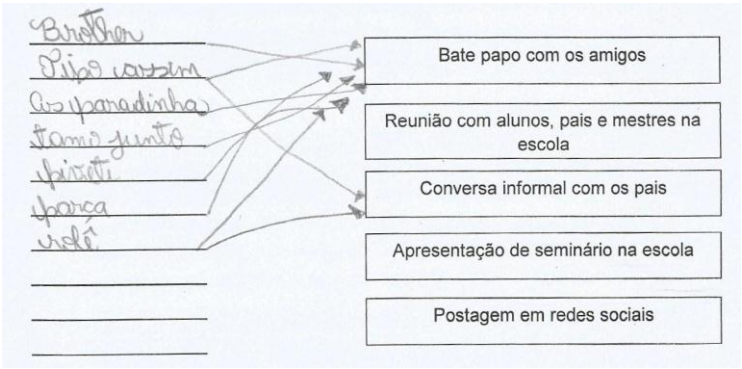
Na última etapa desta oficina, os discentes foram expostos a uma situação em que (numa tirinha) um aluno se dirige à professora por meio de termos gírios, a exemplo de “fessôra”, “tipo assim” e “manêro”. Quando questionados sobre a aceitabilidade de tais termos no contexto de sala de aula, a extensa maioria dos discentes compreende que há inadequação na fala do aluno da tirinha, em virtude do excesso de gírias empregadas. Consideraram ainda, que é mais comum (e aceitável) o uso do vocabulário gírio na situação abordada na tirinha 1 que na tirinha 2. Ao término da oficina, no momento de relacionar situação e uso, constatamos que os alunos relacionaram o uso da gíria às situações de fala menos monitorada. As respostas a seguir ilustram o posicionamento da maioria dos alunos.

Figura 34 – Relação uso da gíria x contexto – Aluno A



Fonte: Dados da pesquisa

Figura 35 – Relação uso da gíria x contexto – Aluno B



Fonte: Dados da pesquisa

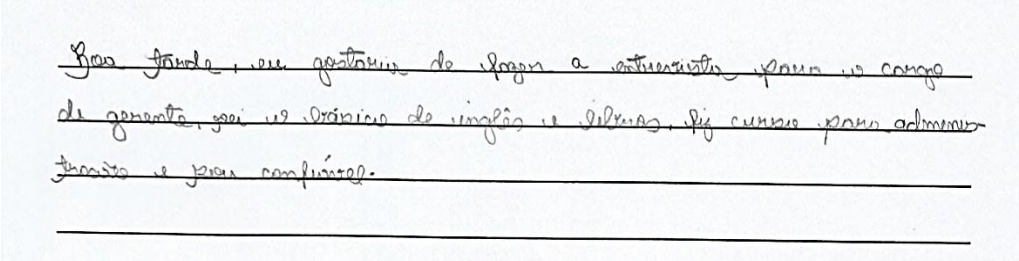
Podemos concluir com base nos dados da oficina IV, que embora esteja mais presente nos discursos dos jovens, a gíria também faz parte do acervo lexical dos adultos. Desta forma, fica evidente o quanto a língua é dinâmica, e como a gíria enquanto recurso discursivo amplia o repertório linguístico dos falantes, sejam eles jovens ou adultos.

4.5 Oficina 05 – Cada um no seu quadrado!

Na última oficina, inicialmente, os alunos foram convidados a relacionarem o falante em dada situação e a adequação da linguagem. Os resultados percentuais de acerto correspondem a 96,15%. Após a discussão sobre os motivos pelos quais os discentes fizeram

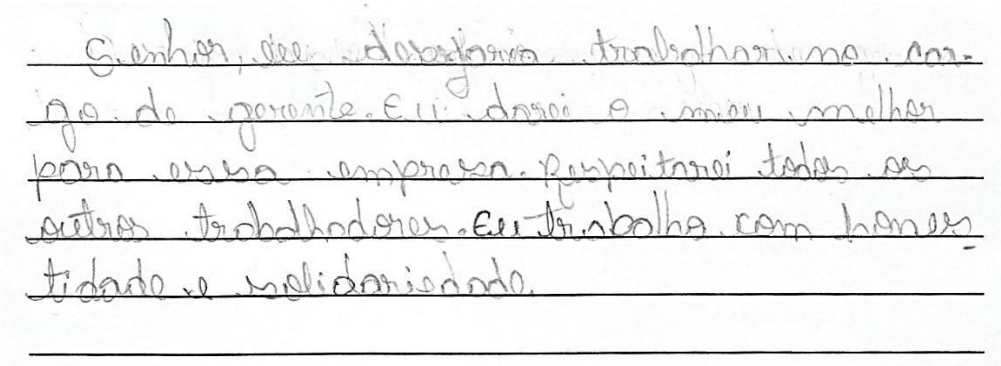
a correspondência entre o falante e o seu provável discurso, os alunos foram expostos a um texto instrucional com orientações sobre o que evitar em uma entrevista de emprego. Posteriormente, foi-lhes apresentada uma tirinha que contradiz uma das orientações do texto anterior (evitar o uso de gírias). No intuito de verificar como os discentes se comportariam linguisticamente frente à situação retratada na tirinha, os participantes da pesquisa foram estimulados a responder (em um pequeno texto) ao questionamento do entrevistador presente na tirinha. Não constatamos a ocorrência de gírias em nenhum dos textos produzidos pelos alunos. Sendo assim, os textos a seguir ilustram essa a ausência do vocabulário gírio nas produções dos alunos.

Figura 36 – Texto produzido pelo aluno U



Fonte: Dados da pesquisa

Figura 37 – Texto produzido pelo aluno V



A análise dos resultados obtidos nos permite concluir que os alunos participantes da pesquisa demonstraram que a gíria comum pode ser usada como recurso discursivo em diversos contextos interacionais. Além disso, foi notória a compreensão (por parte dos alunos) de que em contextos em que se exige mais formalidade, há a necessidade de um maior monitoramento quanto à realização linguística por parte do falante. Contudo, em situações interacionais informais o uso da gíria consiste num importante recurso de expressividade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As discussões apresentadas nesta dissertação nos leva a compreender que a língua tem em sua heterogeneidade o fundamento da sua funcionalidade. Dentro dessa perspectiva, podemos considerar que o léxico é o componente da língua que melhor representa as duas características acima supracitadas. Isso porque, conforme esclarece Bidermam (2001),

> O Léxico se expande, se altera e, às vezes, se contrai. As mudanças sociais e culturais acarretam alterações nos usos vocabulares: daí resulta que unidades ou setores completos do Léxico podem ser marginalizados, entrar em desuso e vir a desaparecer. Inversamente, porém, podem ser ressuscitados termos que voltam à circulação, geralmente com novas conotações. Enfim, novos vocábulos, ou novas significações de vocábulos já existentes, surgem para enriquecer o Léxico. (BIDERMAN, 2001, p. 139).

Partindo dessa concepção, compreendemos que no que concerne ao vocabulário gírio, essa dinamicidade é ainda mais evidente, quando palavras já existentes na língua ganham novas significações, o que configura, desta forma, o neologismo semântico. É nesta perspectiva que concebemos a *gíria comum*.

Constatamos com a realização da pesquisa aqui apresentada que por se constituir em uma variedade específica da língua, usada amplamente pelas diversas classes sociais, a gíria não pode ser mais vista apenas como um vocabulário atrelado à marginalidade. Segundo Patriota (2009, p. 42-43), a gíria hoje, "[...] representa uma opção de uso a mais da língua, um recurso expressivo para representar os sentimentos e a visão do mundo no qual se vive". Mas a escola tem cedido espaço para a heterogeneidade de usos da língua? Acreditamos que em virtude do impacto provocado por esta pesquisa, já que os alunos e até mesmo os seus pais e/ou responsáveis consideraram o nosso objeto de estudo uma "novidade" dentro da escola, podemos afirmar, levando em consideração esse contexto, que a escola ainda não está preparada para discutir essa heterogeneidade de usos. Falar de gíria dentro da escola ainda é um grande tabu, porque ainda prevalece no âmbito educacional o apreço por uma norma dita padrão e homogênea. Em virtude disso, o que se vê são atitudes de desvalorização dos usos linguísticos que não correspondem a este padrão que é "ensinado".

Diante dessa realidade, o trabalho proposto nesta pesquisa possibilitou a criação de espaços na sala de aula para se discutir acerca de uma vertente do vocabulário popular usado

não apenas pelos jovens, mas por pessoas de várias idades e distintas classes sociais. Concebida como recurso discursivo, percebemos a notória expressividade da gíria comum frente aos contextos comunicativos explorados em nossas discussões em sala de aula e nas atividades propostas. Sendo assim, consideramos importante ressaltar que discutimos os usos da gíria comum pelos alunos; analisamos os vocábulos gírios a partir de critérios morfológicos, sintáticos e semânticos; descrevemos o *continuum* das lexias situando a gíria comum entre a linguagem formal escrita e os tabuísmos; avaliamos os níveis de atitudes linguísticas dos alunos participantes da pesquisa em face do uso e do não uso de vocábulos gírios; comparamos os valores atribuídos às gírias usadas pelos alunos em contextos interacionais distintos e analisamos a descrição de vocábulos gírios em dicionários gerais e escolares.

Constatamos, portanto, que, em síntese, os alunos reconheceram as gírias empregadas nas atividades propostas, a exemplo de “entrar na onda”, “grana” e “rolando” e souberam usar nos contextos solicitados. Além disso, refletiram sobre o uso desses termos em outros contextos, demonstrando, desta forma, entendimento quanto à variação linguística apresentada. As produções realizadas pelos alunos comprovam que a gíria pode (e deve) ser usada como recurso discursivo de aproximação entre interlocutores e até mesmo de quebrar a formalidade de exposição, conforme foi observado por um aluno no texto jornalístico sobre uma marca de motocicletas. Podemos concluir, então, que a gíria enquanto recurso discursivo além de ampliar o repertório linguístico, funciona também como elemento de aproximação entre sujeitos envolvidos em determinadas situações interacionais.

Por fim, cabe salientar, que em se tratando da temática que nos envolveu neste trabalho, há, ainda, muito que explorar acerca do vocabulário gírio. Sendo assim, seria interessante um estudo mais aprofundado acerca da gíria, dos seus usos e significações. Não menos importante, seria explorar a (não) designação de gírias de tantos outros termos corriqueiros em dicionários gerais, escolares e especializados. Nesse sentido, o presente trabalho é destinado à comunidade acadêmica, especialmente da área de estudos linguísticos, aos professores da rede pública de ensino e àquelas pessoas interessadas em desvendar os mistérios da linguagem.

REFERÊNCIAS

ABADE, Celina Márcia de Souza. *A lexicologia e a teoria dos campos lexicais*. In: Congresso Nacional de Linguística e Filologia. Cadernos do CNLF, Vol. XV, Nº 5, t. 2. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2011(p.1132-1343). Disponível em: < http://www.filologia.org.br/xv_cnlf/tomo_2/105.pdf > Acesso em 29 de set. de 2017.

AMADO, Jorge. *Gabriela, cravo e canela*. Rio de Janeiro: Record, 2008. Disponível em:<http://www.kbook.com.br/livraria/wpcontent/files_mf/gabrielacravoecanelajorgeamado.pdf>

ANDRÉ, Hildebrando. *Gramática ilustrada*. 5. ed. São Paulo: Moderna, 1997.

ANTUNES, Irandé. *O território das palavras: o estudo do léxico em sala de aula*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

AULETE, Caldas. *Aulete Digital: dicionário contemporâneo da língua portuguesa.* Lexikon Editora Digital. 2017. Disponível em <http://www.aulete.com.br/>. Acesso em 03 de set. de 2017.

BAGNO, Marcos. *Dicionário crítico de sociolinguística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.

_____. *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística*. São Paulo: Parábola, 2007.

BALDISSERA, Adelina. *Pesquisa-ação: uma metodologia do "conhecer e do agir" coletivo*. Sociedade em Debate, Pelotas, v. 7, n. 2, p. 5-25, 2001. Disponível em: < http://revistas.ucpel.edu.br/index.php/rsd/article/viewFile/570/510 >. Acesso em: 05 maio 2018.

BARBOSA, Maria Aparecida. *Léxico, produção e criatividade: processos de neologismo.* São Paulo: Global, 1981.

BERNSTEIN, Basil. *Class Codes and Control*. Vol. 1. London: Routledge-Kegan Paul, 1971.

_____. *Class Codes and Control*. Vol. 2. London: Routledge-Kegan Paul, 1973

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. *A ciência da Lexicografia.* Alfa. São Paulo, 28 (supl.): 1-26, 1984. Disponível em: < http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3676/3442 > Acesso em 01 de set. de 2017.

_____. *Léxico e vocabulário fundamental*. Alfa Vol. 40 (27-46). São Paulo, 1996. Disponível em: < http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3994/3664 > Acesso em 30 de set. de 2017.

_____. *Terminologia e Lexicografia*. Revista TradTerm, Vol. 7. São Paulo, 2001. Disponível em: < http://www.revistas.usp.br/tradterm/article/view/49147/53230 > Acesso em 01 de out. de 2017.

_____. *Conceito lingüístico de palavra*. In.: BASÍLIO, Margarida (org.). Palavra 5. Série Linguagem. Vol. temático I. PUC/RJ. Rio de Janeiro: Grypho, 1999. p. 81-97.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. *Teoria Linguística*: teoria lexical e linguística computacional. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BLUTEAU, Raphael. *Vocabulario portuguez & latino: aulico, anatomico, architectonico*. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesu, 1712 - 1728. 8 v. Disponível em http://dicionarios.bbm.usp.br/pt-br/dicionario/edicao/1.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Educação em língua materna:* a sociolinguística em sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

_____. *Manual de Sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 2014.

BOURDIEU, Pierre. *Razões práticas: sobre a teoria da ação* / Pierre Bourdieu; Tradução: Mariza Corrêa. Campinas: Papirus, 1996 [1930].

BOURRICAND, François; BOUDON, Raymond. *Dicionário Crítico de Sociologia*. Tradução: Maria Letícia Guedes Alcoforado / Durval Ártico. São Paulo: Ática, 1993.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais:* terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BURKE, Peter. *Linguagens e comunidades nos primórdios da Europa Moderna*. Tradução de Cristina Yamagami. São Paulo: UNESP, 2010.

BURKE, Peter; PORTER, Roy. *Línguas e jargões: contribuições para uma história social da linguagem*. Tradução: Alvaro Hattnher. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997.

CAMPOS, Elísia Paixão de. *Por um novo ensino de gramática:* orientações didáticas e sugestões de atividades. Goiânia. Cânone Editorial, 2014.

CAPINUSSÚ, José Maurício. *A linguagem popular do futebol*. São Paulo: Ibrasa, 1988.

CARDOSO, Nilza Aparecida Alves. *Uma abordagem de estudo da marca de uso 'brasileirismo/ regionalismo' nas obras lexicográficas*. LINGUAGEM – Estudos e Pesquisas, Catalão, vols. 8-9, 2006. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/lep/article/view/32551/17312> Acesso em 14 mai. 2018.

CARDOSO, Suzana Alice. *Geolinguística: tradição e modernidade*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

CEGALLA, Domingos Paschoal. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. 27. ed. São Paulo: Nacional, 1985.

CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar Magalhães. *Português: linguagens, 1*. – 9. ed. São Paulo. Saraiva, 2013.

CORREIA, Margarita. ALMEIDA, Gladis Maria de Barcellos. *Neologia em Português*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 5. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.

DUBOIS, Jean *et alii. Dicionário de linguística*. Trad. dirigida e coordenada por Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1993. [1973]

FARACO, Carlos Alberto. *História sociopolítica da língua portuguesa*. São Paulo. Parábola Editorial, 2016.

FERRAZ, Aderlande Pereira. *Neologismos semânticos na publicidade impressa*: uma abordagem cognitivista. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; FINATTO, Maria José Bocorny. (Org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Vol IV. Campo Grande, MS: Ed: UFMS; Porto Alegre: Editora UFRGS, 2010 p. 65-80.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

GALLINO, Luciano. *Dizionario di sociologia*. Torino, UTET, 1978.

GUIMARÃES, Jerry Santos. *O clube do Cuscuz:* espaço de festa, identidades e resistências. Monografia (graduação em História) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2003, (mimeo), p. 53-63.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

ILARI, Rodolfo; BASSO, Renato. *O português da gente:* a língua que estudamos, a língua que falamos. São Paulo: Contexto, 2006.

ISQUERDO, Aparecida Negri. *Achegas para a discussão do conceito de regionalismos no português do Brasil*. Alfa, São Paulo, v. 50 (2): 9-24, 2006. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/1408/1109>. Acesso em 10 mai. de 2018.

JUCÁ FILHO, Cândido. *Dicionário Escolar das Dificuldades da Língua Portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: FENAME - Fundação Nacional de Material Escolar, 1963.

KOCH, Ingedore; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *A coerência textual*. 18. ed. São Paulo. Contexto, 2015.

KRIEGER, Maria da Graça. *Lexicografia:* o léxico no dicionário. In: Seabra, Maria Candida T. C. de (Org.) "O léxico em estudo". Belo Horizonte, MG: 2006, p. 157-171.

_____. Maria da Graça. *Dicionários para o ensino de língua materna*. Revista Língua e Literatura, vol. 6 e 7. 2004, p. 101-112.

_____. *Lexicologia, Lexicografia e Terminologia.* Impactos necessários. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; FINATTO, Maria José Bocorny. (Org.). *As ciências do léxico: lexicologia,*

lexicografia, terminologia. Vol IV. Campo Grande, MS: Ed: UFMS; Porto Alegre: Editora UFRGS, 2010 p. 161-175.

LABOV, William. *Language In The Inner City*: Studies In The Black English Vernacular. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

_____. *Padrões sociolingüísticos*. Trad. de M. Bagno; M. M. P. Scherre; C. R. Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

MACHADO, Ivana Karoline Novaes. *Cultuando a essência dos que se foram:* o candomblé no Sertão dos Maracás. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Jequié, 2016.

MARINHO, Janice Helena Chaves; COSTA VAL, Maria da Graça. *Variação linguística e ensino* - Caderno do professor. Belo Horizonte: CEALE - FAE/UFMG, 2006. v. 1. 57 p. Disponível em: <http://www.ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/files/uploads/Col.%20Alfabetiza%3A7%C3%A3o%20e%20Letramento/Col%20Alf.Let.%2015%20Variacao_Linguistica.pdf > Acesso em 10 mai. de 2018.

MARTELOTTA, Mário Eduardo. *Usos do marcador discursivo tá*. In: Veredas: revista de estudos linguísticos, v. 1. n.1. p. 89-106. Juiz de Fora, 1997. Disponível em: < http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2009/12/nova-digitaliza%C3%A7%C3%A3o-Usos-do-marcador-discursivo-t%C3%A1.pdf > Acesso em 07 de set. de 2017.

MATTOSO CÂMARA JÚNIOR, J. *Dicionário de filologia e gramática*. 5. ed. Rio de Janeiro: J. Ozon, 1973.

MICHAELIS: *Moderno dicionário da língua portuguesa*. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1998. (Dicionários Michaelis)

NASCIMENTO, Elvira Sá do. *Hino do Município de Maracás*. Prefeitura Municipal: Maracás, 1980.

NASCIMENTO, Washington Santos. *Doenças, práticas de cura e curandeiros negros no sudoeste baiano (1869-1888)* (Illness, and healing practice medicine men black in southwest baiano (1869-1888)) - DOI: 10.5752/P.2237 8871.2014v15n23p44. **Cadernos de História**, Belo Horizonte, v. 15, n. 23, p. 44-62, out. 2014. ISSN 2237-8871. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/cadernoshistoria/article/view/P.2237-8871.2014v15n23p44>. Acesso em: 08 maio 2018.

NEVES, Maria Helena de Moura. *A gramática*: história, teoria e análise. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

NOLL, Volker. *O português brasileiro:* formação e contrastes / Volker Noll; Tradução do alemão por Mário Eduardo Viaro. São Paulo: Globo, 2008.

NOVAES, João Reis. *De tropeiro a coronel:* ascensão e declínio de Marcionillo Antônio de Souza (1915 – 1930). Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Salvador, 2009.

PATRIOTA, Luciene Maria. *A gíria comum na interação em sala de aula*. São Paulo: Cortez, 2009.

PENTEADO, Ana Elisa de Arruda. P*ara viver juntos: português, 8º ano*: anos finais: ensino fundamental. Ana Elisa de Arruda Penteado [et al.]; 4. ed. – São Paulo: Ediçõe SM, 2015.

_____. P*ara viver juntos: português, 9º ano*: anos finais: ensino fundamental. Ana Elisa de Arruda Penteado [et al.]; 4. ed. – São Paulo: Ediçõe SM, 2015.

POTTIER, B. *Linguistique générale:* théorie et description. Paris, Klincksieck, 1974.

PRETI, Dino. *A gíria e outros temas*. São Paulo: T. A. Queiroz: USP, 1984.

_____. *Estudos de língua oral e escrita*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

_____. *A gíria na língua falada e na escrita*: uma longa história de preconceito social. In: PRETI, D. (org.) Fala e escrita em questão. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006. v. 4, p. 241-255.

REMENCHE, M. L. R. *As criações metafóricas na gíria do Sistema Penitenciário do Paraná*. 2003. Dissertação de Mestrado (Estudos da Linguagem) – UEL- Londrina. Disponível em: <http://justica.gov.br/seus-direitos/politica-penal/transparencia-institucional/biblioteca-on-line-2/biblioteca-on-line-monografias/dissertacoes arquivos/as-criacoes-metaforicas.pdf>

ROCHA LIMA. Carlos Henrique da. *Gramática normativa da língua portuguesa*: 38. ed. – Rio de Janeiro. José Olympio, 2000.

SACCONI, Luiz Antonio. *Grande Dicionário Sacconi da língua portuguesa:* comentado, crítico e enciclopédico. São Paulo: Nova Geração, 2010.

SAMPAIO, Nirvana Ferraz Santos. *Uma abordagem sociolinguística da afasia:* o Centro de Convivência de Afásicos (UNICAMP) como uma comunidade de fala. Tese de Doutorado. UNICAMP. Campinas, 2006. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/268976> Acesso em: 10 de ago. de 2018.

SANTANA, Érico José de Souza. *Produção de flores no município de Maracás (BA):* perspectivas e limitações. Monografia (graduação em Geografa). Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2014. Disponível em: <http://www.twiki.ufba.br/twiki/pub/IGeo/GeogTFG/TCC_Monografia_%28%C9rico%29.pdf >. Acesso em: 08 maio 2018.

SARAIVA JOVEM: *dicionário da língua portuguesa ilustrado* / organização da Editora. – São Paulo: Saraiva, 2010.

SCHEINBEIN, Cássia. *Línguas em extinção*: o Hakitia em Belém do Pará. Dissertação/ Mestrado em Linguística. Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo

Horizonte, 2006. Disponível em: <http://www.catedra-alberto-benveniste.org/_fich/17/utima_versao.pdf>

SILVA, Hélen Cristina da; AGUILERA, Vanderci de Andrade. *O poder de uma diferença*: um estudo sobre crenças e atitudes linguísticas. São Paulo: Revista Alfa. V 58. n. 3, 2014. Disponível em: < https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/6242/5118> Acesso em 20 de mai. de 2018.

SILVA, M. B. *Uma palavra só não basta*: um estudo teórico sobre as unidades fraseológicas. In: Rev. de Letras. Nº 28 – Vol 1/2 - jan/dez. 2006. Disponível em: < http://www.revistadeletras.ufc.br/rl28_pagIniciais.pdf> Acesso em 13 de set. de 2017.

SILVA, Maria Edileuza Tavares. *Os sentidos da liberdade... O léxico gírio como resultado de uma produção léxica criativa e significativa*. Dissertação/ Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2008. Disponível em: <http://livros01.livrosgratis.com.br/cp059857.pdf>

SILVA, Marina Helena Chaves; MOTA, Valeria Lessa. *Festa de São João em Maracás:* as velhas tradições se mantêm. In: LEMOS, Maria Teresa Toribio Brittes; BAHIA, Luiz Henrique Nunes (orgs.) *Percursos da Memória*: construções do imaginário Nacional. Rio de Janeiro: UERJ, NUSEG, 2000. p. 175-180.

SOUTO MAIOR, Mário. *Dicionário do palavrão e termos afins*. 6 ed. Rio de Janeiro: Record, 1992.

SOUZA, Elisete Maria de. *Coleta de dados:* dificuldades e desafios. Anais da VI SEVFALE, Belo Horizonte, UFMG, 2006. Disponível em: <http://anais.letras.ufmg.br/index.php/SEVFALE/VISEVFALE/paper/view/102/105> Acesso em 12 mai. de 2018.

SOUZA, Flávio Guimarães de. *A cidade de Maracás-BA, a partir da implantação do projeto de mineração de Vanádio*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2014. Disponível em: < https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/19758> Acesso em: 07 maio 2018.

STRATTON, Peter, HAYES, Nicky. *Dicionário de psicologia*. São Paulo: Cengage Learning, 2008.

TRASK, R.L. *Dicionário de linguagem e linguística*. trad. Rodolfo Ilari; ver. Técnica Ingedore Villaça Koch, Thaïs Cristófaro Silva. São Paulo: Contexto, 2004.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Gramática*: Ensino plural. São Paulo: Cortez, 2011.

TRUDGILL, Peter. *Sociolinguistics*: An introduction to language and society. 4th edition. London: Penguin Books, 2000.

VERDELHO, Telmo. *Dicionários portugueses*: breve história. In: NUNES, José Horta; PETER, Margarida. (Org.) *História do saber lexical e constituição de um léxico brasileiro*. São Paulo: Humanitas / FFLCH / USP / Pontes, 2002 (p. 15-64). Disponível em: <

http://clp.dlc.ua.pt/Publicacoes/Dicionarios_breve_historia.pdf > Acesso em: 12 de set. de 2017.

VILELA, Mário. *Estruturas léxicas do português*. Coimbra: Almedina, 1979.

VIP, Angelo; LIBI, Fred. *Aurélia, a dicionária da língua afiada*. São Paulo: Editora do Bispo, 2000.

XAVIER, Vanessa Regina Duarte. *LEXICOLOGIA, LEXICOGRAFIA E FILOLOGIA: intersecções e especificidades epistemológicas*. In: Anais do SILEL. Volume 2, Número 2. Uberlândia: EDUFU, 2011. Disponível em: < http://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/wpcontent/uploads/2014/04/silel2011_1001.pdf > Acesso em: 29 de set. de 2017.

ANEXOS

ANEXO 01 – OFICINA DIAGNÓSTICA

Oficina

A gíria na Música Popular Brasileira

Justificativa

Quando se fala em gíria no âmbito escolar, nota-se que há certa resistência por parte de muitos professores, em discutir acerca desse fenômeno linguístico nas aulas de Língua Portuguesa. Isso tem ocorrido, possivelmente, em virtude de uma concepção de língua adotada em nossas escolas, que valoriza apenas a variedade linguística de maior prestígio social. Desta forma, pode-se constatar que há uma carga preconceituosa associada à gíria nos discursos desses docentes que precisa ser desmistificada. Sendo assim, criar espaços para discutir sobre a heterogeneidade da língua, é de fundamental importância para que haja o aprimoramento da competência linguística/discursiva dos nossos alunos. Nesta perspectiva, a presente oficina se justifica na medida em que criará mecanismos para ampliar as discussões sobre o uso de gírias em diversos contextos, principalmente, em canções da Música Popular Brasileira.

Dados da Oficina

- O que o aluno poderá aprender com essa oficina:

    - Compreender que a língua, enquanto fenômeno social, não é homogênea e, por isso, apresenta variações.
    - Identificar palavras e/ou expressões pertencentes ao vocabulário gírio em músicas.
    - Produzir textos (de diversos gêneros) utilizando as gírias encontradas nas músicas.

Duração: 04 horas/aula

Conhecimentos prévios trabalhados com os alunos

- Adequação vocabular

- Conceito de gíria
- Gêneros textuais

Estratégias e recursos da oficina

- Folhas em branco
- Aparelho de som e Pen drive
- Letras de músicas xerografadas
- Uso de dicionários escolares
- Aplicação de atividade direcionada

1ª Etapa

- Os alunos ouvirão as canções selecionadas, identificar expressões e/ou palavras pertencentes ao vocabulário gírio e relacioná-las em folha em branco.

2ª Etapa

- Realizar, individualmente, a leitura das letras das canções e identificar as palavras e/ou expressões não observadas durante a audição e também relacioná-las. Nessa etapa, os alunos poderão comparar com colegas as gírias encontradas nas músicas.

3ª Etapa

- Aplicar atividade direcionada (vide anexo) na qual o aluno deverá relacionar as gírias e/ou expressões giriáticas em ordem alfabética e fazer a seguinte avaliação:

  ( ) conhece e usa
  ( ) conhece e não usa
  ( ) desconhece

4ª Etapa

- Na mesma atividade, os alunos deverão atribuir significado às gírias evidenciadas, a partir do conhecimento de mundo que possuem.
- Pesquisar em dicionários escolares o significado dessas palavras e/u expressões.

5ª Etapa

- Criar uma paródia na qual sejam empregadas algumas das gírias encontradas nas músicas.

ATIVIDADE DIRECIONADA

QUESTÃO 01:

Relacione abaixo as gírias encontradas nas músicas e faça a seguinte avaliação sobre as mesmas.

Gíria 1 _____

( ) conhece e usa
( ) conhece e não usa
( ) desconhece

Gíria 2 _____

( ) conhece e usa
( ) conhece e não usa
( ) desconhece

Gíria 3 _____

( ) conhece e usa
( ) conhece e não usa
( ) desconhece

Gíria 4 _____

( ) conhece e usa
( ) conhece e não usa
( ) desconhece

QUESTÃO 2:

Atribua significado às gírias acima relacionadas de acordo com o seu conhecimento de mundo.

Gíria 1 _____ O que quer dizer: _____
Gíria 1 _____ O que quer dizer: _____

QUESTÃO 3:

Procure em dicionários escolares os significados das palavras e/ou expressões que você relacionou nas questões anteriores.

Gíria 1 _____

Significado do dicionário: _____

_____

Gíria 2 _____

Significado do dicionário: _____

_____

QUESTÃO 4:

Reflita sobre os significados que você atribuiu às gírias e os significados do dicionário. Há mais semelhanças ou diferenças?

QUESTÃO 5:

Crie uma paródia na qual sejam empregadas algumas das gírias encontradas nas músicas.

MÚSICAS SELECIONADAS

Música 1

A Giria É A Cultura do Povo
Bezerra da Silva
Compositorores: Elias Alves Junior, Wagner Chapell

Toda hora tem gíria no asfalto e no morro
porque ela é a cultura do povo

Pisou na bola conversa fiada malandragem
Mala sem alça é o rodo, tá de sacanagem
Tá trincado é aquilo, se toca vacilão
Tá de bom tamanho, otário fanfarrão

Tremeu na base, coisa ruim não é mole não
Tá boiando de marola, é o terror alemão
Responsa catuca é o bonde, é cerol
Tô na bola corujão vão fechar seu paletó

"Toda hora tem gíria...

Se liga no papo, maluco, é o terror
Bota fé compadre, tá limpo, demorou
Sai voado, sente firmeza, tá tranquilo
Parei contigo, contexto, baranga, é aquilo

Tá ligado na fita, tá sarado
Deu bode, deu mole qualé, vacilou
Tô na área, tá de bob, tá bolado

Babou a parada, mulher de tromba, sujou

"Toda hora tem gíria...

Sangue bom tem conceito, malandro e o cara aí
Vê me erra boiola, boca de sirí
Pagou mico, fala sério, tô te filmando
É ruim hem! O bicho tá pegando

Não tem caô, papo reto, tá pegado
Tá no rango mané, tá lombrado
Caloteiro, carne de pescoço, paga pau
Tô legal de você sete-um, gbo, cara de pau

Música 2

Papo Reto
Seu Jorge
Compositor: Seu Jorge / Gabriel Moura / Rogê

Eu tenho que dar um papo
Um papo que é muito certo
Todo mundo tá ligado
Só você num tá esperto

A tua mina é maneirona
Trabalha e é toda inteligente
Prestativa e tranquilona
E você indiferente

Olha que a garela tá de olho nela
De olho nela
Já é comentário dentro da favela

Seu Manel da padaria
Olha quem diria já saiu falando
Que você a luz do dia
Azarou o dia e acabou brigando

Ele só tá tirando onda
Mas num passa de um Mané
Vai tomar bola nas costas
Quem avisa amigo é

Olha que a garela tá de olho nela
De olho nela
Já é comentário dentro da favela

Tenho que te dar um papo

Música 3

Burguesinha
Seu Jorge
Compositor: Daniela

Vai no cabeleireiro
No esteticista
Malha o dia inteiro
Vida de artista

Saca dinheiro
Vai de motorista
Com seu carro esporte
Vai zoar na pista

Final de semana
Na casa de praia
Só gastando grana
Na maior gandaia
Vai pra balada
Dança bate estaca
Com a sua tribo
Até de madrugada

Burguesinha, burguesinha, burguesinha, burguesinha, burguesinha
Só no filé
Burguesinha, burguesinha, burguesinha, burguesinha, burguesinha
Tem o que quer
Burguesinha, burguesinha, burguesinha, burguesinha, burguesinha
No croissant
Burguesinha, burguesinha, burguesinha, burguesinha, burguesinha
Suquinho de maçã
Burguesinha, burguesinha, burguesinha, burguesinha

Música 4

Esse Cara Sou Eu
Roberto Carlos

O cara que pensa em você toda hora
Que conta os segundos se você demora
Que está todo o tempo querendo te ver
Porque já não sabe ficar sem você

E no meio da noite te chama
Pra dizer que te ama
Esse cara sou eu

O cara que pega você pelo braço
Esbarra em quem for que interrompa seus passos
Está do seu lado pro que der e vier
O herói esperado por toda mulher

Por você ele encara o perigo
Seu melhor amigo
Esse cara sou eu

O cara que ama você do seu jeito
Que depois do amor você se deita em seu peito
Te acaricia os cabelos, te fala de amor
Te fala outras coisas, te causa calor

De manhã você acorda feliz
Num sorriso que diz
Esse cara sou eu
Esse cara sou eu

Eu sou o cara certo pra você
Que te faz feliz e que te adora
Que enxuga seu pranto quando você chora
Esse cara sou eu
Esse cara sou eu

O cara que sempre te espera sorrindo
Que abre a porta do carro quando você vem vindo
Te beija na boca, te abraça feliz
Apaixonado te olha e te diz
Que sentiu sua falta e reclama
Ele te ama
Esse cara sou eu

Esse cara sou eu
Esse cara sou eu
Esse cara sou eu
Esse cara sou eu

Música 5

Trem bala
Ana Vilela

Não é sobre ter
Todas as pessoas do mundo pra si
É sobre saber que em algum lugar
Alguém zela por ti
É sobre cantar e poder escutar
Mais do que a própria voz
É sobre dançar na chuva de vida
Que cai sobre nós

É saber se sentir infinito
Num universo tão vasto e bonito
É saber sonhar
E, então, fazer valer a pena cada verso
Daquele poema sobre acreditar

Não é sobre chegar no topo do mundo
E saber que venceu
É sobre escalar e sentir
Que o caminho te fortaleceu
É sobre ser abrigo
E também ter morada em outros corações
E assim ter amigos contigo
Em todas as situações

A gente não pode ter tudo
Qual seria a graça do mundo se fosse assim?
Por isso, eu prefiro sorrisos
E os presentes que a vida trouxe
Pra perto de mim

Não é sobre tudo que o seu dinheiro
É capaz de comprar
E sim sobre cada momento
Sorriso a se compartilhar
Também não é sobre correr
Contra o tempo pra ter sempre mais
Porque quando menos se espera
A vida já ficou pra trás

Segura teu filho no colo
Sorria e abrace teus pais
Enquanto estão aqui
Que a vida é trem-bala, parceiro
E a gente é só passageiro prestes a partir

Laiá, laiá, laiá, laiá, laiá
Laiá, laiá, laiá, laiá, laiá

Segura teu filho no colo
Sorria e abrace teus pais
Enquanto estão aqui
Que a vida é trem-bala, parceiro
E a gente é só passageiro prestes a partir

SITES CONSULTADOS

https://www.vagalume.com.br/bezerra-da-silva/a-giria-e-a-cultura-do-povo.html

https://www.vagalume.com.br/seu-jorge/papo-reto.html

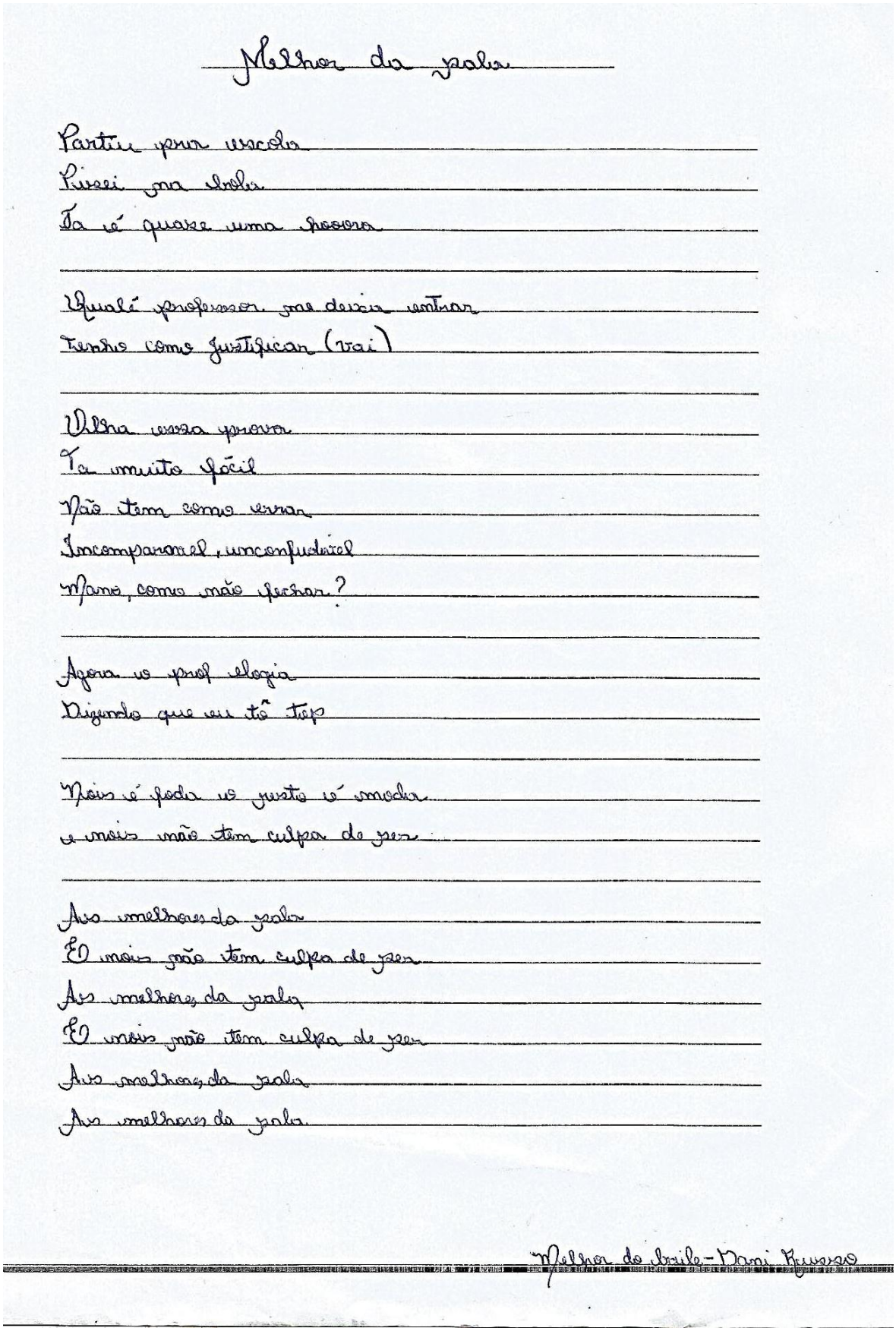
https://www.vagalume.com.br/seu-jorge/burguesinha.html

https://www.vagalume.com.br/roberto-carlos/esse-cara-sou-eu.html

https://www.vagalume.com.br/ana-vilela/trem-bala.html

https://br.123rf.com/photo_38116725_m%C3%BAsica-de-fundo-colorido-com-borboletas.html?fromid=d3NmNGxIa2t5MnFqT1ZZYzcrTDJ4QT09

Anexo 02 – Paródias produzidas pelos alunos



Melhor da sala

Partiu pra escola
Pisei na bola
Ta é quase uma hoora

Qualé professor me deixa entrar
Tenho como justificar (vai)

Olha essa prova
Ta muito fácil
Não tem como errar
Incomparavel, unconfudivel
Mano, como não fechar?

Agora o prof elogia
Dizendo que eu tô top

Nois é foda o resto é moda
e nois não tem culpa de ser

Aos melhores da sala
E nois não tem culpa de ser
Aos melhores da sala
E nois não tem culpa de ser
Aos melhores da sala
Aos melhores da sala

Melhor do baile - Dani Russo

Tô alucinado nessa mina

Tô alucinado nessa mina e quando ela se liga, geral que entrometer.
Tô alucinado nessa mina e quando ela se liga, geral vai se envolver.
E quando ela me dá um murro não tem cão, dente quebrado, cara quebrada e quase ninguém não notou.
Cabelo duro ao vento trocar argumentos por sedução faz pose pra feto, tirando onda e o celular caiu no chão.
Ela manda o papo reto com um bafão oh, assim cair no chão, ela manda o papo reto com um bafão oh, não fiquei bom não.
Tô alucinado nessa mina e quando ela se liga, geral que entrometer.
Tô alucinado nessa mina e quando ela se liga, geral vai se envolver (1 X)

Nome da música: Tô apaixonado nessa mina: MC Kevinho

Vai dançando

Se juntou com os primos e foi abrir a lojinha pegar o dinheiro e comprar uma roupinha e depois das roupinhas ficarem arrumadas ainda mais que Tu Tem cara safada

A noite é a balada daqui a pouco Tomas ai vai aproveitando que os cara estão ai

Vai dançando, am, am, am, am...

Vai embriagado

Jorgival me flagrou

Jorgival me flagrou, pegando a mina dele no bequinho, me xingou, ficou de Caô, me deu um murro na cara, que eu fiquei com dor 2X

Éramos parceiros, só tinha zoeira, era bagaceira, a gente caia na gandaia sim.

Era de terça-feira até sexta-feira, até o manézão apresentar a mina dele pra mim.

Eu vi ela na baladeira, dançando a noite inteira e mandei o papo-rerentin.

Ficou tímida, nem quis me olhar, eu pisei na bola, porque fui me declarar.

Tô zerodão

Eu zoei na minha sala.
A diretora ficou retada.
Ela me deu uma suspensão.
E meu pai me colocou em cima dos pijão.
Tô zerodão, dão, ~~dão.~~
Em cima dos pijão.
Tô zerodão, dão, dão.
Em cima dos pijão

NOME DA MUSICA: Vai Rabetão

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
T.C.L.E.

...***(nome do sujeito da pesquisa, nacionalidade, idade, estado civil, profissão, endereço, RG)***, neste ato representado por mim, ***(nome do representante legal, nacionalidade, idade, estado civil, profissão, endereço, grau de parentesco com o sujeito da pesquisa ou qualificação como tutor ou curador)***, está sendo convidado a participar de um estudo denominado "**A gíria na escola: as faces de um vocabulário efêmero e inovador**", cujos objetivos e justificativas são: analisar a ocorrência de gírias nas produções escritas dos participantes (alunos do 8º ano do Ensino Fundamental II), **a fim de identificar os fatores linguísticos e sociais que contribuem para esse fenômeno e propor, a partir da descrição realizada, uma metodologia de ensino, para o participante (docente no Colégio Normal Municipal de Maracás), que contribua para a compreensão desse fenômeno.**

A sua participação no referido estudo será no sentido de **ouvir as músicas "A Gíria é a cultura do povo", de Bezerra da Silva; "Papo reto", de Seu Jorge e "Trem bala", de Ana Vilela, no sentido de evidenciar a presença de vocábulos gírios nas letras dessas canções, para, posteriormente, produzir textos (paródias e tirinhas), para a composição do corpus da referida pesquisa.**

Fui alertado de que, da pesquisa a se realizar, é possível esperar alguns benefícios para o meu representado, tais como **despertar o gosto por composições musicais, sejam elas literárias ou não; ajudar no desenvolvimento do senso crítico, perceber a presença das gírias nos textos escritos; melhorar o desempenho da criatividade para produção de texto e ampliar a capacidade de leitura e escrita.** Recebi, por outro lado, os esclarecimentos necessários sobre os possíveis desconfortos e riscos decorrentes do estudo, levando-se em conta que é uma pesquisa, e os resultados positivos ou negativos somente serão obtidos após a sua realização. Assim, **os possíveis riscos e desconfortos da pesquisa se darão pelo cansaço físico e mental que poderei sofrer ao realizar as atividades propostas, ficando certo período ouvindo músicas e produzindo textos.** Estou ciente de que a sua privacidade será respeitada, ou seja, seu nome ou qualquer outro dado ou elemento que possa, de qualquer forma, o (a) identificar, será mantido em sigilo.

Também fui informado de que pode haver recusa à participação no estudo, bem como pode ser retirado o consentimento a qualquer momento, sem precisar haver justificativa, e de que, ao sair da pesquisa, não haverá qualquer prejuízo à assistência que vem recebendo.

Os pesquisadores envolvidos com o referido projeto são **Julival Novaes dos Santos*, mestrando do PorfLetras/UESB, o professor* Dr. Jorge Augusto Alves da Silva *(UESB*) e a *professora* Dra. Valéria Viana Sousa, *(UESB)*** e com eles poderei manter contato pelos telefones (73) 9 88412625; (77) 9 91086979 e (77) 9 88197295.

É assegurada a assistência do meu representado durante toda a pesquisa, bem como me é garantido o livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências, enfim, tudo o que eu queira saber antes, durante e depois da participação de ...***(nome do sujeito da pesquisa)***.

Enfim, tendo sido orientado quanto ao teor de todo o aqui mencionado e compreendido a natureza e o objetivo do estudo, autorizo a participação de ...***(nome do sujeito da pesquisa)*** na referida pesquisa, estando totalmente ciente de que não há nenhum valor econômico, a receber ou a pagar, pela participação.

No entanto, caso haja qualquer despesa decorrente da sua participação na pesquisa, haverá ressarcimento na forma seguinte: ressarcimento em dinheiro. De igual maneira, caso ocorra qualquer dano decorrente da participação no estudo, este será reparado, conforme determina a lei.

Em caso de reclamação ou qualquer tipo de denúncia sobre este estudo devo ligar para o CEP UESB (73) 3528-9727 ou mandar um *email* para cepuesb.jq@gmail.com

Vitória da Conquista, 19 de junho de 2017.

_____

(Assinatura e RG do representante legal do sujeito da pesquisa - juntar documento que comprove parentesco/tutela/curatela)

Julival Novaes dos Santos

Julival Novaes dos Santos

Dr. Jorge Augusto Alves da Silva

Dra. Valéria Viana Sousa

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA

]

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

T.C.L.E.

Eu...***(nome do sujeito da pesquisa, nacionalidade, idade, estado civil, profissão, endereço, RG)***, neste ato estou sendo convidado a participar de um estudo denominado "**A gíria na escola: as faces de um vocabulário efêmero e inovador**", cujos objetivos e justificativas são: analisar a ocorrência de gírias nas produções escritas dos participantes (alunos do 8º ano do Ensino Fundamental II), **a fim de identificar os fatores linguísticos e sociais que contribuem para esse fenômeno e propor, a partir da descrição realizada, uma metodologia de ensino, para o participante (docente no Colégio Normal Municipal de Maracás), que contribua para a compreensão desse fenômeno.**

A minha participação no referido estudo será no sentido de **ouvir as músicas "A Gíria é a cultura do povo", de Bezerra da Silva; "Papo reto", de Seu Jorge e "Trem bala", de Ana Vilela, no sentido de evidenciar a presença de vocábulos gírios nas letras dessas canções, para, posteriormente, produzir textos (paródias e tirinhas), para a composição do corpus da referida pesquisa.**

Fui alertado de que, da pesquisa a se realizar, é possível esperar alguns benefícios para mim, tais como: **despertar o gosto por composições musicais, sejam elas literárias ou não; ajudar no desenvolvimento do senso crítico, perceber a presença das gírias nos textos escritos; melhorar o desempenho da criatividade para produção de texto e ampliar a capacidade de leitura e escrita.** Recebi, por outro lado, os esclarecimentos necessários sobre os possíveis desconfortos e riscos decorrentes do estudo, levando-se em conta que é uma pesquisa, e os resultados positivos ou negativos somente serão obtidos após a sua realização. Assim, **os possíveis riscos e desconfortos da pesquisa se darão pelo cansaço físico e mental que poderei sofrer ao realizar as atividades propostas, ficando certo período ouvindo músicas e produzindo textos.** Estou ciente de que a minha privacidade será respeitada, ou seja, meu nome ou qualquer outro dado ou elemento que possa, de qualquer forma, me identificar, será mantido em sigilo.

Também fui informado de que pode haver recusa à participação no estudo, bem como pode ser retirado o consentimento a qualquer momento, sem precisar haver justificativa, e

de que, ao sair da pesquisa, não haverá qualquer prejuízo à assistência que venho recebendo.

Os pesquisadores envolvidos com o referido projeto são **Julival Novaes dos Santos*, mestrando do PorfLetras/UESB,* o professor** **Dr. Jorge Augusto Alves da Silva *(UESB*) e a *professora* Dra. Valéria Viana Sousa, *(UESB)*** e com eles poderei manter contato pelos telefones (73) 9 88412625; (77) 9 91086979 e (77) 9 88197295.

É assegurada a minha assistência durante toda a pesquisa, bem como me é garantido o livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências, enfim, tudo o que eu queira saber antes, durante e depois da participação **dos alunos envolvidos**.

Enfim, tendo sido orientado quanto ao teor de todo o aqui mencionado e compreendido a natureza e o objetivo do estudo, autorizo a minha participação...***(nome do sujeito da pesquisa)*** na referida pesquisa, estando totalmente ciente de que não há nenhum valor econômico, a receber ou a pagar, pela participação.

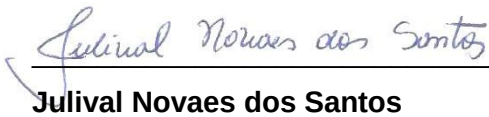
No entanto, caso haja qualquer despesa decorrente da minha participação na pesquisa, haverá ressarcimento na forma seguinte: ressarcimento em dinheiro. De igual maneira, caso ocorra qualquer dano decorrente da participação no estudo, este será reparado, conforme determina a lei.

Em caso de reclamação ou qualquer tipo de denúncia sobre este estudo devo ligar para o CEP UESB (73) 3528-9727 ou mandar um *email* para cepuesb.jq@gmail.com

Vitória da Conquista, 19 de junho de 2017.

_____

(Assinatura e RG do sujeito da pesquisa)



Julival Novaes dos Santos

_____

Dr. Jorge Augusto Alves da Silva

_____

Dra. Valéria Viana Sousa